

Lisboa: 28 ago. 1967.

CORRESPONDÊNCIA
DA AICP AO MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.

Exmo. Senhor
Director Geral dos Negócios Políticos
Ministério dos Negócios Estrangeiros
Largo Rilvas

L I S B O A 3

Proc. 81,30/67
CLT. 389

Nº 74 - Cap. I
Artº. 2º

Lisboa, 28 de Agosto de 1967

Tenho a honra de acusar a recepção da carta de V. Exª. de 16 de Agosto corrente, e de informar que uma data em fins de Outubro ou princípios de Novembro seria mais conveniente para a recepção nesta Academia do Prof. Moysés Vellinho.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V.Exª. os melhores cumprimentos

O SECRETARIO GERAL,


João da Costa Freitas

Lisboa: 29 ago. 1967.

CORRESPONDÊNCIA
DO MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS À AICP

ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.

24



MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS
 DIRECÇÃO-GERAL
 DOS
 NEGÓCIOS POLÍTICOS E DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA

ACADEMIA INTERNACIONAL
 DA CULTURA PORTUGUESA
 N.º 131
 Em 13/9/1967
 Cap. I Art. 2º

Proc. 81,30
 CLT 413

Lisboa, 29 de Agosto de 1967

MUITO URGENTE

Exm^o. Senhor *Infirma que se trata de acord*
 Presidente da Academia Internacional
 de Cultura Portuguesa

[Signature]

Em aditamento ao ofício desta Secretaria de Estado CLT 389, de 16 do corrente, tenho a honra de comunicar a V. Ex^a. que a Embaixada de Portugal no Rio de Janeiro acaba de informar que o Dr. Moysés Vellinho tenciona partir para Lisboa em 8 de Setembro próximo, acompanhado de sua Esposa, seguindo imediatamente para a França e a Alemanha, e regressando a Portugal na segunda quinzena de Outubro, permanecendo no nosso país durante quinze dias.

2. o Prof. Vellinho, actualmente membro do Conselho Nacional de Cultura do Brasil, desejaria vir a receber naquela ocasião o grau que lhe teria sido conferido por essa Academia.

3. Muito agradeceria a V. Ex^a. se dignasse habilitar esta Secretaria de Estado, com toda a possível urgência, acerca da conveniência da data proposta pelo Dr.

/...

Handel Denis

Lisboa: 2 set. 1967.

**CORRESPONDÊNCIA
DE MOYSÉS VELLINHO À AICP**

ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.

MOYSÉS VELLINHO

Pôrto Alegre, 2/9/1967

Exmo. Sr.
Prof. João da Costa Freitas
D. D. Secretário Geral da
Academia Intern. da Cultura Portuguesa
Lisboa

Acadêmiz
Atenc a
recepção

Prezado Senhor:

Tenho a honra de remeter a V. Ex. o curriculum que me solicitou, destinado ao Anuário dessa Instituição. Talvez eu me tenha excedido em dados desnecessários. Fica, evidentemente, ao critério de V. Ex. mandar adaptá-lo à medida apropriada.

Devo dizer-lhe que não o remeti antes porque o pedido me foi encaminhado com muito atraso e ainda assim quando eu me achava ausente.


Pedindo-lhe escusas pela falta involuntária, sirvo-me do ensejo para expressar a V. Ex. meus protestos de elevada estima e consideração.

M. V.

Porto Alegre: 5 set. 1967.

CORRESPONDÊNCIA
DO CÔNSUL DE PORTUGAL EM PORTO ALEGRE À AICP

ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.


 CONSULADO DE PORTUGAL
 PORTO ALEGRE - BRASIL
 67DC24/423

Porto Alegre, 5 de Setembro de 1967.

Exm^o. Senhor
 Dr. João da Costa Freitas
 M.D. Secretário Geral da
 ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA
 Rua das Portas de Santo Antão, 100

ACADEMIA INTERNACIONAL
 DA CULTURA PORTUGUESA
 N.º 133
 Em 12/9/1967
 Cat. I Art. 2º

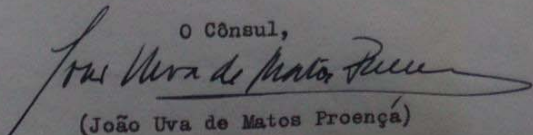
L I S B O A - 2

Em aditamento aos officios deste Consulado n.ºs. 404 e 413, de 24 e 28 de Agosto findo, respectivamente, tenho a honra de chamar a atenção de V.Ex^ª. para a errónea referência feita ao trabalho do Dr. Moysés Vellinho "O BRIGADEIRO JOSÉ DA SILVA PAIS E A INCORPORAÇÃO DO CONTINENTE DE S. PEDRO", devida a mero lapso.

Este trabalho, segundo me informou o Dr. Moysés Vellinho, já foi remetido directamente ao Exm^o. Sr. Presidente dessa Academia, para conhecimento, sendo intenção do seu autor lê-lo na cerimónia da investidura no cargo de Académico Correspondente.

O trabalho intitulado "A HERANÇA LUSITANA NA CULTURA DO RIO GRANDE DO SUL", que é conteúdo do recorte que acompanhou o officio 413, foi o lido pelo autor durante a cerimónia de entrega do diploma de sócio correspondente, e não o primeiro daqueles trabalhos como por lapso mencionei.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V.Ex^ª. os meus melhores cumprimentos.

A bem da Nação
 O Cónsul,

 (João Uva de Matos Proença)

Lisboa: 8 set. 1967.

CORRESPONDÊNCIA
DA AICP AO CÔNSUL DE PORTUGAL EM PORTO ALEGRE

ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.

Nº 76 - Cap. I
Artº. 2º

Exmo. Senhor
Dr. João Uva de Matos Proença
Ilustre Cônsul de Portugal em Pôrto Alegre
Pôrto Alegre - BRASIL

Lisboa, 8 de Setembro de 1967

Tenho a honra de acusar a recepção dos officios de V. Exª., respectivamente de 24 e 28 de Agosto, p.p. Muito agradeço a V. Exª. o envio da coleção de recorões da imprensa local que se reportam à cerimónia da entrega do diploma de Académico Correspondente ao Prof. Dr. Moysés Vellinho.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V. Exª. os meus melhores cumprimentos.

O SECRETÁRIO GERAL,

João da Costa Freitas

Lisboa: 8 set. 1967.

CORRESPONDÊNCIA DA AICP A MOYSÉS VELLINHO

ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.

Nº 77 - Cap. I
Artº. 2º

Exmo. Senhor
Prof. Doutor Moysés Vellinho
André Puente, 239
Pôrto Alegre - RGS - BRASIL

Lisboa, 8 de Setembro de 1967

Tenho a honra de acusar a recepção da carta de V. Exª. de
2 do corrente, e de agradecer o "curriculum" que a acompanhou.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V. Exª. os melho-
res cumprimentos.

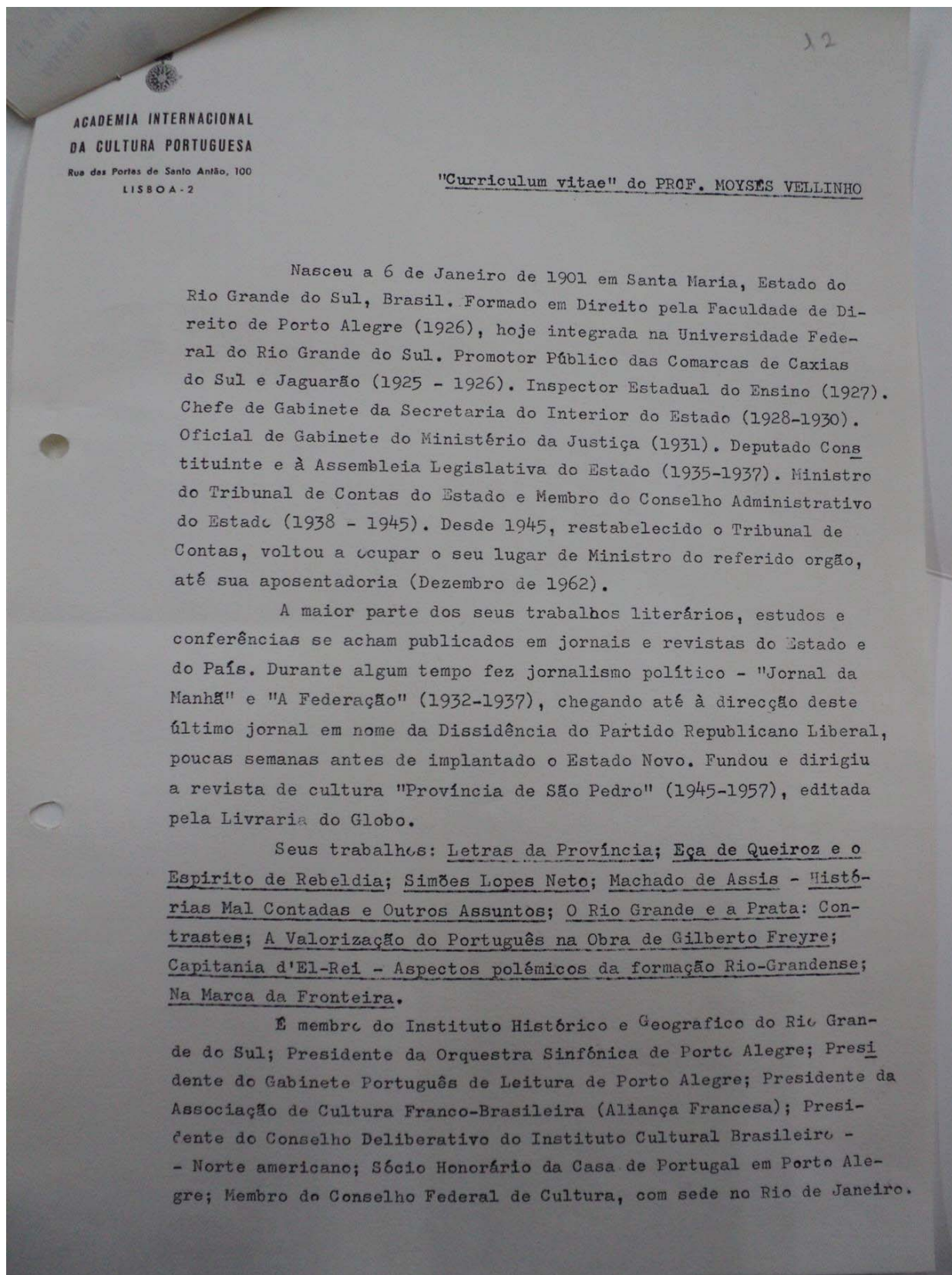
O SECRETÁRIO GERAL,

João da Costa Freitas

Porto Alegre: ago. 1967.

CURRICULUM VITAE DE MOYSÉS VELLINHO ENVIADO À AICP


ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.



Lisboa: 21 set. 1967.

CORRESPONDÊNCIA
DO MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS À AICP

ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.

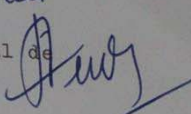

 MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS
 Direcção-Geral
 dos
 Negócios Políticos

ACADEMIA INTERNACIONAL
 DA CULTURA PORTUGUESA
 N.º 141
 Em 25/9/1967
 Cap. I Art. 2º

Proc. 81,30
 CLT. 481

Lisboa, 21 de Setembro de 1967

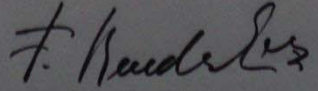
Exmo. Senhor
 Presidente da Academia Internacional de
 Cultura Portuguesa

Apresentar


Em referência ao ofício dessa Academia nº. 74 (cap. I-Artº. 2º.), de 28 de Agosto findo, tenho a honra de juntamente enviar a V.Exª. fotocópia de uma colecção de recortes da imprensa de Porto Alegre acerca da entrega ao Prof. Moysés Vellinho do diploma de Sócio Correspondente dessa Instituição cultural.

2. Permito-me salientar a V.Exª. o interesse especial dos seguintes documentos anexos:

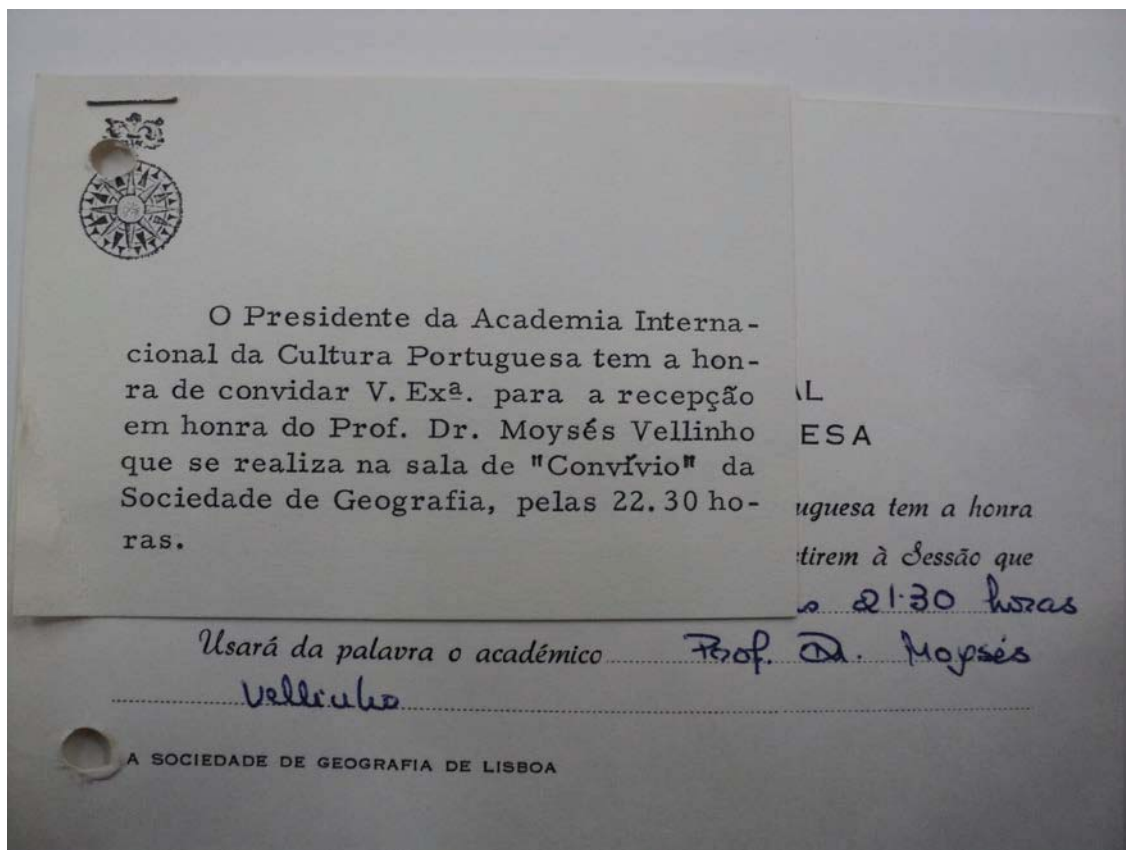
- "O Brigadeiro José da Silva Pais e a Incorporação do Continente de São Pedro", trabalho do Prof. Vellinho lido após a cerimónia da referida entrega;
- "A obra de Moysés Vellinho", do Prof. Guilhermino Cesar;
- "A Herança Lusitana na Cultura do Rio Grande do Sul", do Prof. Vellinho.

Pel' A Bem da Nação
 O DIRECTOR GERAL


Lisboa: 24 out. 1967.

**CONVITES DE POSSE E DE RECEPÇÃO DE MOYSÉS VELLINHO COMO
ACADÊMICO DA AICP EM LISBOA**

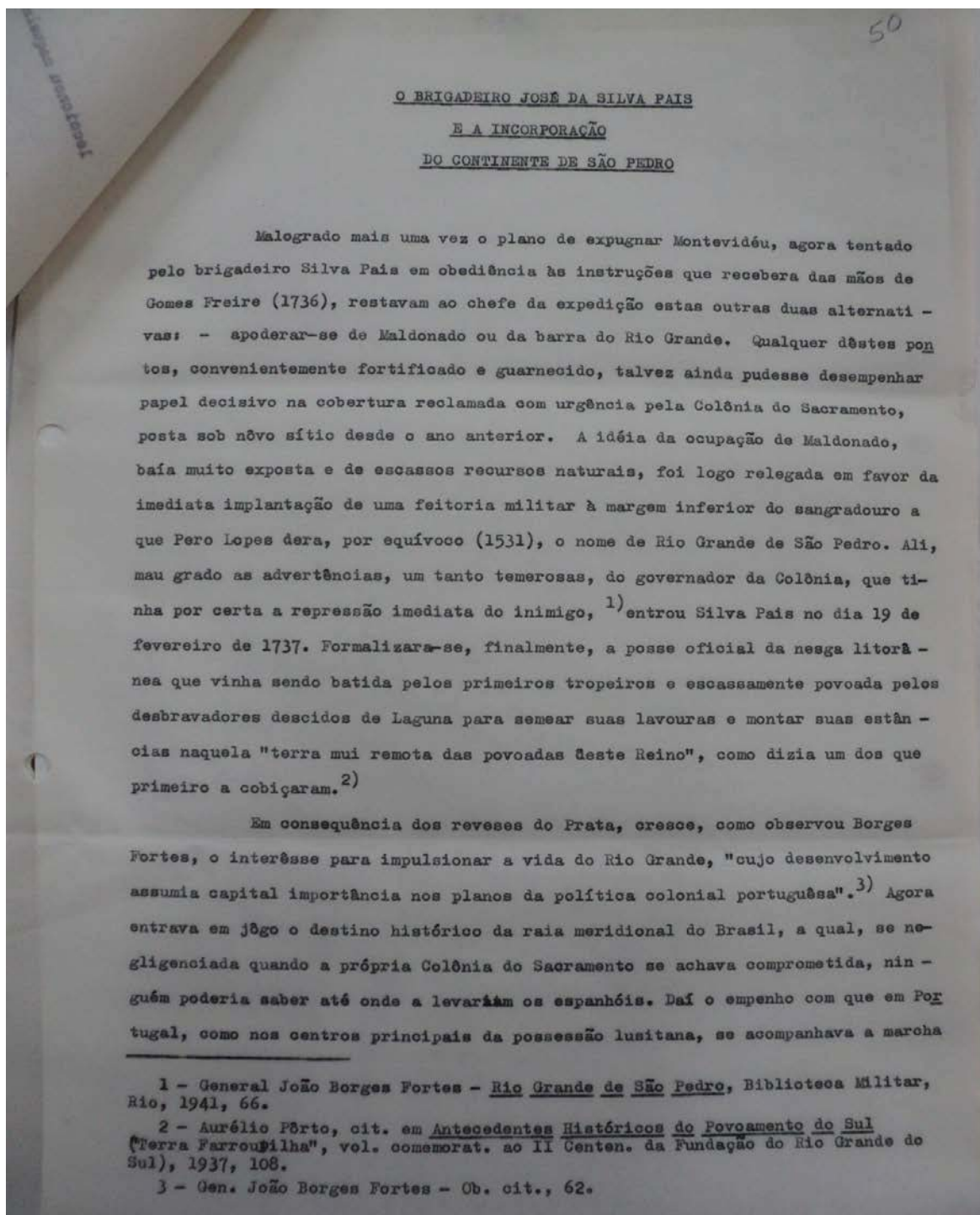
ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.



Lisboa: 24 out. 1967.

**DATILOSCRITO DA PRIMEIRA PÁGINA DO DISCURSO DE POSSE²¹ DE
MOYSÉS VELLINHO EM LISBOA COMO ACADÊMICO DA AICP:
“O BRIGADEIRO JOSÉ DA SILVA PAIS E A INCORPORAÇÃO DO
CONTINENTE DE SÃO PEDRO”**

ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.



²¹ O material datiloscrito trata-se da primeira versão do discurso de Moysés Vellinho. A conferência sofreu alterações e foi publicada no jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre/RS, em 20 de novembro de 1967, que tivemos como base para sua transcrição, exposta a seguir.

Correio do Povo. Porto Alegre: 20 nov. 1967.

**DISCURSO DE POSSE DE MOYSÉS VELLINHO EM LISBOA COMO
ACADÊMICO DA AICP: “O BRIGADEIRO JOSÉ DA SILVA PAIS E A
INCORPORAÇÃO DO CONTINENTE DE SÃO PEDRO” – PARTE 1**

ACERVO MOYSÉS VELLINHO. DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS.

Por ocasião de sua posse na Academia Internacional da Cultura Portuguesa, em sessão realizada no dia 24 de outubro último em Lisboa, o escritor Moysés Vellinho apresentou a comunicação que transcrevemos a seguir:

Venho de uma das partes mais remotas do vasto Império cultural que o mundo deve à coragem, à riqueza de alma, ao espírito de determinação do gênio português. Nasci do outro lado dos mares, no extremo sul do Brasil, ali onde tanto se lutou, ao longo de cem anos, pela implantação dos valores que nos são comuns e que constituem, sociologicamente falando, o suporte vital da pátria brasileira. E por vir de tão longes terras, é natural que me sirva deste grande momento de minha vida para confessar aqui que não foi sem certo espanto na alma que recebi a imerecida gratificação de minha escolha para membro desta egrégia instituição.

Pois se assim quis a generosidade de meus eminentes pares, aqui estou para manifestar-lhes minha gratidão e cumprir o mandamento regimental que consiste na apresentação e leitura de uma comunicação. Escolhi para tema do trabalho uma das figuras decisivas na empresa de fixação da fronteira do Brasil em sua parte crítica por excelência. Passo, pois, à leitura do capítulo que consagrei à ação do brigadeiro José da Silva Pais como fator de integração política e territorial do Brasil. Esse português de prol, uma das individualidades mais assinaladas dos reinados de D. Pedro II e de D. João V, inaugurou a cadeia de mandatários ilustres a quem a Metrópole confiaria a conquista e defesa do antigo Continente de São Pedro.

Afora as ligeiras abordagens de reconhecimento da costa por parte de Pero Lopes, da grande expedição de Martim Afonso de Souza ao Rio da Prata, em 1531, admite-se que remontam a 1550 os primeiros contatos da gente portuguesa com as terras até então desconhecidas que hoje formam o Rio Grande do Sul. Eram mercadores que baixavam de São Vicente bordejando o litoral, transpunham a barra do Rio Grande e subiam até os vales do Taquari e Jacuí, para entreter comércio com os aborígenes. Quando os primeiros missionários espanhóis vadearam o Uruguai em 1626, encontraram vestígios dessas remotas excursões, identificados não só por objetos estranhos à cultura indígena, mas até por traços errados de mestiçagem, pegadas silenciosas, então ainda pacíficas, do enorme poder de expansão geográfica e biológica dos velhos portugueses.

Os contatos subsequentes com os sertões meridionais traziam intuítos piedosos. Foram as malogradas tentativas dos jesuítas da Assistência de Portugal, que se estenderam de 1605 até 1637. Com efeito, a coleção de Angelis, divulgada pelo Itamarati sob as altas vistas de Jaime Cortesão, dá notícia de que missionários portugueses buscaram fixar-se na parte oriental da região, tendo chegado até as imediações do Guaíba. Essas primeiras tentativas de evangelização do gentio foram, porém, anuladas pela hostilidade dos mamelucos, os quais nada pouparam contra a ação da catequese, nem mesmo a aliança pecaminosa com os feiticeiros, tidos pelos padres como agentes do demônio.

Outras incursões por parte da gente luso-brasileira, essas de caráter predatório, foram as que tiveram por alvo as reduções implantadas pelos jesuítas espanhóis à margem esquerda do Uruguai a partir de 1626. A intervenção direta do governo de Buenos Aires no caso configura, sem prejuízo aos nobres intuítos apostólicos dos filhos de Santo Inácio, o caráter cumulativamente político do

desbordamento territorial da Província do Paraguai sobre o Tape. Por isso mesmo, o procurador da Coroa junto ao Conselho Ultramarino se apressou a caracterizar esse fato como um caso de invasão. (A. Porto – Terra Farroupilha, 110). À falta de tropas regulares ou de aventureiros para a conquista e ocupação dos vastos domínios que reivindicava, a Espanha não estava em condições de dispensar a solícita cooperação da Companhia de Jesus. Não demorou, porém, que os bandeirantes, à frente, de seus aliados tupis, desabassem sobre as incipientes doutrinas dos jesuítas de Castela para arrebatá-los os neófitos e levá-los como escravos. As batidas dos sertanistas de São Paulo, gente dura e agreste, tocada pelos impulsos da própria sobrevivência, duraram cerca de sete anos, deixando como resultado a frustração da primeira tentativa organizada de apropriação da margem oriental do Uruguai pelos espanhóis.

Daí por diante cai sobre a região um silêncio de meio século. Os jesuítas da Província do Paraguai, no temor de novas agressões, haviam refluído para a outra ribanceira do rio, aguardando com paciência que as voltas do tempo lhes propiciassem a retomada da empresa interrompida. Os bandeirantes, por sua vez, embora tenham tomado outros rumos em cumprimento à sua impetuosa predestinação histórica, “nunca mais esqueceram as paragens do sul”, como observou o Pe. Balduino Rambo. Mais tarde voltariam a elas com frequência, já não porém como bandeirantes propriamente, senão como voluntários ou “aventureiros” enquadrados no serviço d’El-Rei. Já tinha passado o ciclo da preia e descida de índios. O sertanista se transformara em soldado. O que importava agora era garantir as divisas meridionais da posse lusitana e, se possível, avançá-las ainda mais. A presença dos paulistas nessa empresa foi constante e decisiva, como o foi também no povoamento das terras que iam crescendo na disputa com os castelhanos, até a configuração atual do Rio Grande.

A necessidade da conquista e ocupação do espaço geográfico interposto entre o porto de Laguna e a Colônia do Sacramento se fez sentir com urgência quando os espanhóis, por meio da nova penetração dos missionários de Castela (1684), entraram a se expandir sobre essa imensa área, com a multiplicação de suas reduções, suas desmarcadas vacarias, seus aprestos de guerra, suas milícias volantes. A cobiça dos luso-brasileiros, fascinados pelas promessas de riqueza dessas campanhas e sertões, manifestou-se desde cedo, antes mesmo de encerrado o século XVII. Datam de então, com efeito, as primeiras petições nesse sentido, as quais se foram amiudando progressivamente em direção ao Conselho Ultramarino, até que chegaram a mover seriamente o interesse da Metrópole. Esses velhos documentos já discriminavam perfeitamente o âmbito de seu objeto – as terras do futuro Continente de São Pedro – em relação ao destino da Colônia do Sacramento. No caso de se perder esse posto avançado do domínio português, sempre sob ameaça, era preciso barrar a marcha dos espanhóis e impedir que a área que se distendia ao norte da banda cisplatina e litoral adentro caísse debaixo de sua alçada política.

Este o temor dos portugueses. Daí o empenho, cada vez mais cerrado, com que suplicavam ao rei que a mandasse conquistar, povoar e defender. Em consulta datada de 31 de outubro de 1695, já o Conselho Ultramarino se pronunciava sobre o alvitre em que Manuel Jordão da Silva, residente no Rio de Janeiro, lembrava a conveniência de ser fundada uma povoação em território do Rio Grande de São Pedro. Outra representação semelhante, presumivelmente anterior a 1704, se deve a quem tinha grande experiência dessas paragens, o sargento-mor Francisco Ribeiro, que aportara à Colônia do Sacramento em 1690, ali permanecendo em postos de relevo até fins de 1703 ou começos de 1704 (Luiz Ferrand de Almeida – *Boletim de Bibl. da Universid. de Coimbra*, 1955). No documento em referência já se encarece a necessidade de levantar uma povoação fortificada no Rio Grande, além de outras, que tornassem “fácil a comunicação com o Brasil por todas as partes”.

Em 1714 é a Câmara da vila de São Francisco, na costa de Santa Catarina, que pondera ao governo do Rio de Janeiro: “O Rio Grande é que seria muito conveniente à Sua Majestade o se povoar, em razão dos castelhanos se não adiantem”. (Souza Docca). Já em 1717 o capitão-mor de Laguna, Francisco de Brito Peixoto, penetra no Rio Grande com seus homens e chega até a Serra de Botucaraí. Era o espírito de fronteira que se afirmava contra o inimigo que vinha do sul.

Por esse tempo já a ação dos tropeiros se fazia sentir traçando os caminhos para a descida dos lagunenses. A fim de animar a migração dessa gente brava e silenciosa, acudiria depois o próprio rei com seu alto estímulo, escrevendo diretamente ao capitão-mor, o já citado Francisco de Brito Peixoto. Ao longo do litoral iam sendo erguidos os primeiros ranchos, montadas as primeiras estâncias, lavradas as primeiras roças.

O certo, porém, é que nada se fazia pela segurança efetiva dos chamados distritos do sul, embora o Conselho Ultramarino, sensível aos reclamos que lhe eram dirigidos, se visse na contingência de ponderar ao soberano, em representação de 1728, que “toda a dilação em negócio de tanta importância será muito prejudicial, (...)”. (A. Porto – Ob. cit.). E a dilação continuou até que o novo ataque à Colônia do Sacramento, em 1735, o terceiro desde a sua fundação, exigiu a urgente organização e remessa de uma força expedicionária cujo comando foi entregue a Silva Pais.

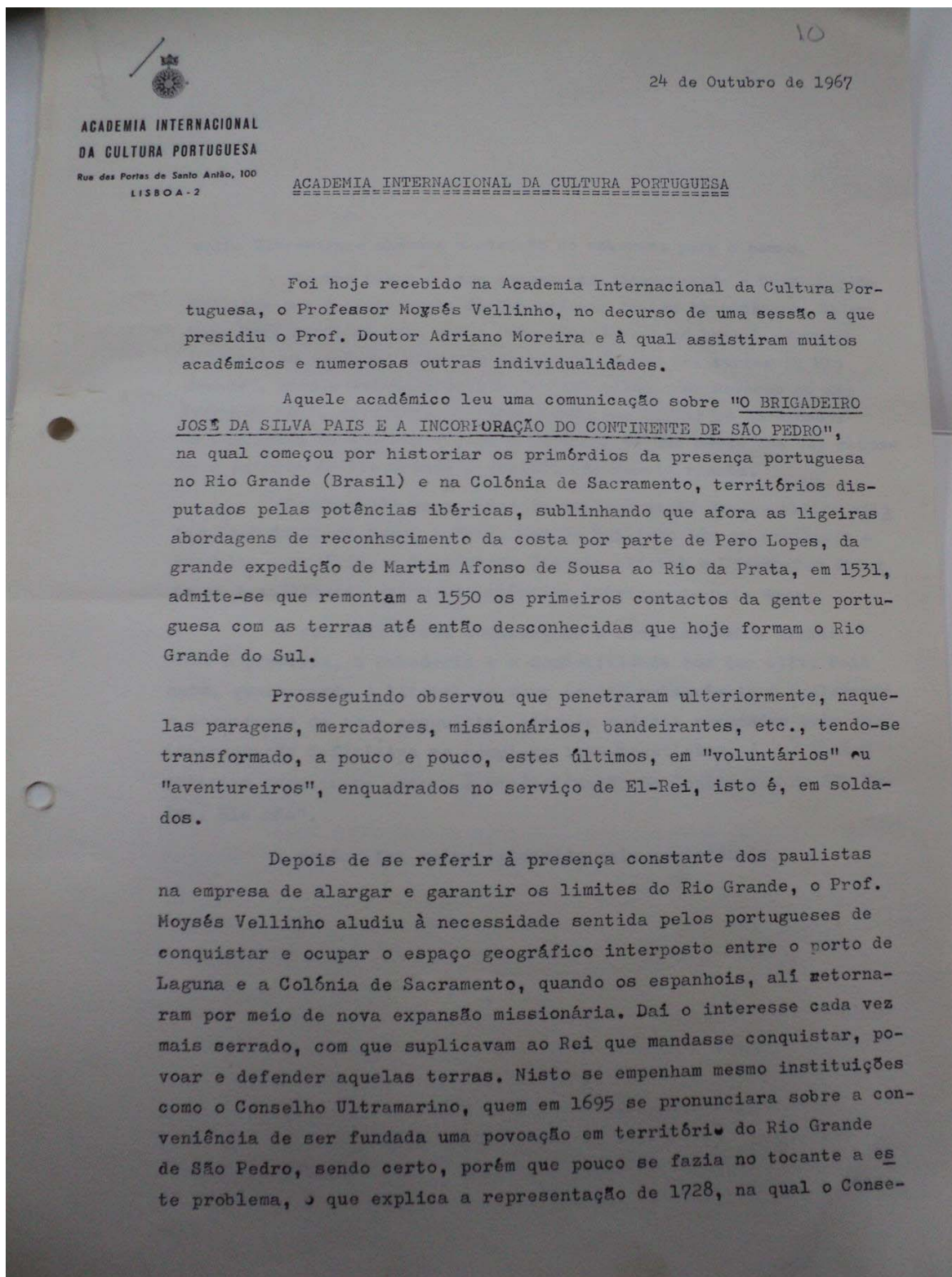
Havia uma ordem de prioridade a ser observada pelo Brigadeiro no curso das operações. Apesar, porém, do escalonamento previsto nas instruções, isto em nada diminuía o crescente interesse pelo imediato povoamento e segurança da área já inscrita no complexo colonial luso-brasileiro sob a imprecisa denominação de Capitania d’El-Rei. É que se formara a consciência de que já não havia apenas a Colônia do Sacramento com o seu comércio de couros e outros efeitos da rês e seu intenso e rendoso contrabando de prata e ouro com as dependências do domínio espanhol. Havia também os rebanhos inumeráveis de gado bovino, cavalar e muar, tudo alçado e sem dono, que começavam a impulsionar um novo comércio, este de curso interno, praticado em escala crescente pelos tropeiros. Em seus pesados e duros itinerários de ida e volta, desde os descampados cisplatinos até os mercados das capitânicas centrais, esses desassombrados batedores de desertos – sertanistas e aventureiros agora feitos mercadores de animais – iam rompendo as primeiras trilhas e ao mesmo tempo farejando as largas promessas com que lhes acenavam os domínios meridionais.

A descoberta das minas de ouro e diamante no centro do país, puxando para os garimpos gente de toda a parte, numa romaria confusa e febril, veio dar dimensões mais amplas às relações econômicas com o extremo sul. Tais relações assumiriam, em virtude das próprias atividades de mineração, um caráter imperioso, determinado pelas intensas necessidades do transporte, todo feito em lombo de burro, e pelo suprimento de carne para os sôfregos arraiais que fermentavam em torno das catas.

Lisboa: 24 out. 1967.

**ATA DE POSSE DE MOYSÉS VELLINHO
EM LISBOA COMO ACADÊMICO DA AICP - PÁGINA 1**

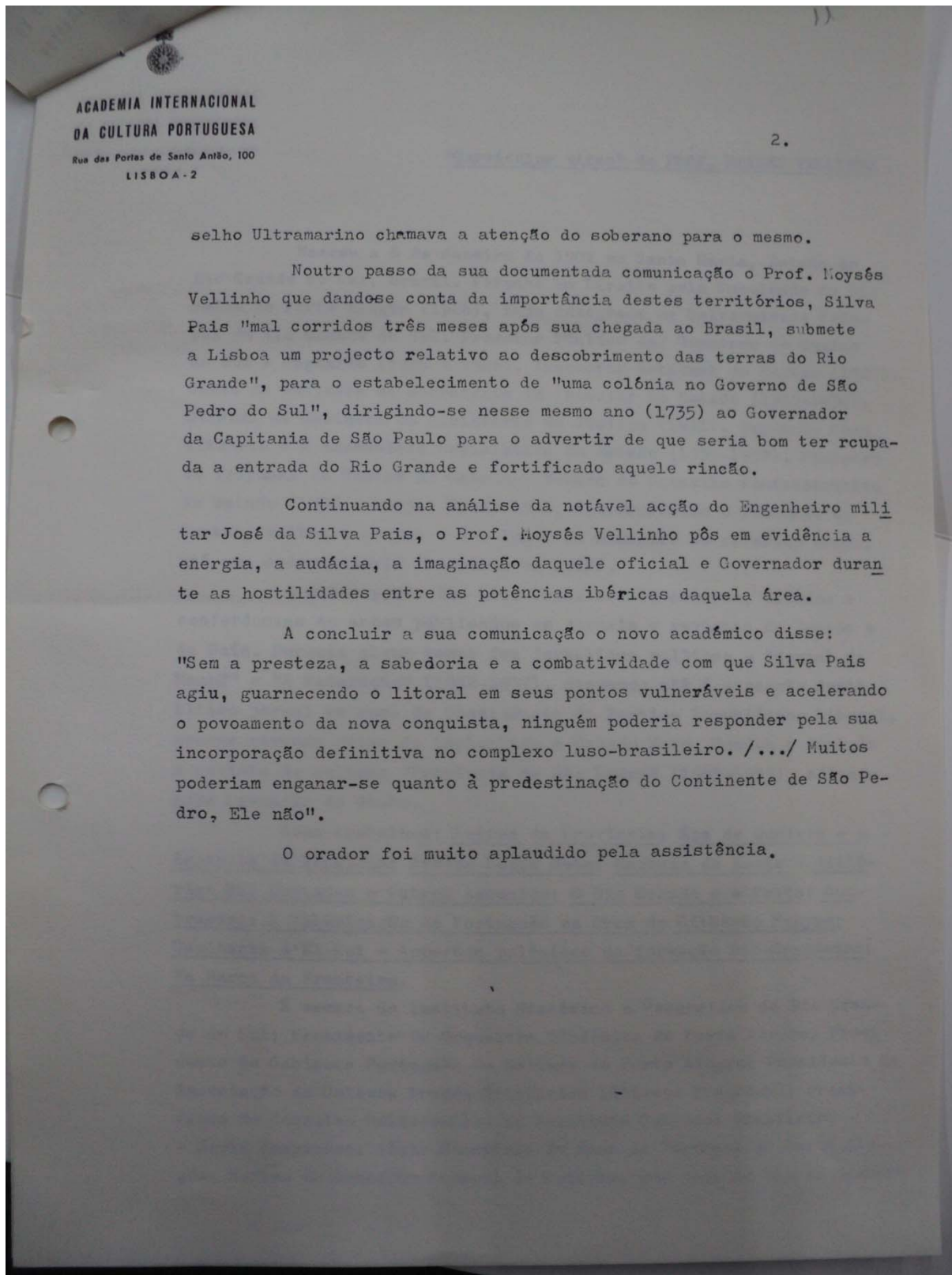
ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.



Lisboa: 24 out. 1967.

**ATA DE POSSE DE MOYSÉS VELLINHO
EM LISBOA COMO ACADÊMICO DA AICP – PÁGINA 2**

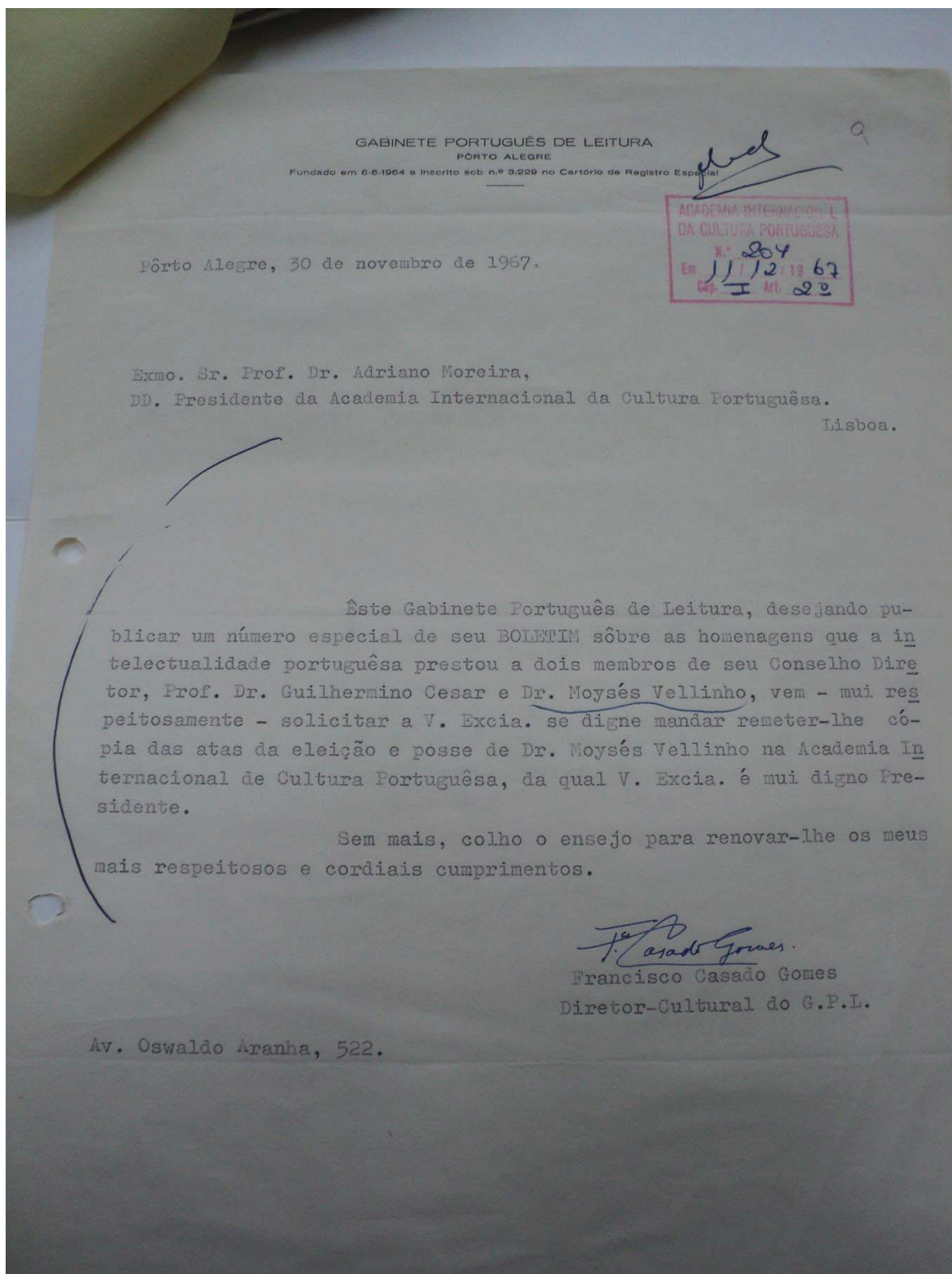
ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.



Porto Alegre: 30 nov. 1967.

CORRESPONDÊNCIA
DO GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA DE PORTO ALEGRE À AICP

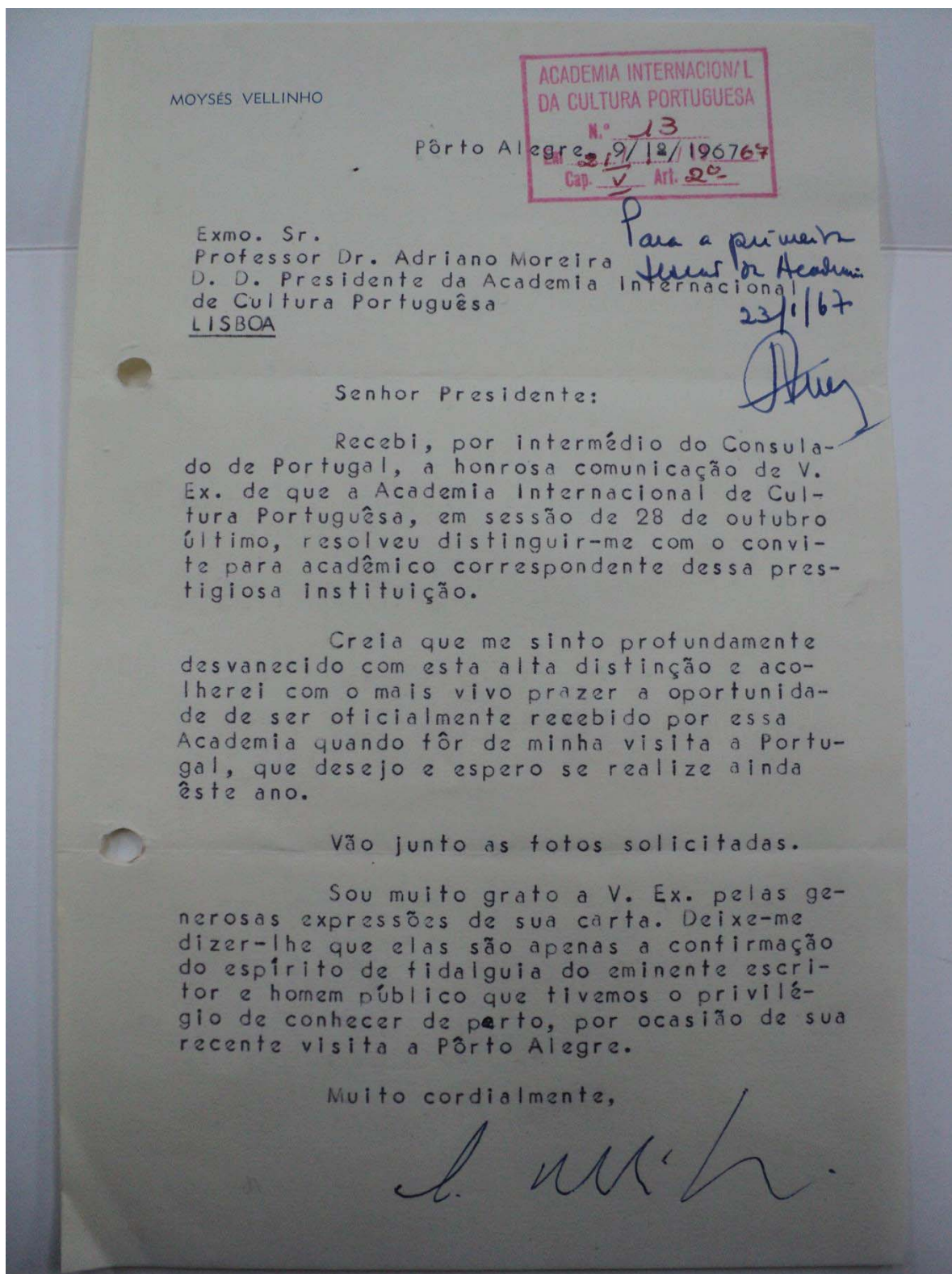
ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.



Porto Alegre: 9 dez. 1967.

CORRESPONDÊNCIA DE MOYSÉS VELLINHO À AICP

ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.



Lisboa: 26 dez. 1967.

CORRESPONDÊNCIA

DA AICP AO GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA DE PORTO ALEGRE

ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.

Exmo. Senhor
Dr. Francisco Casado Gomes
Ilustre Director Cultural do
Gabinete Português de Leitura
PORTO ALEGRE

Nº115-Cap.I

Artº. 2º

Lisboa, 26 de Dezembro de 1967

Tenho a honra de acusar a recepção da carta de V. Exª.
de 30 de Novembro p.p.. O Prof. Moysés Vellinhe foi eleito pela
Academia Internacional da Cultura Portuguesa, em reunião de 31
de Março de 1967, conforme ficou registado.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V. Exª. os
melhores cumprimentos.

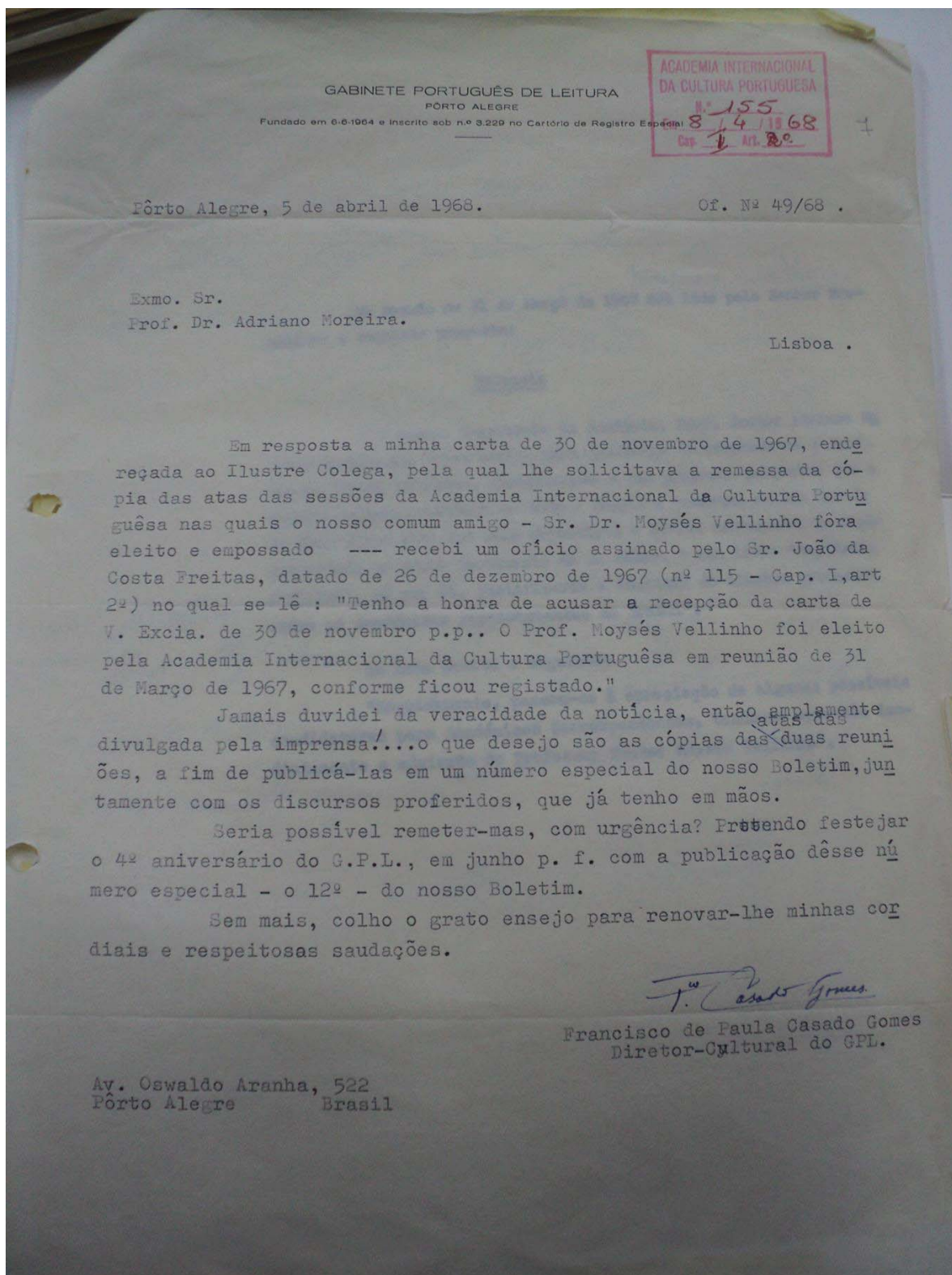
O SECRETÁRIO GERAL,

João da Costa Freitas

Porto Alegre: 5 abr. 1968.

CORRESPONDÊNCIA DO GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA DE PORTO ALEGRE À AICP

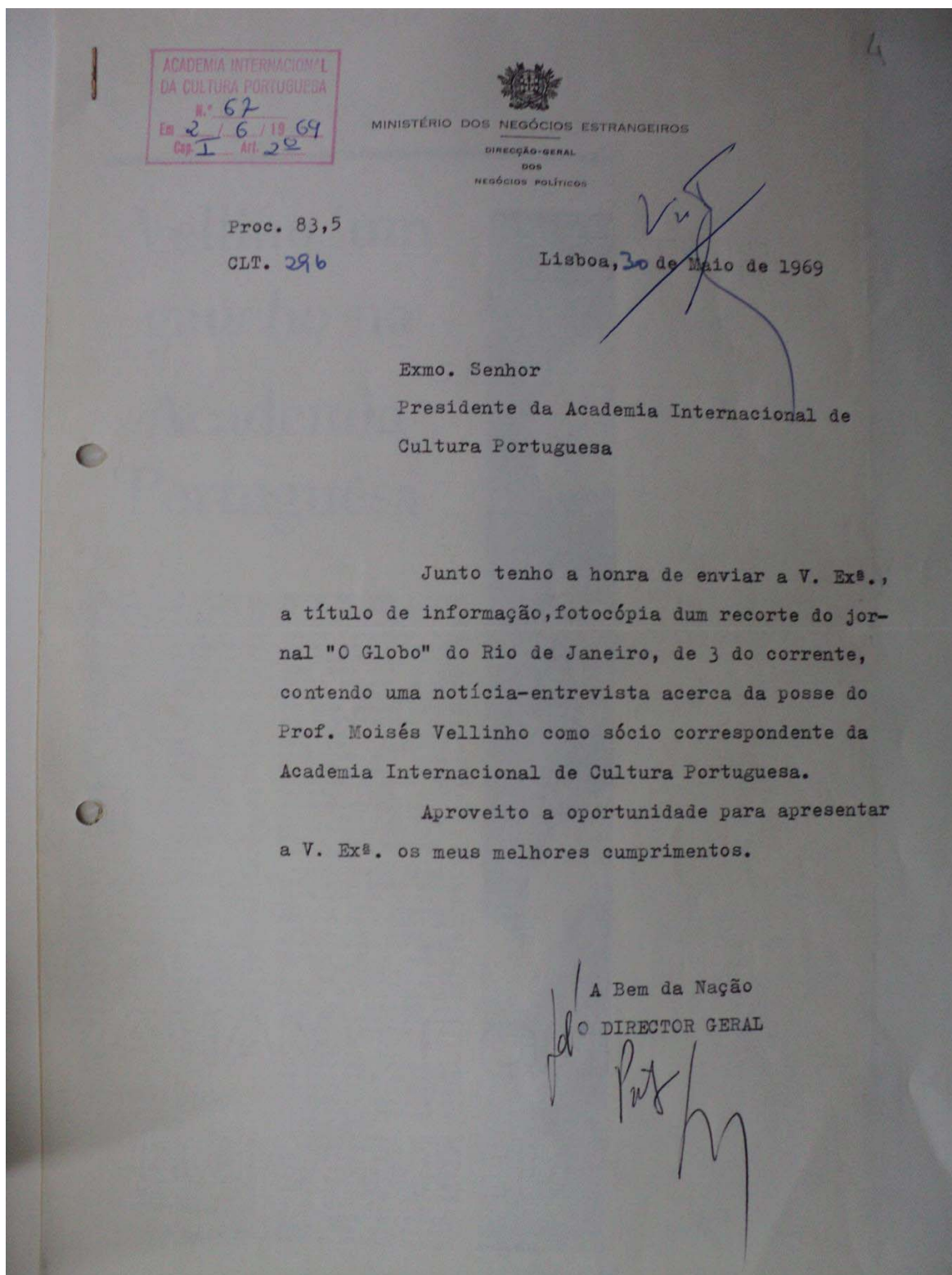
ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.



Lisboa: 30 mai. 1969.

**CORRESPONDÊNCIA DO
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS À AICP**

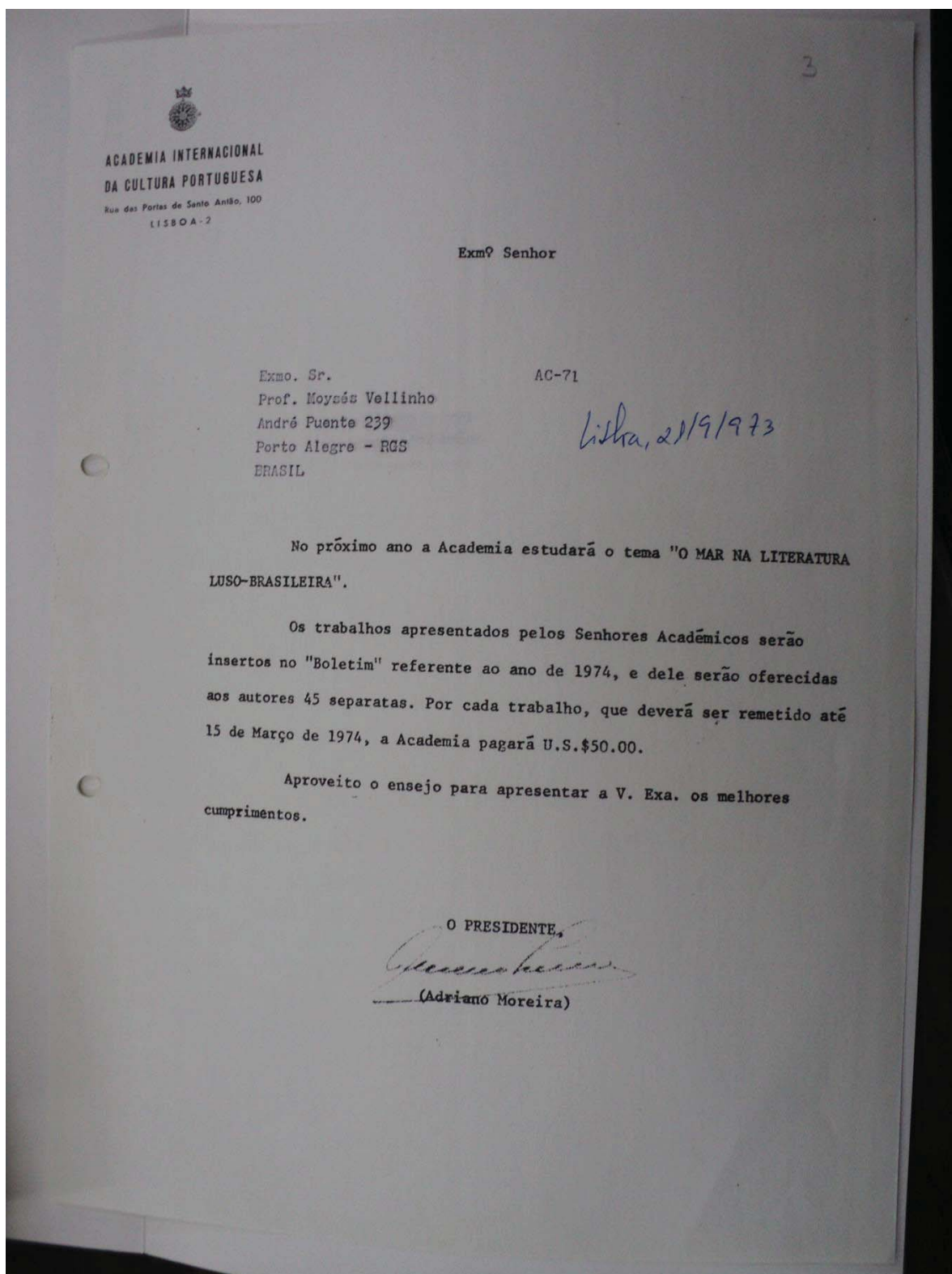
ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.



Lisboa: 21 set. 1973.

CORRESPONDÊNCIA DA AICP A MOYSÉS VELLINHO

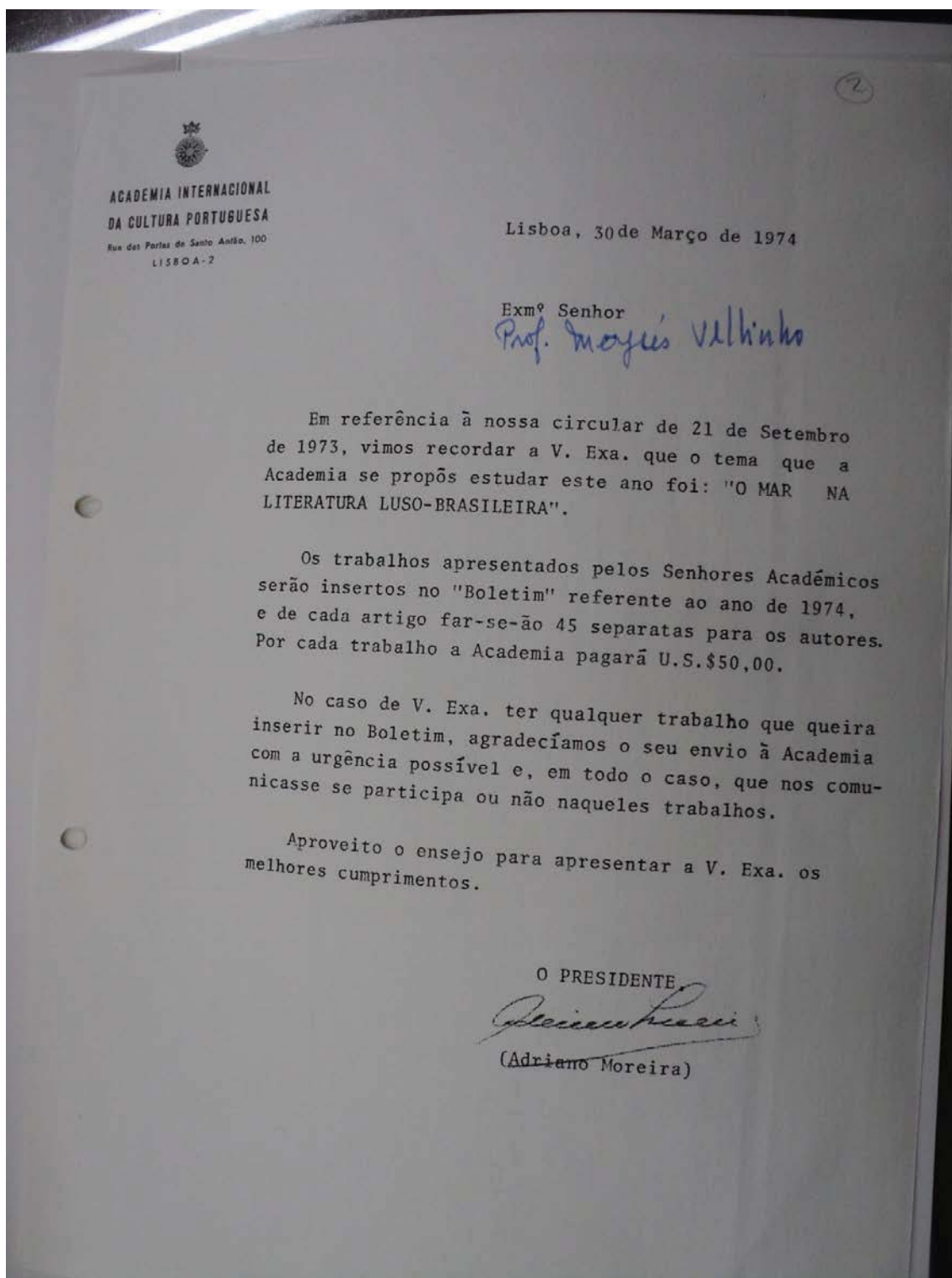
ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.



Lisboa: 30 mar. 1974.

CORRESPONDÊNCIA DA AICP A MOYSÉS VELLINHO

ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.



Lisboa

**REGISTRO DAS PRODUÇÕES DE MOYSÉS VELLINHO
NO BOLETIM DA AICP**

ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.

DOUTOR MOYSÉS VELLINHO

BOLETIM Nº 5 :

- O mestre de campo André Ribeiro Coutinho,
2º governador do continente de rio grande de
S. Pedro.

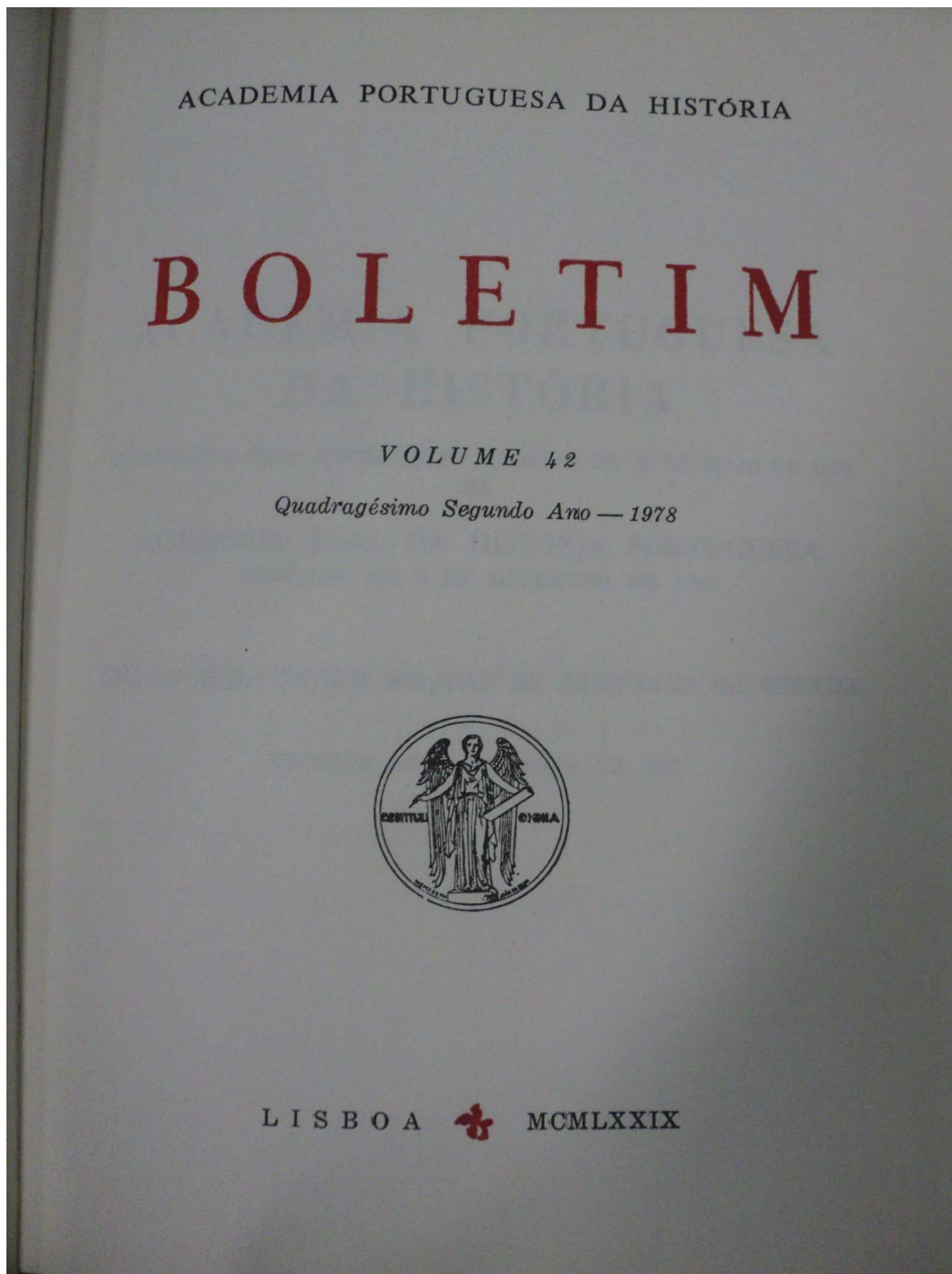
BOLETIM Nº 12 :

- Aparas do tempo.
- Prefácio.
- Nota de introdução.
- Nota de autor.
- Dois poetas desconhecidos. (1944)
- Eça de Queirós e o espírito de rebeldia.
(1945)
- Crianças da campanha. (1947)
- O romance de Gustavo Corção . (1953)
- O negro americano. (algumas observações)
(1953)
- Baptismo do palácio. (1955)

Lisboa: 1978.

**CAPA DO BOLETIM 42 DA ACADEMIA PORTUGUESA DE HISTÓRIA:
REGISTRO DE MOYSÉS VELLINHO COMO ACADÊMICO**

ACERVO DA ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA. Lisboa.



Lisboa: 1978.

**REGISTRO DE MOYSÉS VELLINHO NO BOLETIM DA ACADEMIA
PORTUGUESA DE HISTÓRIA**

ACERVO DA ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA. Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

(Volume 34)

MOSÉS de Moraes VELHINHO. — *Correspondente brasileiro* (4-10-978). — Rua Hilário Ribeiro, n.º 354, apart. 301, Moínhos de Vento, Porto Alegre — Brasil.

BIBLIOGRAFIA

- Letras da Província*. Porto Alegre, 1960. (2.ª edição).
Eça de Queirós e o espírito de rebeldia. Lisboa, Rio de Janeiro, 1945.
Simões Lopes Neto. Em «Nossos Clássicos». Rio de Janeiro, 1957.
Machado de Assis — Histórias mal contadas e outros assuntos. Rio de Janeiro, 1960.
José Veríssimo. Em «A Literatura no Brasil», vol. III. Rio de Janeiro, 1968.
A valorização do Português na obra de Gilberto Freyre. Em «Gilberto Freyre: sua Ciência, sua Filosofia, sua Arte». Rio de Janeiro, 1962.
Capitania de El-Rei. 1964 (1.ª edição), 1970 (2.ª edição).
Recortes do Velho Mundo — Notas a lápis. Porto Alegre, 1970.
Fronteira. Porto Alegre, 1975.
Oswaldo Aranha — Pequenos registros à margem de uma grande personalidade — Evocação. 1978.

SESSÃO DE 4 DE OUTUBRO DE 1978

Moisés Moraes Velinho

Presidente do Instituto Histórico do Rio Grande do Sul, região onde aufero do maior prestígio cultural, o Dr. Moisés Velinho tem escrito vários trabalhos sobre aquele Estado, nomeadamente as obras «Capitania d'El-Rei» e «A Fronteira». É também sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Estes títulos justificam a proposta do Conselho Académico no sentido de o Dr. Moisés Velinho ser eleito, ao abrigo do art.º 5.º do Regulamento Interno, académico correspondente da nossa Academia.

Todas as propostas foram aprovadas.

Lisboa: 1978.

**PROPOSTA DA ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA A MOYSÉS
VELLINHO COMO ACADÊMICO CORRESPONDENTE**

Lisboa: 10 out. 1978.

**CORRESPONDÊNCIA DA ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA A
MOYSÉS VELLINHO**

ACERVO DA ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA. Lisboa.

PROPOSTA

Presidente do Instituto Histórico do Rio Grande do Sul, região onde aufero do maior prestígio cultural, o Dr. Moisés Velinho tem escrito vários trabalhos sobre aquele Estado, nomeadamente as obras "Capitania d'El-Rei" e "A Fronteira". É também sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Estes títulos justificam a proposta do Conselho Académico no sentido de o Dr. Moisés Velinho ser eleito, ao abrigo do artº. 5 do Regulamento Interno, sócio correspondente da nossa Academia.

Exmo. Senhor Dr. Moisés de Moraes Velinho

Rua Hilário Ribeiro 354, apto 301, Moinhos de Vento
90.000 Porto Alegre

Nº. 381/78

RIO GRANDE DO SUL

Tenho a honra de comunicar a V. Exª. que, na sessão dos académicos de número de 4 do corrente, foi aprovada a proposta do Conselho Académico para a admissão de V. Exª. nesta Instituição como académico correspondente, tendo em apreço a sua notável obra histórica e os seus elevados méritos pessoais.

Congratula-se, assim, a Academia Portuguesa da História com o resultado do escrutínio, pois ficou enriquecida com mais um ilustre membro do país irmão.

A fim de organizar o processo académico de V. Exª., junto envio o boletim bio-bibliográfico, o qual fará o favor de preencher e devolver acompanhado de duas fotografias pequenas (tipo passe).

Regozijo-me sinceramente com a eleição de V. Exª., aproveito o ensejo para lhe apresentar os meus melhores cumprimentos.

Secretaria, 10 de Outubro de 1978

O Secretário-Geral

Anexo: 1 boletim bio-bibliográfico

**ANEXO P – RELAÇÕES CULTURAIS BRASIL-PORTUGAL:
PUBLICAÇÕES NA IMPRENSA BRASILEIRA**

Zero Hora. Porto Alegre: 10 ago. 1967.

NOTÍCIA – HOMENAGEM PARA MOYSÉS VELLINHO

ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.



Correio do Povo. Porto Alegre: 10 ago. 1967.
NOTÍCIA - DIPLOMA A MOYSÉS VELLINHO

ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.

Diploma a Moysés Vellinho

Foi recentemente laureado com o grau de académico da Academia Internacional da Cultura Portuguesa o escritor gaúcho Moysés Vellinho.

Em cerimónia que terá lugar na Casa de Portugal, à Av. João Pessoa, 579, no dia 18 do corrente, o cônsul de Portugal, sr. João de Matos Proença, far-lhe-a entrega do diploma respectivo. A propósito o professor Guilhermino César dirá uma saudação em nome dos amigos e admiradores do autor de "Capitania del Rey".

Far-se-ão presentes altas autoridades do Estado, Universidades de Porto Alegre, instituições culturais brasileiras e mistas, intelectuais e amigos do novo académico.

O cônsul de Portugal solicita, por nosso intermédio, a todos os portugueses de Porto Alegre, que venham com a sua presença amiga trazer o seu aplauso ao homenageado.

No sábado, dia 19, o Gabinete Português de Leitura de Porto Alegre homenageará também o seu presidente, por tal motivo, com um jantar que terá lugar no restaurante típico português "O Galo".

CP. 10/viii/67

Diário de Notícias. Porto Alegre: 10 ago. 1967.

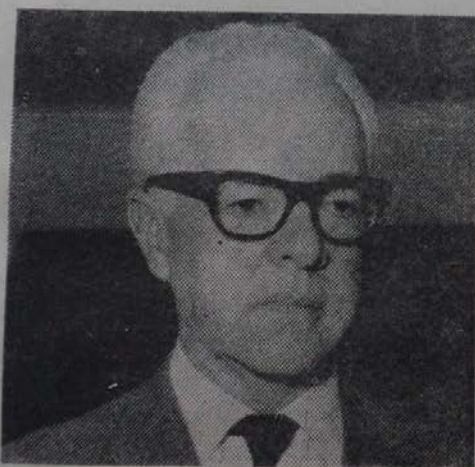
NOTÍCIA - VELLINHO RECEBE DIPLOMA DE ACADÊMICO

ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.

DIARIO DE NOTICIAS

PÓRTO ALEGRE, QUINTA-FEIRA, 10 DE AGÓSTO DE 1967 —

VELLINHO RECEBE DIPLOMA DE ACADÊMICO



MOYSÉS VELLINHO

Foi, recentemente, laureado com o grau de Acadêmico da Academia Internacional da Cultura Portuguesa o escritor gaúcho Moysés Vellinho.

Em cerimônia que terá lugar na Casa de Portugal, à Av. João Pessoa, n.º 579, no dia 18 do corrente, o Cônsul de Portugal, João de Matos Proença fará a entrega do diploma respectivo. A propósito o prof. Gullhermino Cesar lhe dirigirá uma saudação em nome dos seus amigos e daqueles que o admiram.

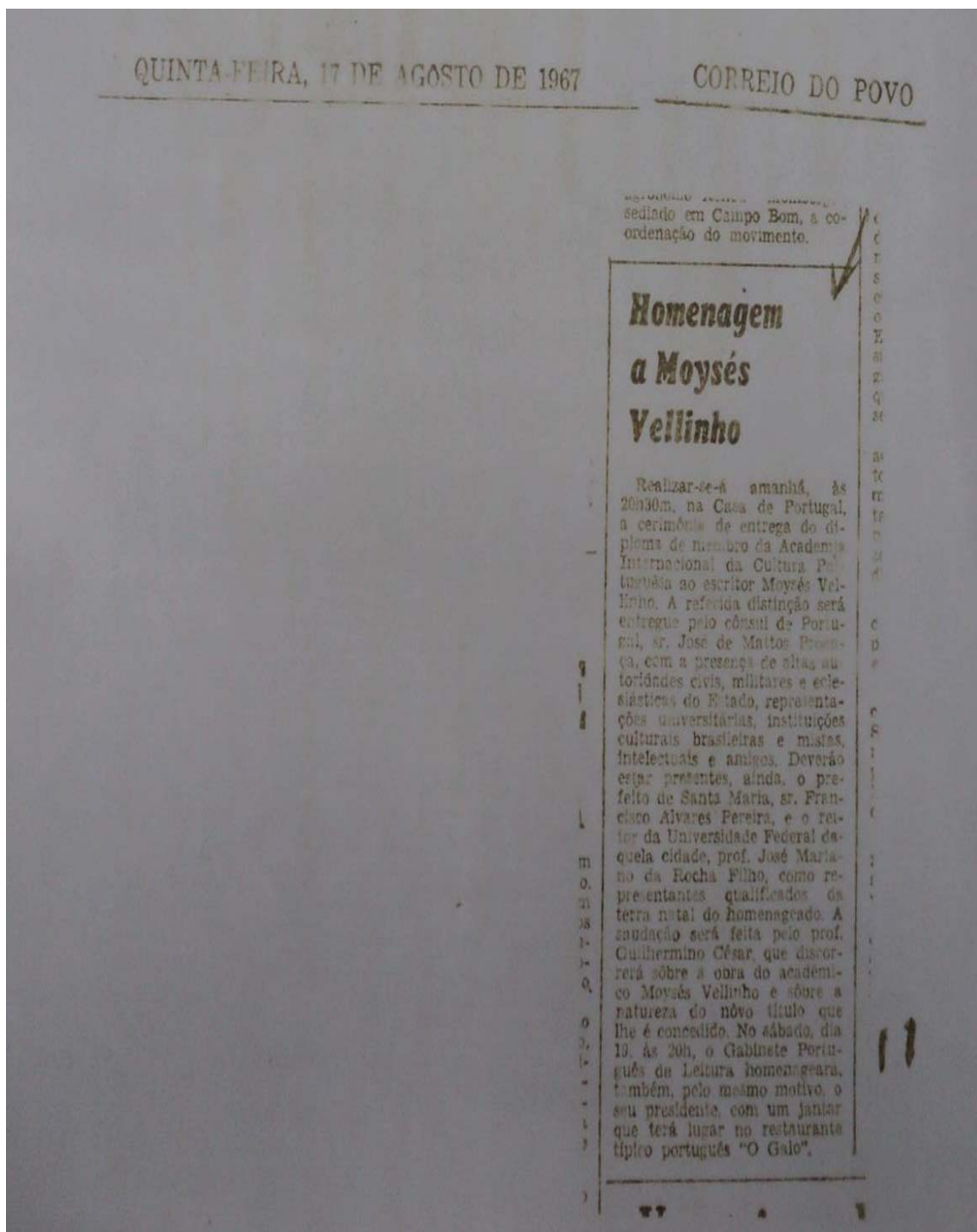
Far-se-ão presentes altas autoridades do Estado, Universidades de Pôrto Alegre, instituições culturais brasileiras e mistas, intelectuais e amigos do novo Acadêmico.

O Cônsul de Portugal solicita a todos os portugueses de Pôrto Alegre que compareçam para aplaudir o homenageado. No sábado, dia 19, o Gabinete Português de Leitura de Pôrto Alegre homenageará, também, o seu presidente, por tal motivo, com um jantar que terá lugar no restaurante típico português "O Galo".

Correio do Povo. Porto Alegre: 17 ago. 1967.

NOTÍCIA – HOMENAGEM A MOYSÉS VELLINHO

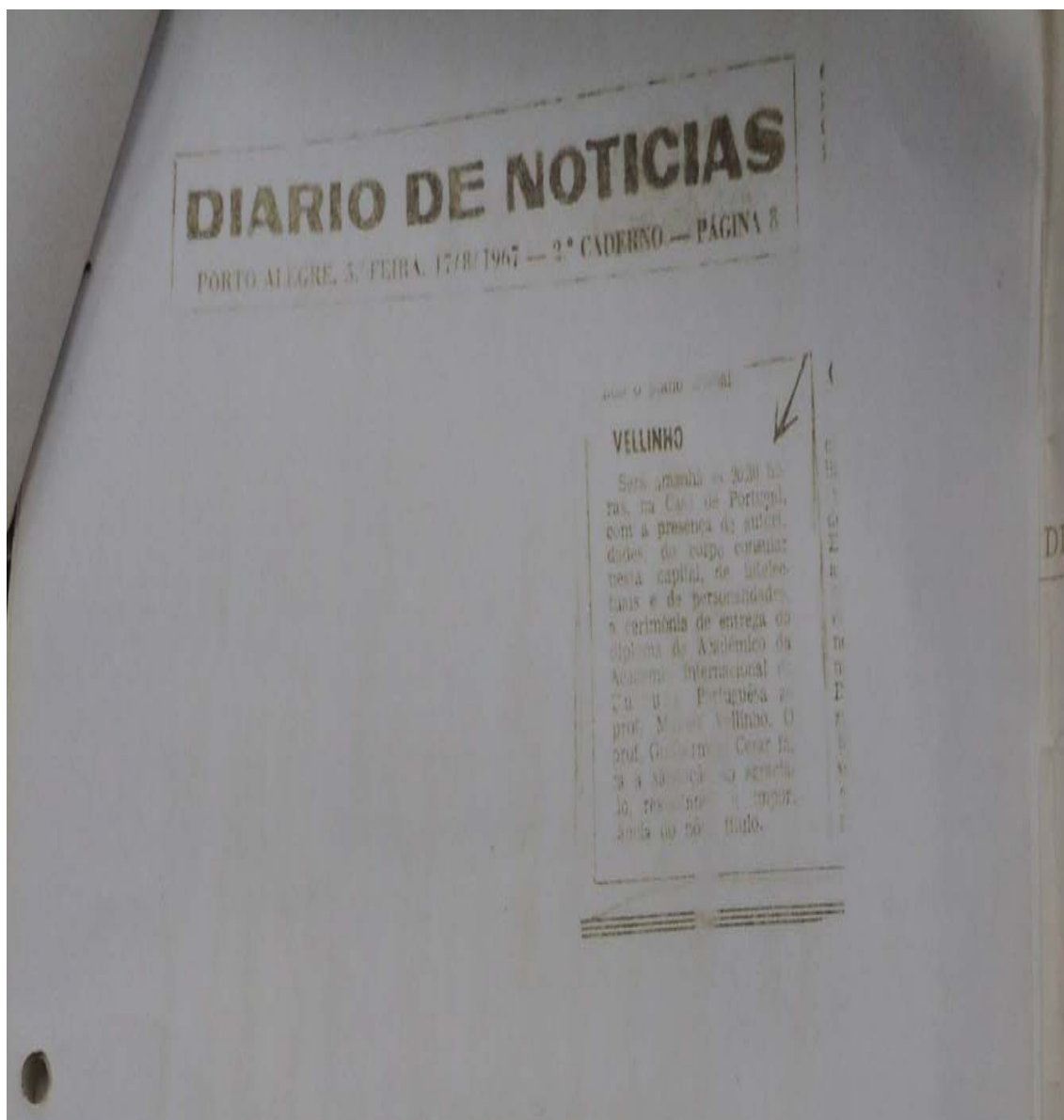
ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.



Diário de Notícias. Porto Alegre: 17 ago. 1967.

NOTA – VELLINHO

ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.



Jornal do Comércio. Porto Alegre: 17 ago. 1967.

NOTÍCIA - CERIMÔNIA A MOYSÉS VELLINHO

ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.

JORNAL DO COMÉRCIO

P. Alegre, 5^a-feira, 17 de agosto de 1967 — N^o 157

EM CERIMÔNIA pública, à qual estarão presentes altas autoridades civis, militares e eclesiásticas do Estado, Universidades de Porto Alegre, instituições culturais brasileiras e mistas, intelectuais e artistas, a realizar-se hoje, às 20,30 horas, na Casa de Portugal, será entregue pelo Cônsul de Portugal o diploma de Acadêmico da Academia Internacional da Cultura Portuguesa ao escritor gaúcho Moysés Vellinho.

Faz-se-á presente também o Prefeito Municipal de Santa Maria, Dr. Francisco Alvares Pereira, e possivelmente o Reitor da Universidade Federal de Santa Maria, Prof. José Mariano da Rocha Filho, como representantes qualificados da sua terra natal.

O Prof. Guilhermino César, que lhe fará uma saudação, referir-se-á à natureza do novo título e à importante obra já publicada pelo homenageado.

No sábado, dia 19, pelas 20 horas, o Gabinete Português de Literatura homenageará também pelo mesmo motivo o seu presidente, com um jantar que terá lugar no restaurante típico português "O Galo".

Correio do Povo. Porto Alegre: 20 ago. 1967.

NOTÍCIA - MOYSÉS VELLINHO RECEBE TÍTULO

ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.

CORREIO DO POVO

PORTO ALEGRE, DOMINGO, 20 DE AGOSTO DE 1967



MOYSÉS VELLINHO RECEBE TÍTULO

Em solenidade realizada na Casa de Portugal, sexta-feira última, recebeu o escritor Moysés Vellinho, das mãos do cônsul de Portugal em Porto Alegre, sr. João de Matos Proença, o diploma de sócio da Academia Internacional da Cultura Portuguesa. Da mesa que presidiu os trabalhos, participavam, além do cônsul português e do homenageado, o presidente da Casa de Portugal, sr. Oriando Brasil Pereira, o arcebispo Dom Vicente Scherer, o deputado Carlos Santos, presidente da Assembleia Legislativa, os generais Alvaro Alves da Silva Braga, comandante do III Exército, e Breno Borges Fortes, da 6.ª Divisão de Infantaria, o representante do governador do Estado e outras autoridades. Aberta a sessão, passou o cônsul Proença a palavra ao presidente da Casa de Portugal, que destacou a satisfação da entidade pelo acontecimento. Usou, a seguir, da palavra, o prof. Gui-

lhermino César, orador oficial que saudou o novo acadêmico, destacando a importância do seu trabalho. Em nome dos portugueses radicados em nosso Estado, falaram sucessivamente os srs. Manoel Almeida Andrade, presidente da Beneficência Portuguesa de nossa capital, Maximiano Pombo Carne, vice-cônsul de Portugal em Pelotas e Floriano Beirão, em nome da coletividade lusitana de Rio Grande, todos eles destacando a justiça da homenagem de que era objeto Moysés Vellinho, tanto por seu talento como pelo trabalho de historiador que desenvolveu, no sentido de esclarecer a origem lusitana da formação do Rio Grande do Sul e de eliminar uma série de mal-entendidos que se tinham formado através do tempo. A seguir, falou o novo acadêmico (foto), encerrando-se a solenidade com a entrega do diploma pelo cônsul Proença ao ministro Moysés Vellinho.

Diário de Notícias. Porto Alegre: 20 ago. 1967.

NOTÍCIA - ACADEMIA RECONHECE SERVIÇOS DE VELLINHO À CULTURA LUSA

ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.



♦ O sr. Moisés Vellinho recebeu o diploma das mãos do cônsul português, sr. Matos Proença

ACADEMIA RECONHECE SERVIÇOS DE VELLINHO À CULTURA LUSA

Em cerimônia realizada na noite de sexta-feira na sede social da Casa de Portugal, foi entregue ao historiador Moisés Vellinho o diploma de membro da Academia Internacional de Cultura Portuguesa. O ato contou com a presença de autoridades civis, militares e eclesásticas, dentre as quais o comandante do III Exército, general Alvaro Alves da Silva Braz e o presidente da Assembleia, dep. Carlos Bastos, e outros nomes da vida cultural de Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande.

A solenidade foi aberta pelo cônsul de Portugal em Porto Alegre, sr. João de Matos Proença que ressaltou a importância e o significado da homenagem que se presta ao pesquisador e homem de letras. A Academia Internacional de Cultura Portuguesa, explicou o cônsul, é uma entidade cultural que tem por finalidade promover e difundir a cultura portuguesa através do mundo. O diploma com que se agraciava a Moisés Vellinho era destinado a homens que, em nível universitário, se tivessem destacado em pesquisas e serviços prestados à cultura de Portugal.

Esse prêmio tem sido entregue a personalidades de diversos países. No Brasil, até a presente data, apenas um homem o tinha recebido: o sociólogo Gilberto Freyre.

O sr. Matos Proença se referiu a Moisés Vellinho como um soldo do da ponte cultural luso-brasileira.

Terminado seu discurso o cônsul português passou a palavra ao professor Guilherme César que fez um breve comentário sobre o assunto de Moisés Vellinho nas atividades culturais do Rio Grande do Sul, destacando sua atuação como historiador, sociólogo, crítico literário e homem de cultura superior.

A seguir, em rápidas palavras falou o presidente da Casa de Portugal que agradeceu a Moisés Vellinho a escolha daquela casa para a realização da solenidade; o presidente da Sociedade Portuguesa de Beneficência, de Porto Alegre; o vice-cônsul de Portugal em Pelotas; e o presidente da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Rio Grande.

Terminadas as homenagens dos representantes da colônia portuguesa do Rio Grande do Sul, em que ficaram evidenciado o agradecimento dos portugueses ao historiador, por serviços prestados à cultura portuguesa, o cônsul Matos Proença fez a entrega do diploma conferido a Vellinho pelo Conselho Acadêmico da Academia Internacional de Cultura Portuguesa.

O homenageado longamente agradeceu e demonstrando emoção, tomou a palavra e numa voz calma e segura agradeceu a homenagem que, de maneira carinhosa lhe tinha sido prestada.

ACADEMIA RECONHECE SERVIÇOS DE VELLINHO À CULTURA LUSA

Em cerimônia realizada na noite de sexta-feira na sede social da Casa de Portugal, foi entregue ao historiador Moisés Vellinho o diploma de membro da Academia Internacional de Cultura Portuguesa. O ato contou com a presença de autoridades civis, militares e eclesásticas, dentre as quais o comandante do III Exército, general Alvaro Alves da Silva Braz e o presidente da Assembleia, dep. Carlos Bastos, e outros nomes da vida cultural de Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande.

A solenidade foi aberta pelo cônsul de Portugal em Porto Alegre, sr. João de Matos Proença que ressaltou a importância e o significado da homenagem que se presta ao pesquisador e homem de letras. A Academia Internacional de Cultura Portuguesa, explicou o cônsul, é uma entidade cultural que tem por finalidade promover e difundir a cultura portuguesa através do mundo. O diploma com que se agraciava a Moisés Vellinho era destinado a homens que, em nível universitário, se tivessem destacado em pesquisas e serviços prestados à cultura de Portugal.

Esse prêmio tem sido entregue a personalidades de diversos países. No Brasil, até a presente data, apenas um homem o tinha recebido: o sociólogo Gilberto Freyre.

O sr. Matos Proença se referiu a Moisés Vellinho como um soldo do da ponte cultural luso-brasileira.

Terminado seu discurso o cônsul português passou a palavra ao professor Guilherme César que fez um breve comentário sobre o assunto de Moisés Vellinho nas atividades culturais do Rio Grande do Sul, destacando sua atuação como historiador, sociólogo, crítico literário e homem de cultura superior.

A seguir, em rápidas palavras falou o presidente da Casa de Portugal que agradeceu a Moisés Vellinho a escolha daquela casa para a realização da solenidade; o presidente da Sociedade Portuguesa de Beneficência, de Porto Alegre; o vice-cônsul de Portugal em Pelotas; e o presidente da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Rio Grande.

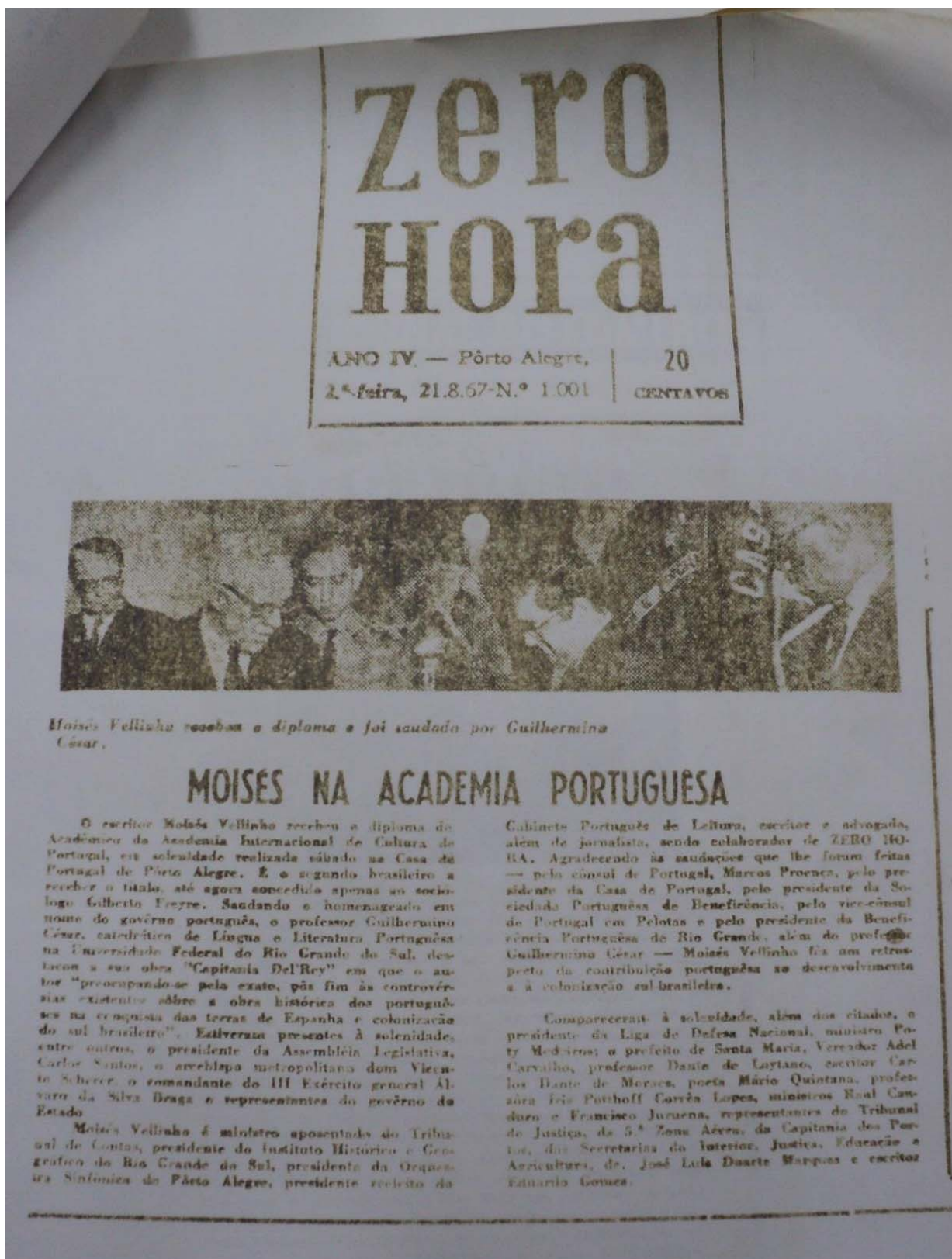
Terminadas as homenagens dos representantes da colônia portuguesa do Rio Grande do Sul, em que ficaram evidenciado o agradecimento dos portugueses ao historiador, por serviços prestados à cultura portuguesa, o cônsul Matos Proença fez a entrega do diploma conferido a Vellinho pelo Conselho Acadêmico da Academia Internacional de Cultura Portuguesa.

O homenageado longamente agradeceu e demonstrando emoção, tomou a palavra e numa voz calma e segura agradeceu a homenagem que, de maneira carinhosa lhe tinha sido prestada.

Zero Hora. Porto Alegre: 21 ago. 1967.

NOTÍCIA – MOYSÉS NA ACADEMIA PORTUGUESA

ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.



ZERO Hora

ANO IV — Pôrto Alegre,

20

2.ª feira, 21.8.67-N.º 1.001

CENTAVOS



Moisés Vellinho recebe o diploma e foi saudado por Guilhermino César.

MOISÉS NA ACADEMIA PORTUGUESA

O escritor Moisés Vellinho recebeu o diploma da Académica da Academia Internacional de Cultura de Portugal, em solenidade realizada sábado na Casa de Portugal de Pôrto Alegre. É o segundo brasileiro a receber o título, até agora concedido apenas ao sociólogo Gilberto Freyre. Saudando e homenageado em nome do governo português, o professor Guilhermino César, catedrático de Língua e Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, destacou a sua obra "Capitania Del'Rey" em que o autor "preocupando-se pela exatidão, pôs fim às controvérsias existentes sobre a obra histórica dos portugueses na conquista das terras de Espanha e colonização do sul brasileiro". Estiveram presentes à solenidade, entre outros, o presidente da Assembléa Legislativa, Carlos Santos, o arcebispo metropolitano dom Vicente Scherer, o comandante do III Exército general Álvaro da Silva Braga e representantes do governo do Estado.

Moisés Vellinho é ministro aposentado do Tribunal de Contas, presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, presidente da Orquestra Sinfônica de Pôrto Alegre, presidente eleito da

Cabinete Português de Lettura, escritor e advogado, além de jornalista, sendo colaborador de ZERO HORA. Agradecendo às saudações que lhe foram feitas — pelo cônsul de Portugal, Marcos Proença, pelo presidente da Casa de Portugal, pelo presidente da Sociedade Portuguesa de Beneficência, pelo vice-cônsul de Portugal em Pelotas e pelo presidente da Beneficência Portuguesa de Rio Grande, além do professor Guilhermino César — Moisés Vellinho fez um retrospecto da contribuição portuguesa ao desenvolvimento e à colonização sul-brasileira.

Compareceram à solenidade, além dos citados, o presidente da Liga de Defesa Nacional, ministro Perty Medeiros; o prefeito de Santa Maria, Vereador Adél Carvalho, professor Dante de Luyano, escritor Carlos Dante de Moraes, poeta Mário Quintana, professora Irla Pothoff Corrêa Lopes, ministros Rual Canduza e Francisco Jucena, representantes do Tribunal de Justiça, do 5.º Zona Aérea, da Capitania dos Portos, das Secretarias do Interior, Justiça, Educação e Agricultura, dr. José Lula Duarte Marques e escritor Edmaria Gomes.

Jornal do Comércio. Porto Alegre: 23 ago. 1967.

NOTÍCIA - MOYSÉS VELLINHO

ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.

JORNAL DO COMÉRCIO

P. Alegre, 4^a-feira, 23 de agosto de 1967 — N^o 161

MOYSÉS VELLINHO



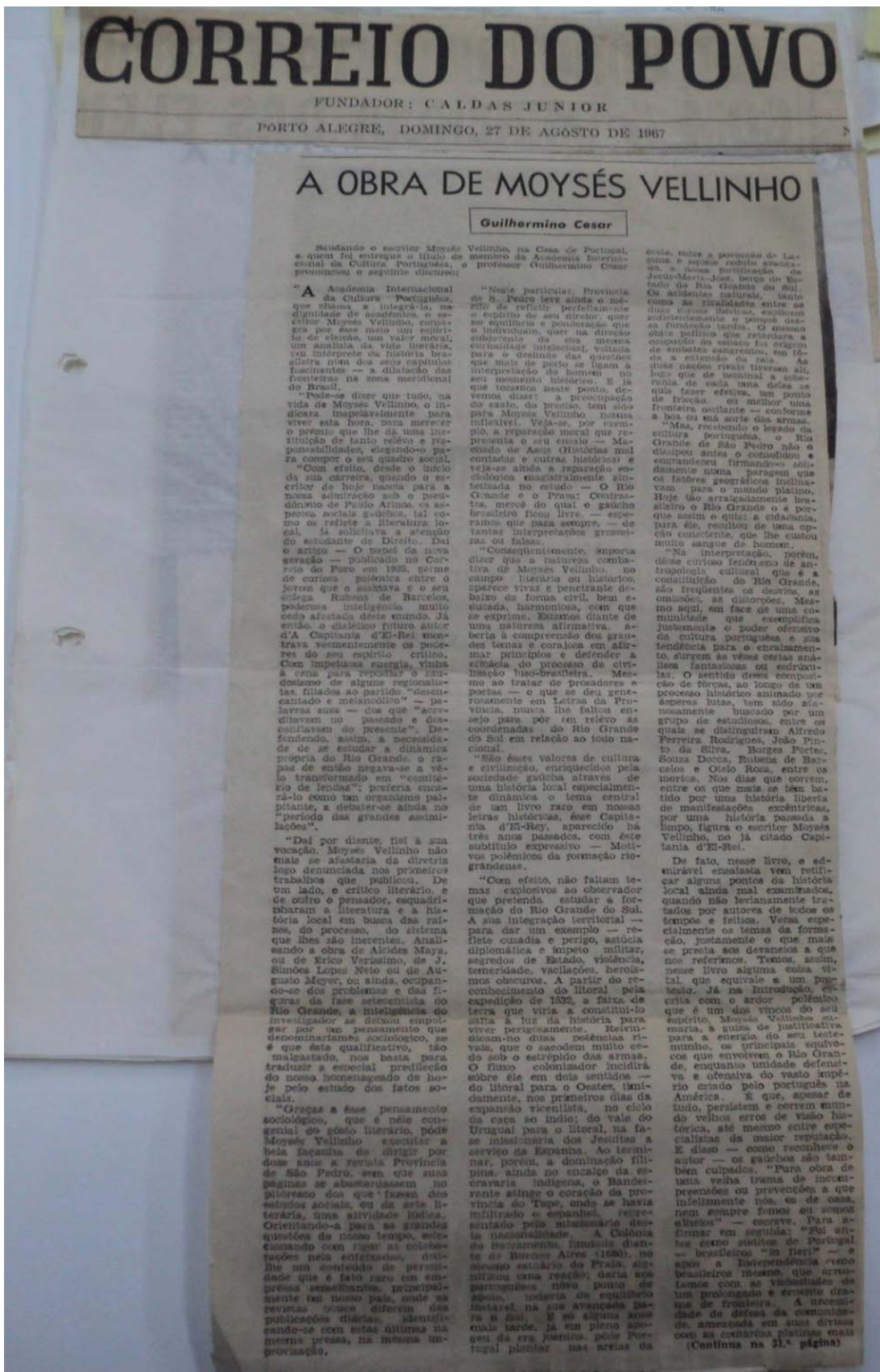
Foi homenageado a semana passada o ilustre escritor e ministro Moisés Vellinho, por ter recebido o título de sócio da Academia Internacional de Cultura Portuguesa, que lhe entregou o sr. cônsul de Portugal, dr. Matos Proença, em solenidade festiva e de alta significação. A sessão teve lugar na Casa de Portugal, com a presença de D. Vicente Scherer, Arcebispo Metropolitano, dr. Carlos Santos, presidente da Assembléa Legislativa, general Alves Braga, comandante do III Exército, general Breno Borges Fortes, comandante da 6.^a D.I. e numerosas outras autoridades, e representantes do governador do Estado, prefeito Municipal e Tribunal de Justiça. Moisés Vellinho, presidente do Instituto Histórico e da Aliança Francesa, do Conselho Federal de Cultura, crítico literário e escritor de nome nacional, pela sua obra de grande valor, tem sido um defensor do pensamento português no Brasil. Saudado pelo cônsul e dr. Guilhermino César, também recebeu as manifestações de apreço em discurso do presidente da Casa de Portugal, Orlando Brasil Pereira; da Beneficência Portuguesa, Manoel Almeida Andrade; Floriano Beirão, pela coletividade portuguesa da cidade de Rio Grande; e Maximiliano Pombo Cirne, por Pelotas. Entre os presentes, uma delegação do Instituto Histórico, muitos intelectuais e jornalistas, ministros do Tribunal de Contas, etc. O «Jornal do Comércio», devidamente convidado, esteve representado na solenidade.

A noite seguinte, no Restaurante Galo, o Gabinete Português de Leitura ofereceu um jantar à sra. e sr. Moisés Vellinho.

Correio do Povo. Porto Alegre: 27 ago. 1967.

TRANSCRIÇÃO DO DISCURSO DE GUILHERMINO CESAR NA POSSE EM PORTO ALEGRE DE MOYSÉS VELLINHO NA AICP: "A OBRA DE MOYSÉS VELLINHO"

ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.



CORREIO DO POVO

FUNDADOR: CALDAS JUNIOR
PORTO ALEGRE, DOMINGO, 27 DE AGOSTO DE 1967

A OBRA DE MOYSÉS VELLINHO

Guilhermino Cesar

Estudando o escritor Moyses a quem foi entregue o título de doutor da Cultura Portuguesa, o professor Guilhermino Cesar pronunciou a seguinte discurso:

"A Academia Internacional da Cultura Portuguesa, que chama a integrá-la, na qualidade de acadêmico, o escritor Moyses Vellinho, entrega por sua vez, não um espírito de alienação, mas a valor moral, um exemplo da vida literária, um exemplo de uma vida dedicada não dos seus capítulos fascinantes — a difusão das fronteiras da zona meridional do Brasil.

"Pode-se dizer que, tudo, na vida de Moyses Vellinho, o indicara insuperavelmente para viver esta hora, para merecer o prêmio que lhe dá uma instituição de tanto relevo e responsabilidade, elegendo-o para compor o seu quadro social. Com efeito, desde o início da sua carreira, quando o escritor de hoje nasceu para a nossa admiração sob o pseudônimo de Paulo Arinos, os aspectos sociais gaúchos, tal como os reflete a literatura local, a sociedade a atenção do estudante de Direito. Daí o artigo — O papel da nova geração — publicado no Correio do Povo em 1923, prime de curiosa polémica entre o jovem que se assina e o seu colega Rubens de Barcelos, poderosa inteligência muito cedo afastada deste mundo. Já então, o diplomata futuro advogado da Capitania d'El-Rei mostrava veementemente os poderes do seu espírito crítico. Com impetuosa exatidão, vinha à cena para repulgar o imbecilismo de alguns regionalistas filiados ao partido, "desincantado e melancólico" — palavras suas — dos que "acreditavam no passado e desconfiavam do presente". Defendendo, assim, a necessidade de se estudar a dinâmica própria do Rio Grande, o rapaz de então argumentava a seu favor transformado em "centrismo de lendas"; preferia encarar-lo como um organismo palpante, a demonstrar ainda no período das grandes assimilações.

"Daí por diante, fiel à sua vocação, Moyses Vellinho não mais se afastaria da direção logo denunciada nos primeiros trabalhos que publicou. De um lado, o crítico literário, e de outro o pensador, esquadrihavam a literatura e a história local em busca das raízes, do processo, do sistema que lhes são inerentes. Analisando a obra de Alcides Maya, ou de Erico Veríssimo, de J. Simões Lopes Neto ou de Augusto Meyer, ou ainda, ocupando-se dos problemas e das figuras da fase antropocêntrica do Rio Grande, a inteligência do investigador se deteve empolgado por um pensamento que denominaríamos sociológico, se é que esta qualificativo, tão malgrado, nos basta para traduzir a especial predileção do nosso homenageado de hoje pelo estudo dos fatos sociais.

"Graças a esse pensamento sociológico, que é não apenas o pólo literário, pôde Moyses Vellinho executar a bela façanha de dirigir por dois anos a revista Província de São Pedro, sem que suas páginas se aborrecerem no plácido dos que fazem dos estudos sociais, ou da arte literária, uma atividade isolada. Orientando-a para as grandes questões do nosso tempo, selecionando com rigor a colheita de artigos, não se esqueceu de lhe um conteúdo de persistência que é raro em empreendimentos semelhantes, principalmente em nosso país, onde as revistas, mesmo quando das publicações diárias, identificando-se com estas últimas na mesma prensa, na mesma imprevisão.

Vellinho, na Casa de Portugal, membro da Academia Internacional, o professor Guilhermino Cesar

"Neste particular Província de São Pedro teve ainda o mérito de refletir profundamente o espírito de seu diretor, que no equilíbrio e ponderação que envolviam, quer na direção editorial, ou nos seus incansáveis esforços intelectuais, voltava para o destino das questões que mais de perto se ligam à interpretação do homem no seu momento histórico, e já que tocamos neste ponto, de vemos dizer: a preocupação de estado, a preocupação social, a preocupação moral que representa o seu ensaio — Machado de Assis (Histórias mal contadas e outras histórias) e outras ainda — preocupação sociológica magistralmente sintetizada no estudo — O Rio Grande e o Prata. Coarctada, mercê do qual o gaúcho brasileiro ficou livre — esperança que não se apagou, — de tantas interpretações grosseiras ou falsas.

"Consequentemente, importa dizer que a natureza combativa de Moyses Vellinho, no campo literário ou histórico, aparece viva e penetrante de dentro da forma civil, bem educada, harmoniosa, com que se exprime. Estamos diante de uma natureza afirmativa, aberta à compreensão dos grandes temas e corajosa em afirmar princípios e defender a verdade do processo de civilização luso-brasileira. Mesmo ao tratar de prosadores a poesia — o que se deu genericamente com o livro, a Província, nunca lhe faltou o desejo para por em relevo as coordenadas do Rio Grande do Sul em relação ao todo nacional.

"São esses valores de cultura e civilização, enriquecidos pela sociedade gaúcha através de uma história local especialmente dinâmica o tema central de um livro raro em nossas letras históricas, esse Capitania d'El-Rey, aparecido há três anos passados, com este título expressivo — Motivos polémicos da formação riograndense.

"Com efeito, não faltam temas explosivos ao observador que pretende estudar a formação do Rio Grande do Sul. A sua integração territorial — para dar um exemplo — reflete cruzada e perigo, astúcia diplomática e impeto militar, segredos de Estado, violência, ferocidade, vacilações, heróismos obscuros. A partir do reconhecimento do litoral pela expedição de 1532, a faixa de terra que viria a constituir a sãta à luz da história para viver perigosamente. Reivindicamos no duas colônias rivais, que o saodem muito cedo sob o estrepido das armas. O fluxo colonizador incidirá sobre ele em dois sentidos — do litoral para o Oeste, timidamente, nos primeiros dias da expansão vicentista, no ciclo da caça ao índio, do vale do Uruguai para o litoral, na fase missiária dos Jesuítas a serviço da Espanha. Ao terminar, porém, a dominação filipina, ainda no estágio da escravaria indígena, o Bandeirante estinge o coração da província do Tape, onde se havia infiltrado o espanhol, representado pelo missionário jesuíta nacionalista. A Colônia de Sacramento, fundada diante do Buenos Aires (1680), no mesmo estágio do Prata, significou uma reação, dava aos portugueses novo ponto de apoio, restabeleceu o equilíbrio instável, na sua avançada defesa o sul. E se alguns anos mais tarde, já em pleno apogeu da era jesuítica, pôde Paraguarí plantar nas areias da

costa, entre a província de Laguna e o espaço recém descoberto, a zona fortificada de Santa Maria. Não, porém do Estado do Rio Grande do Sul. Os acidentes naturais, tanto como as tradições, entre as quais a tradição de povoação das fronteiras históricas, e mesmo obras políticas que retardaram o processo de avanço do projeto de embasas sangrentas, em 1680, a extensão da raia. As duas nações rivais, aliadas, logo que de tomara a soberania de cada uma delas se quis fazer efetivas, um ponto de fricção, ou melhor, uma fronteira ocidente — conforme a lei ou sua sorte das armas.

"Mas, recebendo o legado da cultura portuguesa, o Rio Grande de São Pedro não o dissipou antes o consolidou e engrandeceu firmándose solidamente numa paragem que os fatos geográficos inclinavam para o mundo platino. Hoje não estranhamente brasileiro o Rio Grande e o português assim o quer e cidadania, para ele, resultado de uma época conturbada, que lhe criou muito sangue de homem.

"Na interpretação, porém, disse curioso fenômeno de antropologia cultural que a constituição do Rio Grande, são frequentes os traços, as contornos. Mesmo aqui, em face de uma comunidade que exemplifica justamente o poder onívoro da cultura portuguesa e sua tendência para o enraizamento, surgem às vezes essas análises fantasmagóricas ou estranhas. O sentido dessa composição de forças, ao longo de um processo histórico animado por diversos fatos, tem, evidentemente buscado por um grupo de estudiosos, entre os quais se distinguiram Alfredo Ferreira Rodrigues, João Pinto da Silva, Borges Petre, Souza Docca, Rubens de Barcelos e Pedro Roa, entre os nomes. Nos dias que correm, entre os que mais se têm batido por uma história livre de manifestações, excêntricas, por uma história passadista, figura o escritor Moyses Vellinho, no já citado Capitania d'El-Rei.

(Continua na 31.ª página)

O Globo. Rio de Janeiro: 3 mai. 1969.

NOTÍCIA -

VELLINO, UM GAÚCHO NA ACADEMIA PORTUGUESA

ACERVO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. Lisboa.

Vellino, um gaúcho na Academia Portuguêsa

Em "EV" no Rio o escritor Moisés Vellino, representante do Rio Grande do Sul no Conselho Federal de Cultura. Ele anda impressionado com o incentivo que ultimamente a literatura tem conseguido através de concursos promovidos por firmas particulares.

— Isso que está acontecendo atualmente é uma coisa realmente notável. Sómente lá em Porto Alegre dezenas de jovens me procuram, interessados em enviar seus originais para os concursos que se realizam no Rio. Mas eu a sou responsável nem representante e só posso ficar alegre com a iniciativa dos jovens gaúchos.

Moisés Vellino veio ao Rio, como acontece todos os meses, para a reunião do Conselho Federal de Cultura. Desta feita, seu entusiasmo era maior do que nas outras viagens. Agora, diz ele, as comissões estaduais misturam imediatamente o anteprojeto que dá nova estrutura aos órgãos que dependam do âmbito federal a toda cultura do País. O assunto interessou de tal forma que as reuniões foram realizadas durante mais tempo e ninguém queria deixar o problema para a próxima reunião.

Em Lisboa

Com seus cabelos grisalhos, a voz pausada e insistindo quanto aos problemas relacionados à integração de seu Estado com as outras entidades culturais nacionais, Moisés Vellino contou novidades sobre sua recente viagem à Europa.

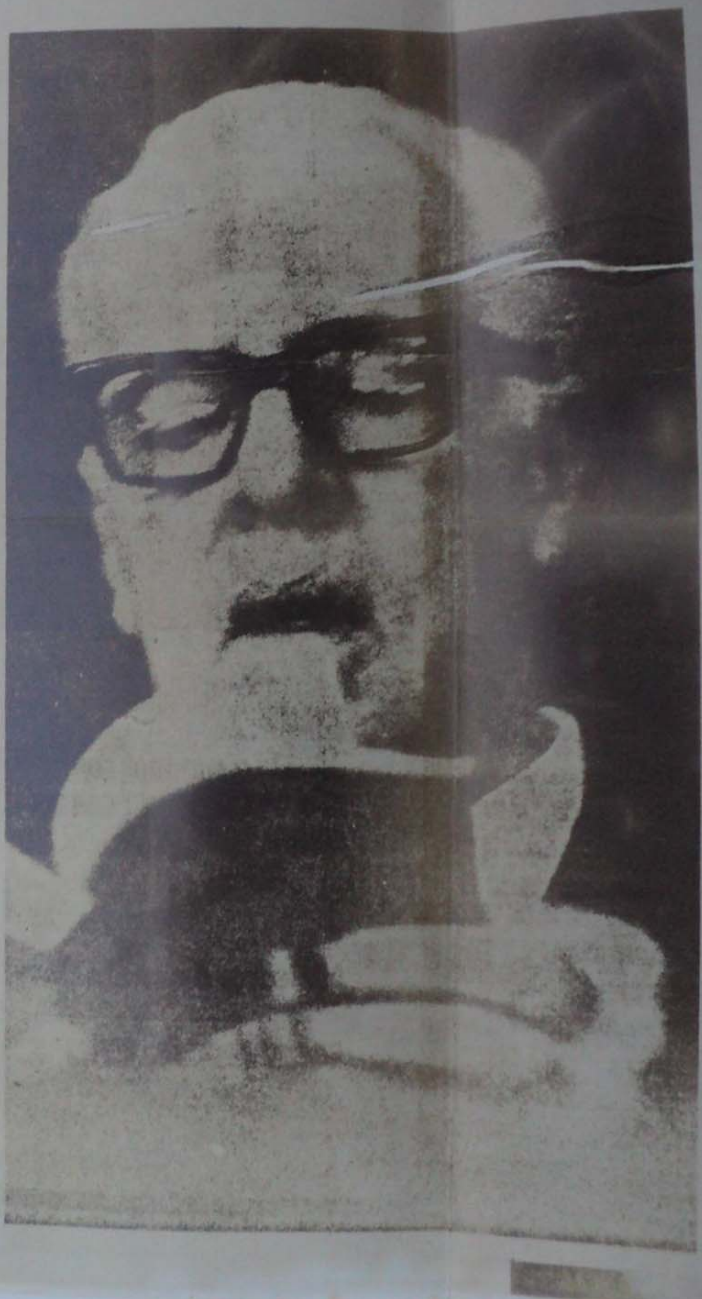
— Estive na Europa para

assumir em Lisboa a cadeira de sócio correspondente da Academia Internacional de Cultura Portuguesa. Nessa ocasião, tive a oportunidade de apresentar uma comunicação sobre José da Silva Pais, o fundador de nosso Estado, o Rio Grande do Sul. Não seria possível descrever todo o interesse dos portugueses pela nossa história, nossa gente. Aproveitei a oportunidade para estabelecer contatos com amigos e intelectuais de alguns países lusófonos. Foram contatos proveitosos que logo após meu retorno reuni num trabalho que intitulei de *Vinte e Sete Notas a Lapa*, publicado no Rio Grande.

Segundo Moisés Vellino, o meio cultural gaúcho está em franca atividade. O fato de dois dos mais importantes jornais de Porto Alegre dedicarem páginas inteiras, aos sábados, aos assuntos de literatura e artes em geral, diz bem do interesse que a cultura tem despertado na juventude. Ele tem um entusiasmo quase exagerado pelas coisas de sua terra. Fala, por exemplo, no ambiente artístico e faz referências elogiosas ao público de teatro.

Um fato sintomático é que todas as boas companhias teatrais do Rio e de São Paulo gostam de começar e encerrar suas temporadas em teatros gaúchos.

As novas editoras, o impulso editorial recebido em todo o Rio Grande deixam Moisés Vellino contente. Ele acredita que tudo isso mostra bem a situação do País, principalmente agora quando os jovens buscam tão decididamente uma participação maior na realidade nacional.



**ANEXO Q – RELAÇÕES CULTURAIS BRASIL-PORTUGAL:
PUBLICAÇÕES NA IMPRENSA PORTUGUESA**

A Voz. Lisboa: s.d. [1952?]²²

NOTÍCIA – PORTUGAL NA LITERATURA BRASILEIRA

ACERVO MOYSÉS VELLINHO. DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS.



²² O Colóquio Internacional sobre Estudos Luso-Brasileiros, conforme indica o editorial n. 15 da revista *Provincia de São Pedro*, em 1951, ocorreu em Washington D. C., em outubro desse mesmo ano. Indica-se ano aproximado da notícia considerando o período de realização do evento e o comentário de Moysés Vellinho na revista.

Diário da Manhã. Lisboa: 8 set. 1967. p. 3

NOTÍCIA – O HISTORIADOR BRASILEIRO DR. MOYSÉS VELLINHO: NOVO MEMBRO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE CULTURA PORTUGUESA

HEMEROTECA DE LISBOA. Lisboa.

1967

DIÁRIO DA MANHÃ

PAULO V

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª)

O HISTORIADOR BRASILEIRO
Dr. Moisés Vellinho
novο membro
da Academia Internacional
de Cultura Portuguesa

PORTO ALEGRE (Rio Grande do Sul), 2 — O diploma de membro da Academia Internacional de Cultura Portuguesa foi entregue ao historiador brasileiro Dr. Moisés Vellinho, no decorrer de uma cerimónia realizada na Casa de Portugal da cidade de Porto Alegre.

Presidiu à cerimónia o cônsul de Portugal nesta cidade, Dr. João de Matos Proença, tendo assistido o Arcebispo Metropolitano, D. Vicente Schertr; o deputado Carlos Santos, presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul; e os Generais Alvaro Alves da Silva Braga, comandante do Terceiro Exército; e Breno Borges Fortes, da Sexta Divisão de Infantaria. Entre a assistência contavam-se também escritores, professores e alunos universitários, amigos e admiradores do homenageado.

A actividade do agraciado

A sessão foi aberta pelo cônsul de Portugal em Porto Alegre, que salientou a importância e o significado da homenagem que era prestada ao historiador e homem de Letras. A Academia Internacional de Cultura Portuguesa — sublinhou o cônsul — é uma entidade cultural que tem por finalidade promover e difundir a cultura portuguesa através do Mundo. O diploma com que se agraciava Moisés Vellinho era destinado a homens que, em nível universitário, se tivessem destacado em pesquisas e serviços prestados à cultura de Portugal, como ele o fizera em vários trabalhos seus, muito especialmente na sua obra «Capitania d'El-Reis, na qual, corrigindo distorções, repôs no seu lugar os verdadeiros factos históricos para

mostrar que a formação sociológica do Rio Grande do Sul é tipicamente lusitana. Este prémio — acrescentou — tem sido entregue a personalidades de diversos países. No Brasil, até ao presente, apenas um homem o tinha recebido: o sociólogo Gilberto Freyre.

Depois de se referir a Moisés Vellinho como um sólido elo da corrente cultural luso-brasileira, o cônsul Dr. Matos Proença concedeu a palavra ao Prof. Dr. Gullhermino César, orador oficial, que saudou o novo académico, fazendo uma análise retrospectiva da actuação de Moisés Vellinho nas actividades culturais do Rio Grande do Sul, destacando, além de sua qualidade de Ministro do Tribunal de Contas do Estado, a sua actuação como historiador, sociólogo, crítico literário e homem de cultura superior.

Durante a cerimónia falaram, ainda, o presidente da Casa de Portugal, Orlando Brasil Pereira; o presidente do Sociedade Portuguesa de Beneficência de Porto Alegre, Manuel Almeida Andrade; o vice-cônsul de Portugal em Pelotas, Dr. Maximiano Pombo Cirne, em representação da Comunidade Portuguesa daquela cidade, e o Prof. Floriano Beirão, em nome da Comunidade Portuguesa do Rio Grande.

Por último, o Dr. João de Matos Proença fez a entrega do diploma conferido a Moisés Vellinho pelo Conselho Académico Internacional de Cultura Portuguesa.

O historiador agradeceu a homenagem que, de maneira tão carinhosa — disse — lhe tinha sido prestada pela Academia Internacional de Cultura Portuguesa e pelos portugueses do Rio Grande do Sul. — ANI.

das do Vaticano — por oaminharam papas e... oubam as vozes de sant... onde esvoaçam as sand... do Senhor... Mas, aqueli... perturbam-me e os meus... voltam-se para aquelas... ras onde se alinham, coi... Vivos, os mais belos líer... mo os que foram atocad... tempo implacável... Lei... e foi com trêmula teri... os meus dedos tocaram... naquele exemplar, que... ram este ou aquele lívro... ou apenas observaram... conhecidas ou palavra... guas desconhecidas... h... ou 14 milhões de lívro... nas prateleiras da Bib... Vaticano hossanas à in... dos tempos, como se d... viessem as vozes dos g... mens — e até dos peg... mens — a contarem-n... cha da Religião e da F... cia e da Técnica, a... dor desesperada ou... incoñtada, as aventuras... mens de Deus como... dos imperadores e da... defesa ou na derrota... ria; cânticos e flori... santos e de mártires... ram a carne e o esp... tigos lusitanos, em R... Florença, como na A... Ásia e nas Américas...

Súbitamente, sou
ao encontro do
Tisserant

*Um funcionário do
 sorri ao ver-me, ates
 velho lívro, de capa
 fim velho entre as n...*

— Desculpe-me...
 nência vai recebê-
 rompo... —

— Uma atracção
 Estes não nos atração
 teligência não trat
 estes lívros bem pod
 companheiros do re
 vida, como a minha.

Falara como se
 mais a mim próprio
 funcionário que me

VEIO DO TEMPO

Diário da Manhã. Lisboa: 22 out. 1967. p. 2

NOTA - ACADEMIA INTERNACIONAL DE CULTURA PORTUGUESA

HEMEROTECA DE LISBOA. Lisboa.

a quarta reunião do Conselho dos Directores-Gerais do Ministério do Ultramar, presidida pelo secretário-geral do mesmo Ministério, Dr. Manuel da Cruz Alvura, a fim de dar prosseguimento aos trabalhos iniciados nas reuniões anteriores.

**A C A D E M I A
I N T E R N A C I O N A L
D A C U L T U R A
P O R T U G U E S A**

Na sessão da próxima terça-feira, da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, será recebido como académico correspondente o Prof. Dr. Moysés Vellino, que apresentará uma comunicação sob o tema «O Brigadeiro José da Silva Pais e a incorporação do continente de São Pedro».

A sessão realizar-se-á às 21 e 30, na Sociedade de Geografia de Lisboa.

**VID
M U I**

V
do Mu

BARREI
gido doze
go de vic
Municipal
nou as fu
lei, o Sr.
agente - té
C P. Por
xou a pr
administra
palizados,
mente.

Mais de
Municipic
primentos

VIDA MIL

Diário da Manhã. Lisboa: 28 out. 1967. p. 3

**NOTÍCIA - UM BRASILEIRO FALOU NA
ACADEMIA INTERNACIONAL DE CULTURA PORTUGUESA**

HEMEROTECA DE LISBOA. Lisboa.

colecção de armas de todos os
e de muitas épocas); a galeria
Pelourinhos do distrito; os
plares de talha, de estatuária
brasões, etc.

António Dias Sanches foi feliz no
tentativo de valorização do Mu-
seu regional da capital do seu dis-
trito e esta atitude saberá a cidade
guarda — sempre grata e hospi-
tável — guardá-la com reconheci-

VIRGÍLIO AFONSO

LAUSANA

inferiores aos que se pa-
na Suécia, mas também,
toda a certeza, em conse-
ria do «clima» de perfeita
social que ali se hes depara.
Portugal é um país longe
do termo do seu processo
industrialização e todos na
T. A. bem o sabem, pois
por isso mesmo lhe confe-
Tratado de Estocolmo um
mento especial dentro da
lação, com um sistema de
mamento aduaneiro mais
rado.

O nível dos salários num
em vias de industrializa-
amais pôde coincidir com
países altamente industria-
is, como a Suécia.

em Portugal o que está
o por lei — teria concluído
Correia de Oliveira — é o
lo mínimo, não é o salário
mo. Nada impede, portanto
industriais suecos com fá-
s em Portugal de pagarem
seus operários portugueses o
no que pagam na Suécia aos
ários seus compatriotas. In-
va com a qual, evidente-
te; o Governo português só
de se congratular. — ANI.

Cidade do Cabo, Cidade do
tória, Joanesburgo e o Parque Na-
cional de Kruger.

UM BRASILEIRO FALOU NA ACADEMIA INTERNACIONAL DE CULTURA PORTUGUESA

Reuniu-se, a Academia Interna-
cional da Cultura Portuguesa para
cuvir uma comunicação do acadé-
mico brasileiro Prof. Moysés Veli-
nho.

Presidiu o Prof. Adriano Morei-
ra, presidente da Academia, ladea-
do pelo Dr. Otto Lara Resende,
adido cultural brasileiro, e pelo
académico Prof. João da Costa
Freitas.

Fez a apresentação do conferen-
cista o Prof. Adriano Moreira que
se referiu à obra do orador da
noite, sublinhando a importância
que dedica nos seus livros a Por-
tugal e à acção realizada no Bra-
sil pelos portugueses.

Depois falou o académico Prof.
Moysés Velinho, que apresentou
uma comunicação subordinada ao
tema «O Brigadeiro José da Silva
Pais e a incorporação do conti-
nente de São Pedro».

O conferencista historiou os pri-
mórdios da presença portuguesa no
Rio Grande do Sul e na Colónia de
Sacramento, pondo em relevo a im-
portância daqueles territórios na
altura em que ali esteve o Briga-
deiro José da Silva Pais. Acerca
deste oficial português disse que à
acção por ele desenvolvida naquela
região e à sua sabedoria e com-
batividade se deve a incorporação
definitiva dos mencionados territó-
rios no complexo luso-brasileiro.

República. Lisboa: 21 out. 1967. p. 2

NOTA – ACADEMIA INTERNACIONAL DE CULTURA PORTUGUESA

HEMEROTECA DE LISBOA. Lisboa.

...za para a
os destina-

ciência
uguesa
inárias

idade de
na sessão
seu novo
u o prof.
atedrático
aima e di-
Pesquisas
Universi-
a proferir
sipientia»
«L'Aide
en voie

inaugural
Leite Pin-
a Nacional
ica e Tec-

...cia das Artes Aplicadas de
Paris, fala, às 21.15, no anfiteatro
de Química do Instituto Superior
Técnico, sobre «Problemes posés
par la couleur dans le monde
moderne.

**A C A D E M I A
INTERNACIONAL
DA CULTURA PORTUGUESA**

Realiza-se no próximo dia 24,
às 21.30 horas, uma sessão na
Academia Internacional da Cultu-
ra Portuguesa, no decurso da qual
usará da palavra o académico,
prof. Moysés Velhinho.

O ENG. MANUEL ROCHA
preside em Salzburg
à reunião da Sociedade
Internacional

República. Lisboa: 24 out. 1967. p. 8

NOTA – ACADEMIA INTERNACIONAL DE CULTURA PORTUGUESA

HEMEROTECA DE LISBOA. Lisboa.

A formação de estudantes ori-

**Academia Internacional
da Cultura Portuguesa**

Na sessão de hoje, às 21.30, da
Academia Internacional da Cultura
Portuguesa, na Sociedade de
Geografia, será recebido, como
académico correspondente, o sr.
prof. Moysés Velhinho.

Plano Inter
bordinado
ção de Car
Foram p
pelos profs
de Vuyst, s
ne de ovin
dução de c
de, o dr.
sobre «Me
o prof. A.
dos e téc
gado de c

PAGINA 8

Diário de Notícias. Lisboa: 22 out. 1967. p. 8

NOTA - ACADEMIA INTERNACIONAL DE CULTURA PORTUGUESA

HEMEROTECA DE LISBOA. Lisboa.

ate 1.º
io mi-
te do
pio do
m re-
uense,
eira e
vice-
al de
ndivi-
nomia
para
para
rcam-
Por-
ir. A.
erna-

Raul Gonçalves Soares, Joaquim
Moutinho Pereira Barbosa e Manuel
Custódio Inácio Montenegro Ma-
chado.

O acto realizar-se-á no salão nobre
da Camara Municipal de Marco de
Canaveses, ás 18 horas.

**ACADEMIA INTERNACIONAL
DE CULTURA PORTUGUESA**

Na sessão da Academia Interna-
cional de Cultura Portuguesa, que
se efectua, no dia 24, ás 21.30, na
Sociedade de Geografia, será rece-
bido como académico corresponden-
te o sr. prof. dr. Moisés Vellinho,
que apresentará uma comunicação
sobre «O brigadeiro José da Silva
Pais e a incorporação do continente
de São Pedro».

Caravana
graves qu
e braço d
 Junto da
café, o m
teira e d
o líquido

Cartaz

TEATR

SÁ DA B
nio Ma
fnoz (17

CINEM

COLISEU
SÃO JOA
em Pig
RIVOLI -
go» (17
CARLOS
V-2» e
anos).
BATALHA
TRINDAD
anos).
ÁGUA D
(12 an
OLIMPIA
tia» (17

publico
ma-
que o
o de
agens

lizar-
pelas
su-
nos a
lema-
mente,
liceu
sr.ª

**irradiando
ternura.**

Diário de Notícias. Lisboa: 25 out. 1967. p. 7

NOTÍCIA - O ACADÊMICO BRASILEIRO PROF. MOYSÉS VELLINHO APRESENTOU UMA COMUNICAÇÃO NA SESSÃO DE ONTEM

HEMEROTECA DE LISBOA. Lisboa.

... a Miami, escolheu a capital portu-
guesa para escala final na Europa,
antes da travessia do Atlântico na
sua última viagem. Participam, nesta
excursão figuras de grande represen-
tação social das mais variadas origens
e nacionalidades, pelo que se pensa
obsequiá-las com lembranças de pro-
dutos portugueses, particularmente
garrafas dos nossos vinhos, que serão
etiquetadas com uma mensagem evo-
cando o acontecimento que se pre-
tende assinalar: a última viagem do
«Queen Mary», com escala em Lisboa.

Outros números do pro- grama

Programas especiais de recepção
aos visitantes estrangeiros serão ain-
da organizados, por várias orçãos de
turismo, homenageando aqueles que
frequentem as nossas zonas turísticas
durante esta temporada. O lança-
mento de um concurso fotográfico e
de outro destinado a premiar artigos
e reportagens na imprensa nacional
e estrangeira, terá início nas datas
mencionadas nos respectivos regula-
mentos, a publicar durante o período
do «Outono em Portugal».

Prémios de turismo à Imprensa

O Comité de Turismo criou
prémios de turismo para a Imprensa
—«Outono em Portugal»— que se desti-
nam-se a galardoar os melhores arti-
gos ou reportagens, publicados na Im-
prensa nacional e estrangeira, que des-
crevam e exaltem a época outonal no
nosso país, contribuindo assim para a
promoção turística deste período «fo-
ra de estação».

Os artigos ou reportagens deverão
por em relevo a conjugação invulgar
de valores positivos que caracterizam
o «Outono em Portugal»: a amenida-
de do clima, a beleza da paisagem e
as outras atrações naturais, designa-
damente quanto ao folclore e à etno-
grafia ligadas às festas do vinho novo
— com especial menção às tradicionais
festas de S. Martinho — bem como à
prática dos desportos da caça e da
pesca. Serão atribuídos quatro prémios
que distinguirão os autores dos
melhores textos publicados na Im-
prensa portuguesa e estrangeira sobre
o «Outono em Portugal», e os peri-
ódicos português e estrangeiro (jornal
ou revista) onde haja sido publicado
o referido texto.

O quatro prémios mencionados se-
rão atribuídos anualmente. Neste pri-
meiro ano, correspondente à fase de

ACADEMIA INTERNACIONAL
DE CULTURA PORTUGUESA

O ACADÊMICO BRASILEIRO

PROF. MOYSÉS VELLINHO

APRESENTOU UMA COMU- NICAÇÃO NA SESSÃO DE ONTEM

Na Academia Internacional da Cul-
tura Portuguesa, em sessão a que
presidiu o prof. Adriano Moreira e
a que assistiram muitos académicos
e numerosas outras individualidades,
foi hoje recebido o prof. Moysés Vel-
linho, ministro do Tribunal de
Contas do Estado do Rio Grande do
Sul, Brasil, escritor, ensaísta, con-
ferencista e jornalista político.

Durante a sessão, o ilustre acadé-
mico apresentou uma comunicação
sobre «O brigadeiro José da Silva
Pais e a incorporação do continente
de S. Pedro». Começou por historiar
os primórdios da presença portu-
guesa no Rio Grande e na Colónia de
Sacramento, territórios disputados
pelas potências ibéricas. Observou
que penetraram ulteriormente na-
queles paragens mercadores, missio-
nários, bandeirantes, etc., tendo-se
transformado, a pouco e pouco, estes
últimos, em «voluntários» ou «ave-
ntureiros», enquadrados no serviço de
El-Rei. Noutro passo da sua do-
cumentada comunicação o prof. Moy-
sés Vellinho afirmou que, dando-se
conta da importância destes territó-
rios, Silva Pais amal corrido três
meses após sua chegada ao Brasil,
submeteu a Lisboa um projecto re-
lativo ao descobrimento das terras
do Rio Grande, para o estabeleci-
mento de «uma colónia no Gover-
no de São Pedro do Sul», dirigindo-
se nesse mesmo ano (1735) ao go-
vernador da Capitania de São Pau-
lo para o advertir de que seria bom
ter ocupada a entrada do Rio Gran-
de e fortificado aquele rincão.

Continuando na análise da notável
acção do engenheiro militar José da
Silva Pais, o prof. Moysés Vellinho
pôs em evidência a energia, a audá-
cia, a imaginação daquele oficial e
governador durante as hostilidades
entre as potências ibéricas daquela
área.

**Recepção de anúncios para o
nosso jornal, em VISEU:**
Agente: Domingos, Agostinho &
Filhos — Rua Formosa, 80 —
Telefs. 23310 e 29134.

Novidades. Lisboa: 22 out. 1967. p. 6

NOTA - ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA

HEMEROTECA DE LISBOA. Lisboa.

a legislação
supermerca-
mentos de-
seguintes re-
a maioria
me de auto-
e entenden-
e as merca-
conveniente-
tendo afixa-
o, se encon-
ta e ao al-
s quais, ser-
os, as levam
saída, para
ento global;
cie de pro-
em secção
uma área
xposição e
a 200 m²;
que os ex-
mínimo de
ando-se de
me indivi-
lança ban-
ante; e pos-
ntes, como
s mínimas,
2.º grau da
o curso ge-
equivalente,

os anos de prática em estabele-
cimento comercial de venda ao
público de qualquer dos ramos
abrangidos pelo supermercado.
A citada portaria regula ain-
da as vistorias sanitárias para
autorização do funcionamento
de novos supermercados.

— ■■■■■ —

Academia Internacional da Cultura Portuguesa

Na sessão da próxima terça-feira,
dia 24, da Academia Internacional
da Cultura Portuguesa, será recebi-
do como académico correspondente,
o prof. dr. Moysés Vêllinho, que
apresentará uma comunicação sob o
tema:
*«O brigadeiro José da Silva Pais
e a incorporação do continente de
São Pedro».*
A sessão terá lugar às 21.30 horas,
na Sociedade de Geografia de Lis-
boa.

Ficam, po-
dos» os fran-
amigos russo
cialistas, ond
dutos anticon-
plesmente p
russos, sem s
sionar pela
fica, que se
para se vive
negros da A
plicação d
Quando ec
aquelas tre
cidas, ouvju
dos chefes
mos limita
Queremos c
os brancos!
se dão cont
rem!
Mas que
Di-lo-emos
fundamenta
nião sobre c

Aurelian

RES HISTORIAS

O Século. Lisboa: 22 out. 1967. p. 5

NOTA - ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA

HEMEROTECA DE LISBOA. Lisboa.

quês de
funciona
nas me,
de das
tes na
do en-
ros do
alização
princi-
res dos
de co.
doutri-
seguir-
se con-
ideias,
rutivo.
vindos
trópole
escolas,
os pro-
nódesta
Assim,
os 250
parti-
ladeira-
ões bi-
co efec-
Escolas
ra Bor-
tão fe-
dos no
esperar
rtanto,
mento.
A SO-

Amanhã, às 21 e 30, nos Estúdios da R. T. P., realiza-se o 2.º Colóquio da série sobre temas técnicos e operacionais de televisão, organizado pela Casa do Pessoal da R. T. P.

Dedicado a um tema de vasto interesse, «Eurovisão, um sistema europeu de trocas», que será exposto pelo sr. eng. António Correia Pinto, subdirector dos Serviços Operacionais da R. T. P., este colóquio, como o anterior, terá a presidi-lo o director-geral adjunto, sr. eng. Eduardo Matos Correia.

ACADEMIA INTERNA- CIONAL DA CULTURA PORTUGUESA

Na sessão de depois de amanhã, às 21 e 30, da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, na Sociedade de Geografia, será recebido, como académico correspondente, o sr. prof. Moysés Vellinho, que apresentará uma comunicação, sob o tema «O brigadeiro José da Silva Pais e a incorporação do Continente de S. Pedro».

VISITE MADRID

UTILIZANDO O SERVIÇO DIURNO
DO COMBOIO
«LISBOA - EXPRESSO» (TER)

HORÁRIO

Diário Popular. Lisboa: 24 out. 1967. p. 11

NOTA – ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA

HEMEROTECA DE LISBOA. Lisboa.

de bondade entre os ho-
mens, sulcarão os trilhos afei-
çoados durante o ano inteiro ao
troar das máquinas de guerra.

**ACADEMIA
INTERNACIONAL
DA CULTURA
PORTUGUESA**

Na sessão de hoje, à noite,
na Academia Internacional da
Cultura Portuguesa será rece-
bido como académico corres-
pondente o prof. dr. Moysés
Vellino, que apresentará uma
comunicação sobre o tema «O
brigadeiro José da Silva Pais
e a incorporação do continen-
te de São Pedro».

A sessão efectuar-se-á às
21 e 30, na Sociedade de Geo-
grafia de Lisboa.

LICEU NORMAL

Numa
inaugura
de aluno
efectuad
O o
permitir
ensino t
junto d
pelo seu
permitir
global
A orien
possibil
ços pro
realiza
nas, vis
lhos são
buição
primeir
denaçã
chegar
ções. A
da aval
televisi
porém,
pressão
estimul
iniciati
no, des

A Voz. Lisboa: 25 out. 1967.

**NOTÍCIA - A PRESENÇA DE PORTUGAL NO RIO GRANDE DESDE 1531
EVOCADA PELO PROF. MOYSÉS VELLINHO**

HEMEROTECA DE LISBOA. Lisboa.

ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA

**A PRESENÇA DE PORTUGAL
NO RIO GRANDE DESDE 1531
EVOCADA PELO PROF. MOYSÉS VELLINHO**

Foi ontem recebido na Academia Internacional da Cultura Portuguesa, o Professor Moisés Vellinho, no decurso de uma sessão a que presidiu pelo Dr. Otto Lara Resende, adido cultural da Embaixada do Brasil e Dr. Costa Freitas presidiu o Prof. Dr. Adriano Moreira e à qual assistiram muitos académicos e numerosas individualidades.

Aquele académico leu uma comunicação sobre «O brigadeiro José da Silva Pais e a incorporação do continente de São Pedro», na qual começou por historiar os primórdios da presença portuguesa no Rio Grande (Brasil) e na Colónia de Sacramento, territórios disputados pelas potências ibéricas, sublinhando que agora as ligeiras abordagens de reconhecimento da costa por parte de Pero Lopez, da grande expedição de Martim Afonso de Sousa ao Rio da Prata, em 1531, admite-se que remontam a 1550 os primeiros contactos da gente portuguesa com as terras até então desconhecidas que hoje formam o Rio Grande do Sul.

Prosseguindo observou que penetraram ulteriormente, naquelas paragens, mercadores, missionários, bandeirantes, etc., tendo-se transformado, a pouco e pouco, estes últimos, em «voluntários» ou «aventureiros», enquadrados no serviço de El-Rei, isto é, em soldados.

Depois de se referir à presença constante dos paulistas na empresa de alargar e garantir os limites do Rio Grande, o Prof. Moisés Vellinho aludiu à necessidade sentida pelos portugueses de conquistar e ocupar o espaço geográfico interposto entre o porto de Laguna e a Colónia de Sacramento, quando os espanhóis, ali retornaram por meio de nova expansão missionária. Daí o interesse cada vez mais cerrado com que suplicavam ao Rei que mandasse conquistar, povoar e defender aquelas terras. Nisto se empenhamo mesmo instituições como o Conselho Ultramarino, que em 1695 se pronunciara sobre a conveniência de ser fundada uma povoação em território do Rio Grande de São Pedro, sendo certo, porém que pouco se fazia no tocante a este problema, o que explica a representação de 1728, na qual o Conselho Ultramarino chamava a atenção do soberano para o mesmo.

Neutro passo da sua documentada comunicação o Prof. Vellinho afirmou que dando-se conta da importância destes territórios, Silva Pais «em corridas três meses após sua chegada ao Brasil, submete a Lisboa um projecto relativo ao descobrimento das terras do Rio Grande, para o estabelecimento de uma colónia no Governo de São Pedro do Sul, dirigida» nesse mesmo ano (1725) ao governador da capitania de São Paulo para o advertir de que seria bom ter ocupada a entrada do Rio Grande e fortificado aquele rincão.

Continuando na análise da notável acção do engenheiro militar José da Silva Pais, o Prof. Vellinho pôs em evidência a energia, a audácia, a imaginação daquele oficial e governador durante as hostilidades entre as potências ibéricas daquela área.

A concluir a sua comunicação o novo académico disse: «Sem a prefeza, a subdoria e a combatividade com que Silva Pais agiu, guardando o litoral em seus pontos vulneráveis e acelerando o povoamento da nova conquista, ninguém poderia responder pela sua incorporação definitiva no complexo luso-brasileiro. Muitos poderiam enganar-se quanto à predestinação do continente de São Paulo. Ele não!».

Encerrou a sessão o sr. Prof. Dr. Adriano Moreira.

**Alvaro Cotrim
falou de Rafael
Bordalo Pinheiro
no Brasil**

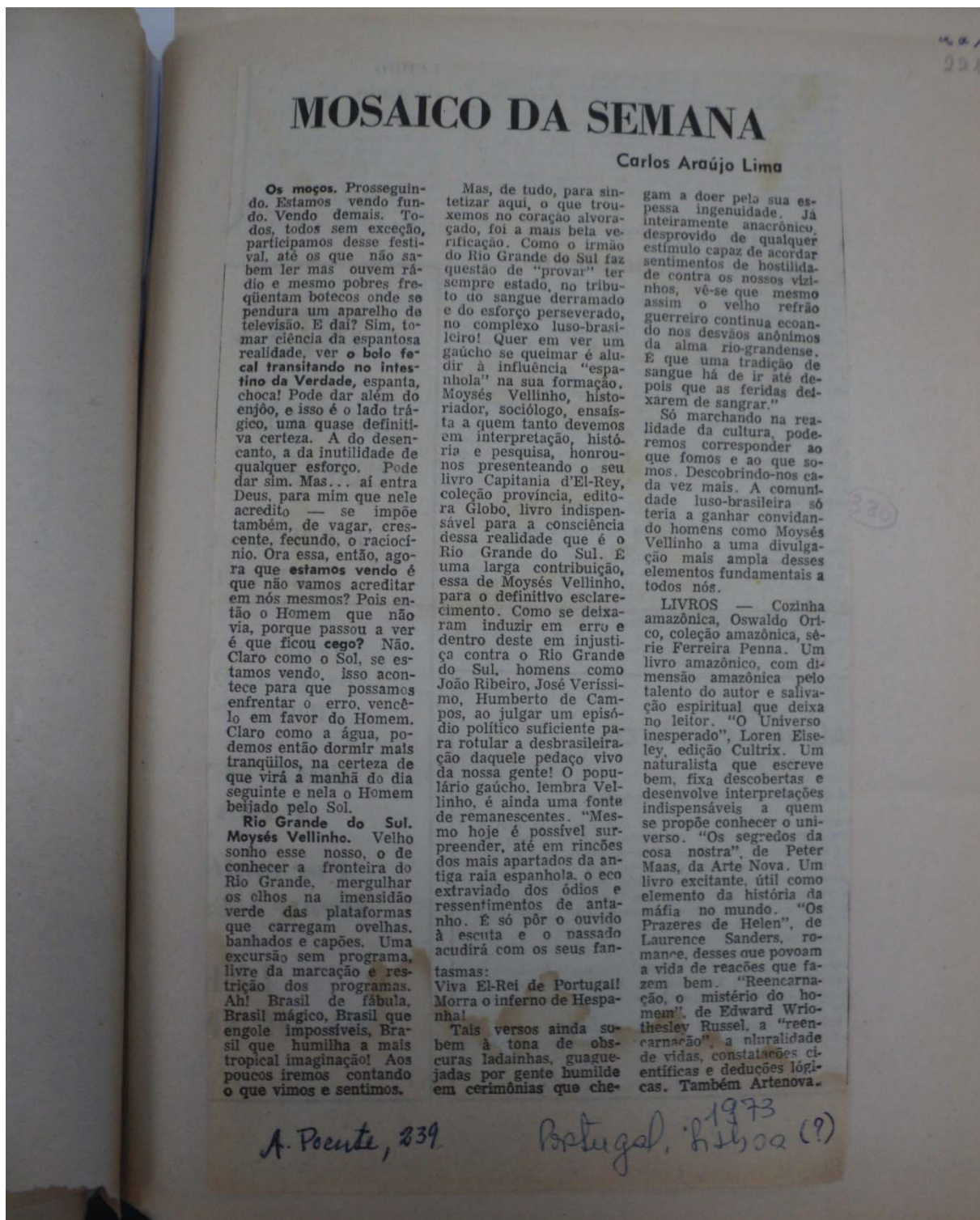
O caricaturista brasileiro Alvaro Cotrim («Alvarus»), que se encontra de visita a Portugal, pronunciou ontem, no auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, a sua anunciada conferência sobre «Rafael Bordalo Pinheiro no Brasil».

Tendo examinado as razões que se terminaram a ida deste artista português ao Brasil, o conferencista ocupou-se seguidamente da integração do mesmo artista no meio e no

**NOTÍCIA – RIO GRANDE DO SUL. MOYSÉS VELLINHO.
MOSAICO DA SEMANA²³**

Carlos Araújo Lima

ACERVO MOYSÉS VELLINHO. DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS.



Os moços. Prosseguinte. Estamos vendo fundo. Vendo demais. Todos, todos sem exceção, participamos desse festival, até os que não sabem ler mas ouvem rádio e mesmo pobres frequentam botecos onde se pendura um aparelho de televisão. E daí? Sim, tomar ciência da espantosa realidade, ver o **bolo fecal transitando no intestino da Verdade**, espanta, choca! Pode dar além do enjôo, e isso é o lado trágico, e uma quase definitiva certeza. A do desencanto, a da inutilidade de qualquer esforço. Pode dar sim. Mas... aí entra Deus, para mim que nele acredito — se impõe também, de vagar, crescente, fecundo, o raciocínio. Ora essa, então, agora que **estamos vendo** é que não vamos acreditar em nós mesmos? Pois então o Homem que não via, porque passou a ver é que ficou **cego**? Não. Claro como o Sol, se estamos vendo, isso acontece para que possamos enfrentar o erro, vencê-lo em favor do Homem. Claro como a água, podemos então dormir mais tranquilos, na certeza de que virá a manhã do dia seguinte e nela o Homem beijado pelo Sol.

Rio Grande do Sul. Moisés Vellinho. Velho sonho esse nosso, o de conhecer a fronteira do Rio Grande, mergulhar os olhos na imensidão verde das plataformas que carregam ovelhas, banhados e capões. Uma excursão sem programa, livre da marcação e restrição dos programas. Ah! Brasil de fábula, Brasil mágico, Brasil que engole impossíveis, Brasil que humilha a mais tropical imaginação! Aos poucos iremos contando o que vimos e sentimos.

Mas, de tudo, para sintetizar aqui, o que trouxemos no coração alvoroçado, foi a mais bela verificação. Como o irmão do Rio Grande do Sul faz questão de "provar" ter sempre estado, no tributo do sangue derramado e do esforço perseverado, no complexo luso-brasileiro! Quer em ver um gaúcho se queimar é aludir à influência "espanhola" na sua formação. Moisés Vellinho, historiador, sociólogo, ensaísta a quem tanto devemos em interpretação, história e pesquisa, honrou-nos presenteando o seu livro *Capitania d'El-Rey*, coleção provincial, editora Globo, livro indispensável para a consciência dessa realidade que é o Rio Grande do Sul. É uma larga contribuição, essa de Moisés Vellinho, para o definitivo esclarecimento. Como se deixaram induzir em erro e dentro deste em injustiça contra o Rio Grande do Sul, homens como João Ribeiro, José Veríssimo, Humberto de Campos, ao julgar um episódio político suficiente para rotular a desbrasilização daquele pedaço vivo da nossa gente! O popular gaúcho, lembra Vellinho, é ainda uma fonte de remanescentes. "Mesmo hoje é possível surpreender, até em rincões dos mais apartados da antiga raia espanhola, o eco extraviado dos ódios e ressentimentos de antanho. É só pôr o ouvido à escuta e o passado acudirá com os seus fantasmagoras:

Viva El-Rei de Portugal!
Morra o inferno de Espanha!

Tais versos ainda sobem à tona de obscuras ladainhas, guagueadas por gente humilde em cerimônias que che-

gam a doer pela sua espessa ingenuidade. Já inteiramente anacrônico, desprovido de qualquer estímulo capaz de acordar sentimentos de hostilidade contra os nossos vizinhos, vê-se que mesmo assim o velho refrão guerreiro continua ecoando nos desvãos anônimos da alma rio-grandense. E que uma tradição de sangue há de ir até depois que as feridas deixarem de sangrar."

Só marchando na realidade da cultura, poderemos corresponder ao que fomos e ao que somos. Descobrimos cada vez mais. A comunidade luso-brasileira só teria a ganhar convidando homens como Moisés Vellinho a uma divulgação mais ampla desses elementos fundamentais a todos nós.

LIVROS — Cozinha amazônica, Oswaldo Orico, coleção amazônica, série Ferreira Penna. Um livro amazônico, com dimensão amazônica pelo talento do autor e salvação espiritual que deixa no leitor. "O Universo inesperado", Loren Elseley, edição Cultrix. Um naturalista que escreve bem, fixa descobertas e desenvolve interpretações indispensáveis a quem se propõe conhecer o universo. "Os segredos da coisa nostra", de Peter Maas, da Arte Nova. Um livro excitante, útil como elemento da história da máfia no mundo. "Os Prazeres de Heien", de Laurence Sanders, romance, desses que povoam a vida de reações que fazem bem. "Reencarnação, o mistério do homem", de Edward Wriothesley Russel, a "reencarnação", a pluralidade de vidas, constatações científicas e deduções lógicas. Também Artenova.

A. Poente, 239

Portugal, 1973, Lisboa (?)

²³ As informações sobre tal reportagem são as que estão manuscritas no texto digitalizado, oriundo do Acervo Moisés Vellinho. Optou-se por inserir tal material devido ao seu conteúdo.

**ANEXO R – BRAZIL SOUTH:
A REPERCUSSÃO DA PROVÍNCIA NO EXTERIOR –
A OBRA MOYSÉS VELLINHO PREFACIADA POR ERICO VERISSIMO**

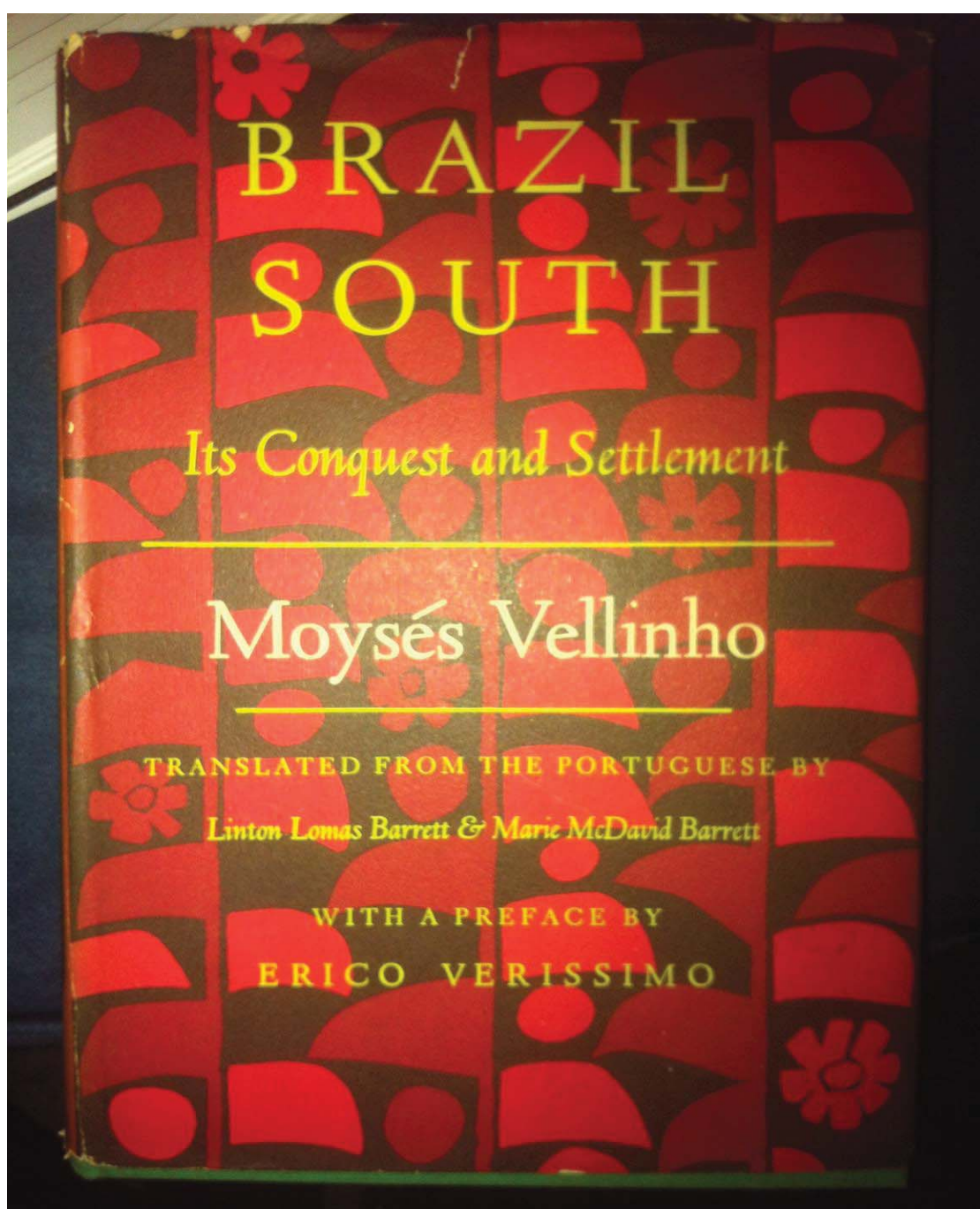
Brazil South: Its Conquest and Settlement
(versão em inglês de *Capitania d'El-Rey*).

Moysés Vellinho

CAPA DA VERSÃO EM INGLÊS DE CAPITANIA D'EL-REY

Tradução: Linton Lomas Barrett e Marie McDavid Barrett.
New York: Alfred Knopf, 1968.

ACERVO MOYSÉS VELLINHO. DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS.



Brazil South: Its Conquest and Settlement
(versão em inglês de *Capitania d'El-Rey*).

Moysés Vellinho

FOLHA DE ROSTO DA VERSÃO EM INGLÊS DE CAPITANIA D'EL-REY

ACERVO MOYSÉS VELLINHO. DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS.

BRAZIL SOUTH:
Its Conquest & Settlement

MOYSÉS VELLINHO

WITH A PREFACE BY

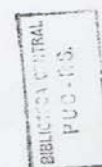
ERICO VERISSIMO

NEW YORK /

ALFRED · A · KNOPF 1968



PUCRS/BCE



981.6505

V4396

Translated from the Portuguese by

LINTON LOMAS BARRETT &
MARIE McDAVID BARRETT

Brazil South: Its Conquest and Settlement
(versão em inglês de *Capitania d'El-Rey*).

PREFÁCIO DE ERICO VERISSIMO

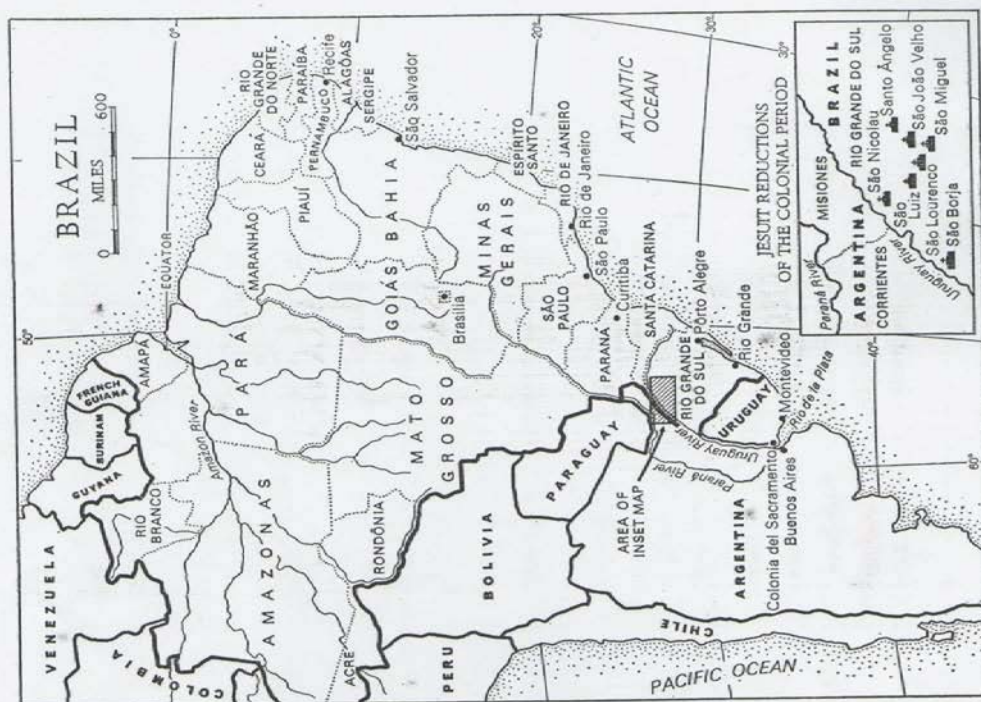
PREFACE

IN ITS ORIGINAL BRAZILIAN EDITION this book dispensed with a preface, but it needs one for its English language version, although not necessarily written by myself.

Driven by an understandable urge for oversimplification that save time and trouble, Americans usually designate all the countries below the Rio Grande under the general name of Latin America, forgetting or not knowing that there is both a Spanish and a Portuguese America. The latter is formed by Portuguese-speaking Brazil, a kind of empire in itself, with an area of nearly 3,300,000 square miles, and a population which by 1980 is expected to reach 100,000,000.

If I were asked to mention one single reason why I think Moysés Vellinho's book should interest the Amer-

vii



Brazil South: Its Conquest and Settlement
(versão em inglês de *Capitania d'El-Rey*).

PREFÁCIO DE ERICO VERISSIMO

Preface

thing I had to do was forget the textbooks of my childhood and start debunking our history and our heroes. Beneath the dust of false gold that covered our myths I found a land, a people, and a saga much more lively and beautiful than all the "official" legends.

Honest historians like Moysés Vellinho and very few others helped me indirectly in the task of "giving names to the oxen," to use an old and realistic *gatocho* saying. It is not easy for any writer to admit that some of his ancestors were horse thieves and slave traders, before becoming respectable ranch owners, and that most of the pioneers who crossed our wilderness, during almost two centuries, were not immaculate knights-errant or even plainsmen with hearts of gold, as incarnated by movie heroes like Gary Cooper and John Wayne. It is also rather embarrassing, in a Catholic country, to recognize publicly that the simple fact of a missionary wearing a cassock and holding a wooden cross in his hand does not necessarily make him a saint.

In my opinion *Capitania d'el Rei* is perhaps the first and certainly the best essay written in the extreme south of Brazil using modern historical methods, that is, an adult appraisal of our past and our origins in which facts are disentangled from myths.

THE FIRST CHAPTER of *Brazil South* deals with the southern expansion of Brazil in the seventeenth century, when

i x

P R E F A C E

ican reader, I would say that it explains the differences between these two so-called Latin Americas, and because, moreover, it describes and analyzes the territory where, the time when, and the acts and facts through which southern Brazilians struggled to remain under the domination of the Portuguese, resisting the soldiers of the kings of Spain. In brief, this book tells the dramatic story of a bloody frontier.

Being a southern Brazilian myself, I remember that in my school days we were compelled to study the history of our home state, Rio Grande do Sul, in tedious textbooks and in terms of lackluster myths and legends. It was a boring succession of wars against the Castilians (not only the Spaniards but also those who later were to be called Argentinians, Uruguayans, and Paraguayans). Of course the Brazilian armies won all the combats, all the battles, and all the wars. We memorized the names of many bemedalled generals with pompous sideburns and stern faces. What we were fed in school was mythology, not history. It was almost like attending a puppet show that we disliked: cardboard dolls moving stiffly against a background of painted paper simulating our prairies and green, rolling hills, while all the time the teacher repeated patriotic platitudes in a monotonous voice. Many years later, when as an adult I decided to write a kind of mural novel covering two hundred years in the life of my home state, from the original settlers, in the seven-teen-thirties, up to Getúlio Vargas, in 1945—the first

viii

Brazil South: Its Conquest and Settlement
(versão em inglês de *Capitania d'El-Rey*).

PREFÁCIO DE ERICO VERISSIMO

Preface

were lost or dead. Other chroniclers affirm that Tavares's prowess was still more fabulous, that he and his *bandeirantes* crossed the Andes and went up to Quito and probably later reached the shores of the Pacific.

Mr. Vellinho gives careful attention to the origins and the fate of Sacramento, the colony that Portugal founded on the north bank of the River Plate. Its failure led the Portuguese crown to establish in 1737, somewhere up north on the seaside of the land they wanted to hold, a military presidio with a garrison of dragoons, which is considered the first Portuguese settlement in that part of Brazil, later to be known as the Captaincy of São Pedro. In this chapter the reader is able to follow the many changes undergone by a movable border, the lines of which were periodically thrust forward up north or down south by the lances, the swords, and the breasts of the frontier warriors.

One of the most fascinating aspects of the history of the New World is the role played by the missionaries of the Society of Jesus during colonial times. I think that nowhere in the whole of the American continent did the issue become more bitter and controverted than in Paraguay and neighboring Brazil. Even to this day historians engage in endless and heated arguments over the matter.

The idea that the Portuguese Jesuits were faithful and obedient to the government of their home country seems to be generally accepted. But what about the Spanish? Did they work for Spain, in which case they

x i

P R E F A C E

the Portuguese crown decided to occupy once and for all the lands south of the Amazon and north of the River Plate. (Look at the map and see what a substantial piece of real estate that was!) The southernmost Portuguese settlement in America at that time was Laguna, beyond which lay what a French traveler and naturalist would later call "a frightening six-hundred-league desert." For that expansion the King of Portugal depended not only on missionary priests but also on soldiers and pioneers.

Mr. Vellinho tells the story of the *bandeirantes*, those groups of adventurers and explorers that periodically left the Captaincy of São Vicente (today the state of São Paulo) bound for the unknown backlands, in search of gold and silver mines and the fabulous "country of the emeralds." They also knew, less romantically, that there was good money in the traffic of Indian slaves.

One of these *bandeirantes*, a certain Raposo Tavares, left São Vicente bound for the Paraná River. His intention was to destroy the Jesuit missions, to dominate Paraguay, and later on to explore the legendary lands of Peru. According to some historians, having encountered strong armed resistance from the Indians commanded by the priests, Raposo Tavares and his men changed their itinerary only to take on a more ambitious one. They started out in small boats on the Tocantins River, reached the Amazon and braved its waters eastbound, and went up to Pará, whence they came back home. The trip lasted three years, and everybody thought they

x

Brazil South: Its Conquest and Settlement
(versão em inglês de *Capitania d'El-Rey*).

PREFÁCIO DE ERICO VERISSIMO

Preface

controversy in the history of Rio Grande do Sul has as its central figure Sepé Tiaraju, a supposedly intelligent, wise, kind, and brave Indian chieftain, who was *corregedor* at the Saint Michael Mission and who, through the greedy fantasy of poets and the carelessness of historians, has become not only a blameless hero but also a sort of saint. (Every country has the Pocahontas it deserves. . . .)

Mr. Vellinho roused the wrath of many a fellow historian when he voiced his doubts about the feats of Sepé Tiaraju, taking issue with those who consider him the first *gaúcho*—that is, Brazilian *gaúcho*-guerrilla leader. He proves with crystal clear arguments that the “noble savage” could not be a *national* hero since he fought for the Spaniards against the Portuguese.

The chapter in which Mr. Vellinho draws a parallel between the state of Rio Grande do Sul and the River Plate region is most illuminating. He thinks that it is a mistake to suppose that Brazilians, Argentinians, and Uruguayans resemble each other. This misconception arises from the fact that they are all conditioned by the same environment, the same type of activity—cattle raising—and that they all suffered, one way or the other, the influence of the working techniques of the native tribesmen.

Moysés Vellinho's study of caudillos goes from the first settlers in both regions—transient pioneers who became cattle ranchers, and eventually, in times of war,

xiii

P R E F A C E

were against the Portuguese interests in America, or did they work for themselves, that is, for the fulfillment of what could be called the “dream of a Theocratic Empire”?

The seven missions that the Spanish Jesuits instituted in Paraguay (the famous *Sete Povos*) and which later were incorporated into Brazil, induce us to sponsor the second theory, namely that those tenacious black-cassocked priests followed mainly religious ideals. They segregated the Indians in small “nations” established around a cathedral and under the totalitarian and at the same time paternalistic authority of the priests, who had spiritual, civil, and criminal jurisdiction over the natives. Economically it was, at least on the surface, a kind of communistic experiment. The priests taught the Indians how to read and write (Latin and Spanish, of course), music, the plastic arts, and a great number of crafts. The spirit of the *Sete Povos*, its organization, and practical results have been either praised or mercilessly attacked by historians through the centuries.

It seems to me that in this essay Moysés Vellinho has said the right word about the role of the Jesuits in southern Brazil, without a shadow of prejudice.

MR. VELLINHO debunks some of our traditionally accepted heroes and exalts those whom other historians have overlooked or underrated. Another sore point of

xii

Brazil South: Its Conquest and Settlement
(versão em inglês de *Capitania d'El-Rey*).

PREFÁCIO DE ERICO VERISSIMO

P R E F A C E

military leaders—up to urban political bosses of our day, like Pinheiro Machado and Getúlio Vargas.

The kind of Portuguese spoken by the Brazilian *Gaúchos*, that is, the inhabitants of Rio Grande do Sul, is generally accepted as the neatest in all the country. We do not mince the letters or the words, but sort of "bite" them as the good beef-eaters that we are, endowed with good teeth. Ours is a clean-cut, well sculptured Portuguese.

Mr. Vellinho thinks that we try to speak that way deliberately because, conscious of our role as guardians of a frontier, we feel the permanent duty of defending the purity of our mother tongue from any foreign taint. This theory may or may not be valid, but I must confess that I find it fascinating.

HERE is a really important book, full of stimulating ideas, written by one of the most distinguished historians and critics of contemporary Brazil.

ERICO VERISSIMO

Pórtio Alegre, January 1968

x i v

C O N T E N T S

<i>Introduction</i>	3
I THE SOUTHERN EXPANSION OF BRAZIL	21
II THE JESUITS	55
III THE MISIONES ORIENTALES AND RIO GRANDE DO SUL	101
IV CRISTÓVÃO PEREIRA	123
V RIO GRANDE AND THE PLATA: CONTRASTS	138
VI THE FRONTIER AND THE LANGUAGE	230
<i>Bibliography</i>	245
<i>Notes</i>	259
<i>Index follows page</i>	282

x v

BRAZIL SOUTH -

TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS DO PREFÁCIO ESCRITO POR ERICO VERISSIMO²⁴

Sul do Brasil: suas conquistas e estabilização

Moysés Vellinho

Na sua edição original brasileira, este livro dispensou um prefácio, mas necessita de um para a sua versão na língua inglesa, embora não necessariamente escrita por mim.

Motivados por um compreensível desejo de simplificação para evitar dores de cabeça, os americanos normalmente designam todos os países ao sul do rio Grande sob o nome genérico de América Latina, esquecendo ou sem o conhecimento de que existe tanto a América espanhola quanto a portuguesa. Esta é composta por brasileiros, que falam a língua portuguesa, um império em si, com uma área de aproximadamente de 8.546.000 quilômetros quadrados e uma população que é esperada chegar em 100.000.000 em 1980.

Se me pedissem para mencionar uma única razão porque eu acho que o livro de Moysés Vellinho interessaria os leitores americanos, eu diria que ele explica as diferenças entre estas duas Américas Latinas e, além disso, descreve e analisa o território, a época, os atos e fatos onde os brasileiros da região sul lutaram para permanecer sob a dominação portuguesa, resistindo aos soldados do rei da Espanha. Em resumo, este livro conta a dramática história de uma sangrenta fronteira.

Eu mesmo tendo nascido na região sul, lembro que enquanto estudante, nós éramos obrigados a estudar a história do nosso estado, o Rio Grande do Sul, utilizando livros entediantes com mitos e lendas sem vida. Era uma sucessão de guerras chatas contra os castelhanos (não somente os espanhóis, mas também aqueles que mais tarde foram chamados de Argentinos, Uruguaios e Paraguaiois). É claro que o exército brasileiro venceu todos os combates, todas as batalhas e todas as guerras. Nós decorávamos os nomes de todos os generais condecorados, com suas costeletas imponentes e expressões sérias. O que nos ensinavam na escola era mitologia, não história. Era quase como assistir a um show de fantoches que não gostávamos: bonecos de papelão movendo-se rigidamente em um papel de fundo pintado simulando as nossas pradarias, campos e montanhas, enquanto o professor repetia banalidades patrióticas com uma voz monótona. Muitos anos depois eu, já adulto, decidi escrever um romance cobrindo duzentos anos “de vida” do meu estado, dos colonizadores originais desde 1730 até o governo Getúlio Vargas, em 1945 - a primeira coisa que tive que fazer foi esquecer os livros textos da minha infância e começar a desmascarar a nossa história e os nossos heróis. Sob o falso brilho que cobria os mitos, eu encontrei uma terra, um povo e uma narrativa épica muito mais viva e bonita do que as lendas “oficiais”.

Historiadores sérios como Moysés Vellinho e alguns outros me ajudaram indiretamente na tarefa de “dar o nome aos bois”, uma expressão antiga e típica gaúcha. Não é fácil para nenhum escritor admitir que alguns de seus antepassados eram ladrões de cavalos e comerciantes de escravos, antes de se tornarem respeitáveis fazendeiros e que os pioneiros que atravessaram o nosso deserto,

²⁴ Tradução de Daniela Difini Motta.

durante quase dois séculos, não eram heróis imaculados ou mesmo homens comuns com corações de ouro, como aqueles interpretados por heróis cinematográficos como Gary Cooper e John Wayne. É também vergonhoso, em um país católico, reconhecer publicamente que o simples fato de um missionário usar batina e segurar uma cruz de madeira na mão não quer dizer necessariamente que ele é um santo.

Na minha opinião, *Capitania d'El-Rey* seja talvez a primeira e, certamente, a melhor dissertação sobre o extremo sul do Brasil usando métodos históricos modernos, isto é, uma avaliação madura da nossa origem e nosso passado, onde os fatos estão separados dos mitos.

O primeiro capítulo de Sul do Brasil lida com a expansão do sul do Brasil no século dezessete, quando a Coroa Portuguesa decidiu ocupar, de uma vez por todas, o território entre o sul da Amazônia e o norte do Rio da Prata (olhe no mapa e veja a vastidão do terreno que era!). A colonização mais ao sul naquele tempo era Laguna, além de onde um viajante francês e naturalista mais tarde descreveu como um “assustador deserto de 600 léguas”. Para aquela expansão, o rei de Portugal dependia não somente dos padres missionários, mas também dos soldados e pioneiros.

O senhor Vellinho conta a história dos bandeirantes, grupos de aventureiros e exploradores que saíam periodicamente da Capitania de São Vicente (hoje o Estado de São Paulo), em direção a terras desconhecidas, em busca de minas de ouro e prata e o fabuloso “país das esmeraldas”. Eles também sabiam, romantismo à parte, que existia muito dinheiro no tráfico de escravos índios.

Um destes bandeirantes, um certo Raposo Tavares, deixou São Vicente em direção ao Rio Paraná. Suas intenções eram de destruir as missões jesuítas, dominar o Paraguai e, mais tarde, explorar as terras lendárias do Peru. De acordo com alguns historiadores, o fato de ter encontrado uma forte e armada resistência dos índios, comandada por padres, Raposo Tavares e seus homens mudaram o seu itinerário para um outro mais ambicioso. Eles iniciaram com barcos pequenos no rio Tocantins e foram até o Pará, de onde voltaram para casa. A viagem durou três anos e todos acharam que eles estavam perdidos ou mortos. Outros cronistas afirmam que a destreza de Tavares era ainda mais sensacional, que ele e seus bandeirantes atravessaram os Andes e foram até Quito e, provavelmente mais tarde, chegaram na costa do Pacífico.

O senhor Vellinho dá uma atenção especial às origens e ao destino de Sacramento, a colônia fundada por Portugal ao norte do Rio da Prata. Seu fracasso levou a coroa portuguesa a se estabelecer, em 1737, em um lugar ao norte da costa da região que eles queriam dominar, um presídio militar, com a guarnição de dragões, onde é considerada a primeira povoação portuguesa naquela área do Brasil, mais tarde sendo chamada de Capitania de São Pedro. Neste capítulo, o leitor consegue acompanhar as várias mudanças que ocorreram na fronteira, as divisas, que periodicamente eram empurradas para o norte ou para o sul por lanças, espadas e peitos dos guerreiros da fronteira.

Um dos aspectos mais fascinantes da história do Novo Mundo é o papel dos missionários da Sociedade de Jesus durante o período colonial. Eu acho que, se considerarmos todo o continente americano, em nenhum lugar a situação foi mais amarga e polêmica que no Paraguai e na fronteira com o Brasil. Até hoje historiadores têm discussões calorosas e sem fim sobre este assunto.

A ideia de que os jesuítas portugueses eram fiéis e obedientes ao governo de seu país tende a ser geralmente aceita. E os espanhóis? Eles trabalhavam para a Espanha, onde, neste caso, eram contra aos interesses portugueses na América, ou trabalhavam para eles mesmos, isto é, pela realização do que pode ser chamado de “sonho do Império Teocrático”?

As sete missões que os jesuítas espanhóis instituíram no Paraguai (os famosos Sete Povos), que mais tarde foram incorporadas ao Brasil, nos leva a acreditar em uma segunda teoria, que aqueles padres tenazes de batina preta seguiam vários ideais religiosos. Eles segregaram os índios em pequenas “nações” estabilizadas perto de uma catedral e sob o totalitarismo e ao mesmo tempo uma autoridade paternalística dos padres, que tinham jurisdição espiritual, civil e criminal sob os nativos. Economicamente era, pelo menos na superfície, um tipo de experiência comunista. Os padres ensinaram os índios a ler e escrever (Latim e Espanhol, é claro), música, artes plásticas e muitas formas de arte. O espírito dos Sete Povos, sua organização e seus resultados práticos foram elogiados ou criticados sem piedade por historiadores com o passar dos séculos.

Acredito que Moysés Vellinho mostrou a verdade sobre o papel dos jesuítas no sul do Brasil nesta obra, sem nenhum preconceito.

O senhor Vellinho desmascara alguns dos nossos tradicionais heróis e ressalta aqueles que outros historiadores não validaram ou menosprezaram. Outro ponto delicado da controvérsia da história do Rio Grande do Sul tem como figura central o Sepé Tiaraju, supostamente inteligente, esperto, bom e um corajoso chefe indígena, que foi corregedor na Missão de São Miguel e quem, na fantasia ambiciosa dos poetas e descuido dos historiadores, se tornou, não somente um herói inocente, mas também, de certa forma, um santo. (Todo país tem a Pocahontas que merece...)

O senhor Vellinho despertou a ira de muitos historiadores quando expressou suas dúvidas sobre as façanhas de Sepé Tiaraju, argumentando com aqueles que o consideram o primeiro gaúcho – isto é, líder guerrilheiro gaúcho. Ele prova com argumentos muito claros que o “nobre selvagem” não poderia ser um herói nacional, pois ele lutou ao lado dos espanhóis contra os portugueses.

O capítulo no qual o senhor Vellinho faz um paralelo entre o Estado do Rio Grande do Sul e a região do rio da Prata é o mais esclarecedor. Ele considera um engano supor que brasileiros, argentinos e uruguaios são semelhantes. Este equívoco surge do fato de que todos estão condicionados ao mesmo ambiente, ao mesmo tipo de atividade – criação de gado – e que todos sofreram, de um jeito ou de outro, a influência das técnicas de trabalho das tribos nativas.

O estudo de Moysés Vellinho sobre os caudilhos inicia nos primeiros colonizadores em ambas regiões – pioneiros transitórios que se tornaram criadores de gado e, eventualmente, em tempos de guerra, líderes militares – até políticos urbanos de hoje em dia, como Pinheiro Machado e Getúlio Vargas.

O português falado pelos gaúchos, isto é, os habitantes do Rio Grande do Sul, é geralmente aceito como o mais puro em todo o país. Nós não cortamos as letras ou as palavras, mas as mordemos como bons comedores de carne que somos, dotados de bons dentes. O nosso português é limpo e bem esculpido.

O senhor Vellinho deliberadamente acredita que nós falamos assim porque, conscientes do nosso papel como guardiões de uma fronteira, nós temos o dever de defender a pureza da nossa língua mãe de qualquer influência estrangeira. Esta teoria pode ou não ser válida, mas eu devo confessar que a considero fascinante.

Eis aqui um livro muito importante, repleto de ideias estimulantes, escrito por um dos mais renomados historiadores e críticos do Brasil contemporâneo.

Erico Verissimo

Porto Alegre, janeiro de 1968.

Província de São Pedro. Porto Alegre: n. 19, 1954.

NOTAS DE UM VIAJANTE APRESSADO

ASPECTOS DA VIDA CULTURAL NOS ESTADOS UNIDOS²⁵

Moysés Vellinho

Segundo observação corrente, um dos grandes riscos que oferece o tipo de vida predominante nos Estados Unidos é a tendência inevitável para a padronização psicológica dos indivíduos. Ninguém poderá furtar-se, com efeito, à impressão de que as coisas, ali, tendem a evoluir no sentido da elaboração em série de temperamentos e de almas. Assim, o que na Rússia comunista se procura alcançar pela violência e pelo terror, o americano, sob o influxo das próprias peculiaridades da civilização que construiu, vai realizando por si mesmo, sem a intromissão da polícia, dentro das mais avançadas franquias democráticas. Vemo-lo, pois, caminhando espontaneamente para um estado de remansosa indiscriminação individual...

A observação será inteiramente exata? Sim ou não, o certo é que, pela insistência com que é repetida, já constitui uma dessas meias verdades que se oferecem de graça à vadiagem de qualquer turista.

Mas, se nos Estados Unidos o indivíduo está ameaçado de apagar-se na uniformidade geral, esse perigo não deixa de suscitar ali apreensões e resistências. Nem será preciso muito esforço de atenção para surpreender o vigilante empenho com que se busca estimular por todos os meios e os valores de que se nutre a singularidade essencial do homem. Nessa enorme tarefa não se imobilizam apenas somas espantosas, perdulariamente aplicadas na preservação das coisas que falam da realidade espiritual da criatura humana. Incansáveis dedicações e entusiasmos se empenham a fundo na mesma empresa.

Vivendo sob o signo aplastante do número, da técnica, da máquina, em risco de ser absorvido pela colmeia igualitária como simples expressão estatística, dir-se-ia que o americano sente mais que ninguém o perigo dessa ameaça, e então, jogando-se contra a corrente, se agarra a si mesmo, aferra-se ao que sobra de velhas lições. Ele teme, sem dúvida, que sua trepidante aventura o leve a comprometer para sempre a laboriosa parábola que o gênio do homem veio descrevendo através dos tempos e que teve como remate a mais transcendente de suas conquistas: – a descoberta de sua unidade interior, com fronteiras próprias e indevassáveis.

De minha parte confesso, não sem algum constrangimento, que antes de ir aos Estados Unidos, vará-lo de oceano a oceano e dos limites com o Canadá aos Golfo do México, participava do juízo dominante, pensando que o povo norte-americano, deglutido e assimilado pela mais compacta organização industrial que o mundo já viu, se reduzira a um ser senão infenso, pelo menos indiferente a tudo aquilo que não lhe falasse através da imperiosa linguagem dos números. Gente acuada pelos ponteiros do relógio, que a bem dizer nem se senta para o almoço, sempre absorvida pela monótona preocupação de servir pontualmente às surdas injunções da tarefa profissional, – que tempo lhe havia de sobrar para os lazeres gratuitos da contemplação? Nos Estados Unidos, mais que em qualquer outro país democrático, as nascentes espirituais do homem estão, com efeito, sob constante ameaça, o que ajuda a compreender tudo o que se reclama, ali, dos filhos de Deus, para se livrarem dos assomos de Caliban e não se deixarem afundar no apagamento total.

²⁵ Aspectos da vida cultural nos Estados Unidos. Publicado na revista *Província de São Pedro*, n. 19.

Embora sem rasgos exteriores, a luta não chega a ser imperceptível. Será, no fundo, bastante áspera, de uma aspereza calada, que caladamente se agrava com a exacerbação das forças que se movem contra o homem. Esse drama do homem que não quer extraviar-se de suas rotas essenciais, ainda que no desmedido palco americano não transpareça através de cores gritantes ou patéticas, nem por isso perde o seu caráter imanente, e é por isso que empresta à paisagem humana daquele país um dos elementos de contraste que lhe quebram a monotonia interior e lhe aguça, a vitalidade.

Mas os que veem no êxito das realizações materiais o supremo degrau da civilização entram em dúvida e formulam questões que fariam honra aos entusiasmos de Babbit: um povo que logrou erguer no horizonte desmanchado dos nossos dias um sistema de vida amplamente baseado na democratização do conforto: - um povo que fez do respeito que os homens se devem uns aos outros uma norma social pacificamente integrada em seus hábitos coletivos: - um povo que construiu o seu mundo à feição das mais rigorosas exigências técnicas, - esse povo não estará, porventura, definitivamente desobrigado dos velhos compromissos contraídos pelo espírito em seus teimosos raptos e devaneios? Não é verdade que esse povo, a quem só falta descobrir a máquina que nos liberte do incômodo ofício de pensar, é senhor do presente e em parte já se apoderou até do futuro, enquanto outras nações ainda não tomaram pé no presente e outras mais já o perderam para sempre? Um povo assim, jovem e numeroso, dono de todas as coisas, rico de seiva e de impulsos generosos, não teria então o direito de dar as costas ao passado já vencido, relegando ao desprezo, como faz com os trastes e objetos que perderam a utilidade imediata, os valores e velharias de antanho, apagado testemunho das lutas que o homem teve que enfrentar, desde a caverna ao arranha-céu, para ir vencendo penosamente, um a um, os escalões de sua evolução cultural? Não resta dúvida que a argumentação do babbitismo aparenta alguma fascinação, chegando a parecer inesgotável. Pois onde estão as maiores cidades já construídas pela vocação solidária de um povo? Onde o arrojo da arquitetura atingiu formas e proporções mais vertiginosas? Onde se plantaram parques mais vastos, abundantes, acolhedores? Onde, sobre as águas dos rios, dos lagos e dos mares, pontes mais audaciosas? Onde já se viu transformar regiões inteiramente áridas em tão verdes e dilatados pomares? Onde já se fez o deserto desabrochar em cidades? Onde mais generosos os milagres da ciência e mais fartas as dádivas da indústria?

E por aí se vai a dialética satisfeita do babbitismo, que serve à filosofia do número, da eficiência, do conforto fácil, das soluções úteis e rendosas. O que ele quer dizer, em conclusão, é que se há um povo que pode dar-se ao luxo de ignorar soberanamente os antigos padrões da cultura e civilização, esse povo não é outro senão o americano. Porque mirar-se no passado, por que enredar-se nas teias de aranha de épocas defuntas uma nação que já está vivendo o seu próprio futuro?

Entretanto, a realidade americana extravasa dessas suntuosas limitações, não é tão simples como o faz supor a ênfase de tais devaneios. Nada mais falso que a impressão de que o americano, senhor do progresso, se julgue desquitado dos componentes espirituais da civilização. É preciso ver de perto o zelo quase humilde com que ele procura resguardar contra os impactos do progresso tudo o que traz a marca do passado, que diga do esforço de superação do homem. Basta que um objeto, um fato, uma ideia, descubram os vincos do tempo, para ele dispensar-lhes logo um cuidado todo especial, quase religioso, às vezes. Esse cuidado nos faz insistir na conclusão de que o americano, engolfado na voragem da civilização material que ele mesmo impulsiona do alto de sua eficiência técnica, e na qual o elemento quantidade chega a revestir proporções que desafiam todos os arrojos da fantasia humana, tem medo que recaia sobre si a responsabilidade de que chegue um dia a interromper-se para sempre, em seu velho curso, a mais bela legenda da

humanidade: - aquela que se traduz na luta do homem pela afirmação de sua imanência espiritual.

Ninguém ousará negar que o americano seja vulgarmente em enamorado do número. Na verdade, quanto mais crescem as cifras nos gráficos que acusam o progresso do país, mais elas lhe encham os olhos e lhe excitam a imaginação jovem e elástica. Ao número está ligada a ideia de velocidade e logo nos acode ao espírito, como representação simultânea de ambas essas coisas, o automóvel, que é, para o americano, um complemento orgânico do indivíduo, como os braços ou as pernas. Figuremo-nos em Los Angeles. Cidade inquieta e monstruosa, ela já deglutiu, na fúria com que se derramou, as cinco ou seis outras que lhe ficavam nas proximidades e são hoje apenas distritos que se confundem dentro de uma só massa urbana que se alastra sem solução de continuidade. Pois somente em Los Angeles, com cerca de quatro milhões de almas, há dois milhões de automóveis, - um para cada dois habitantes! Isto quer dizer que uma única cidade americana possui mais autos que todos os veículos motores reunidos das vinte repúblicas da América Latina! Passemos agora a Washington ou Filadélfia. Quem tiver simpatia por imagens surrealistas pode afirmar, ao ver o número de demolições que ali se fazem para estacionamento de automóveis, que estes já começaram a comer as casas em nome de um direito que ninguém lhes contesta: - o espaço vital... Em todo o país rodam quase cinquenta milhões de carros! Para se ter uma ideia dessa enormidade, nada como figurar uma hipótese delirante: suponhamos que num dado momento toda a população dos Estados Unidos fosse tomada de pânico e resolvesse fugir do país. Pois poderia fazê-lo confortavelmente de automóvel, numa única viagem, e ainda sobrava lugar para os cinquenta milhões de brasileiros que somos...

Sim, tais números são desses que produzem vertigem. Mas por enquanto ainda é o homem quem os governa. Embora sensível ao argumento numérico ou estatístico - e é natural que o seja nestes tempos de opressão econômica; o americano ainda resiste à ideia de que o número, só por si, esgote as medidas do homem. É verdade que num país que vive sob o signo do trabalho, e onde a massa da população é absorvida pelo mais vasto complexo industrial que o sol cobre, será maior que em qualquer outra parte a multidão dos que não tem tempo sequer para o repouso dos músculos. O que não será maior em parte alguma é a generosidade, a abundância de espírito com que os manipuladores do destino americano, líderes políticos ou magnatas, põem ao alcance do povo os meios culturais de que cada indivíduo carece para não se perder de si mesmo no torvelinho da engrenagem coletiva.

O perigo de aniquilamento do humano que há no homem, em face da tendência universal para a padronização de todas as coisas, o que em parte é produto da sistematização do convívio sócia, tem que ser mais agudo e ameaçador nas pátrias jovens, onde os acentos implacáveis do presente mal deixam ouvir as vozes de um passado difuso, sem profundidade nem consistência.

Mas se o homem individualmente é história, como ensina a psicologia, é na história de sua grei e de sua terra que ele há de firmar-se para assegurar sua própria continuidade. Daí, talvez, o empenho em que, em meio às tremendas solicitações do presente, se procura cultivar e enobrecer, nos Estados Unidos, a tradição nacional. No sólido terreno dos números não é possível qualquer confronto entre as realizações do americano de hoje e o da obra de seus ancestrais. No entanto, os feitos do passado crescem e se impõem, perante a consciência cívica dos contemporâneos, pela força e limpidez do idealismo que inspirou os construtores da nação. Neste pensamento repousa o culto quase sagrado que ali se vota aos grandes estadistas e heróis nacionais.

Rezam as estatísticas que três milhões de americanos de todos os quadrantes do país acorrem anualmente a Washington. Como a metrópole federal não é cidade

de prazeres nem oferece particular interesse econômico, essa torrente de visitantes não vai ali em busca de divertimentos ou a negócios. Se Washington se nega aos prazeres noturnos, recolhendo cedo sob as enormes árvores que lhe assombam as praças e avenidas, e se, como sede do governo, não podia deixar de ser, segundo a intenção puritana daquela gente, o que realmente é, uma cidade de hábitos medidos e severos, - então que é que chama e atrai, ali, senão apenas os símbolos da nacionalidade, encarnados pelos seus heróis, suas instituições e monumentos? Os 250 mil americanos que mensalmente demandam Washington, são levados, com efeito, por sentimentos votivos. E a primeira coisa que fazem é desfilar em silêncio perante a Declaração da Independência, cujo original se encontra no saguão da Biblioteca do Congresso, ao alcance de todos os olhos. Seguem-se outras visitas obrigatórias, de elevado sentido cívico, que lhes permitem levantar os olhos e o espírito até o alto do imenso obelisco erguido em honra a Washington; e medir, mais uma vez, a grandeza moral de Lincoln no soberbo templo clássico onde a impressionante estátua do libertador dos escravos é, pela só eloquência do olhar, como que um apelo ao cumprimento do dever; e ainda, à sombra inspiradora de Jefferson, retemperar sua vocação e determinação democrática. E as vagas desse turismo patriótico finalmente se dirigem a Mount Vernon, a alguns quilômetros da capital, para ali fruírem a ilusão de que aquelas paredes confidenciais ainda guardam em segredo as conversas familiares do fundador da pátria.

Onde há resíduos do passado, naquele país em que tudo parece que foi construído e armado na véspera, aí o americano se detém com reverente curiosidade. Nesse paradoxal apego à tradição, que buscará ele senão agarrar-se às suas próprias raízes para poder levar adiante, sem extraviar-se de si mesmo, a enorme aventura da civilização que está consolidando?

Às vezes chego a pensar que o americano, com todas as seduções e garantias que o presente lhe proporciona, tem a nostalgia de um tradição mais numerosa e mais profunda, com um recuo maior no tempo e na memória dos homens. Essa sede de tradição, de certo modo estimulada pelos recursos materiais de que ele dispõe, tem-lhe inspirado as mais comoventes extravagâncias. Há lá uma pequena cidade, Williamsburg, que, sob os auspícios financeiros de Rockefeller, foi retocada casa por casa, pedra por pedra, em parte demolida ou refeita, e por fim totalmente restaurada segundo sua feição primitiva. Gente do lugar, metida na indumentária dos avoengos, conspira com o resto para alimentar a impressão de que aquela cidade é mesmo um velho burgo, contemporâneo dos primeiros ensaios de vida urbana em Norte América...

Ouvi contar que numa cidadezinha da Virgínia existe um teatro antigo que revive periodicamente sua própria tradição, ligada à vida e aos hábitos de George Washington. Tudo ali reveste um ar gasto e desbotado, como se guardasse ainda viva a marca do século XVIII. E as coisas se conservam assim para que ninguém estranhe a presença simbólica, mas em carne e osso, do par mais querido e eminente da história norte-americana. Com efeito, representados por um casal vestido a caráter, e severamente compenetrado de seu papel, ali aparecem, em certas comemorações locais, George e Marta Washington. Imortalizados dessa forma pela veneração de seus conterrâneos, o primeiro presidente e sua mulher continuam recebendo, como se ainda vivessem num recanto da Virgínia, as vênias e homenagens dos pósteros. O cerimonial é completo: à medida que as pessoas de prol vão chegando ao velho teatro, são anunciadas em voz alta conforme o uso de antanho e em seguida apresentadas ao primeiro magistrado e à primeira dama que inauguraram o país. O ilustre casal Washington, por sua vez, se apressa a oferecer aos recém-vindos o agasalho do estilo.

Quem, a respeito de Nova Orleans, já não ouviu falar no Old French Quarter, testemunho dos velhos tempos da cidade? Haverá quem ouse remover uma pedra sequer do antigo e desmantelado bairro? Na desconcertante urbs da foz do

Mississippi, onde as relações civis ainda são reguladas por fragmentos do código napoleônico, a fuligem do tempo tem qualquer coisa de sagrado para os americanos. Fundada por súditos de Luiz XIV, ali assediaram também os conquistadores espanhóis, feros senhores de capa e espada, deixando, entre muitos sinais prenes de autoritarismo e arrogância, o sólido Cabildo, hoje transformado em museu, cujos muros parece que ainda guardam as grossas imprecações do pirata Laffitte, que ali esteve sob ferros. Viva também é a memória de batalhas, de senhores e escravos. Voga pelo ar o vestígio de tudo isso e persiste galhardamente contra o impacto dos novos tempos. É que os proprietários atuais do bairro histórico firmaram, entre si, à margem de quaisquer posturas, o compromisso de conservá-lo tal como a tradição o deixou. Escalavradas, espessas de imemorial sujeira, mas animadas pela legenda, aquelas casas, deliberadamente entregues aos desgastes da velhice, parecem ocultar, por trás das maravilhosas rendas de ferro que lhes guarnece as fachadas, os pecados que ali se cometeram. A essa ânsia de fixações retrospectivas se deve também a fantasia de um milionário que fez reproduzir numa ampla avenida da cidade, sem tirar nem por, o orgulho solar que aparece no filme consagrado ao popular romance de Margaret Mitchel.

No afã de enriquecer uma tradição que lhe enobreça o patrimônio histórico e social, o americano acolhe de alma aberta mesmo a contribuição alheia, desde que esta contribuição o distraia das contingências de seu absorvente estilo de vida. Nesse sentido, é de ver a maneira como ele afaga os antigos testemunhos da ocupação espanhola na orla do Pacífico. Velhos conventos acaçapados, igrejinhas humildes, tranquilas missões que se sucedem ao longo da costa, nomes primitivos, denominações geográficas – tudo de legítima extração espanhola – ele incorporou ao próprio tecido de sua vida e de suas relações, sem nada alterar, a não serem as deturpações da pronúncia, tudo envolvendo no mesmo sentimento de vaidade nacional que lhe inspiram as obras e feitos que ele próprio realizou.

É que as vozes da tradição, seja qual for a sua procedência, descobrem um cento de humanidade que se ergue naquela floresta de cimento e aço como um penhor de sobrevivência do homem.

Mas não é só em contato com os vestígios da tradição, não é só através do culto dos heróis nacionais que o americano procura defender a condição humana contra os tremendos assomos da civilização técnica. Nesta altura, recorro a um depoimento valiosos. Um dia eu voltava de Lake Success com o então delegado permanente do Brasil junto à ONU, o embaixador João Carlos Muniz, e todo o tempo do longo trajeto conversamos a respeito do problema da cultura naquele país. O ilustre diplomata, espírito dos mais cultos e bem dotados da nossa representação no exterior, falou-me como velho conhecedor dos Estados Unidos, e suas observações, isentas, seguras, fartamente documentadas, levavam a conclusão de que o norte-americano se acha realmente empenhado, com todo o poder de suas instituições, em apurar seus instrumentos de cultura, prover-se, não apenas materialmente, mas também espiritualmente, dos meios e recursos que sua preeminência nos destinos do mundo estão a reclamar. A conclusão é justa. Nem se explica de outra forma a posição dominante que os intuítos de ciências, de arte e cultura em geral ocupam no complexo da vida americana.

Aqui sobressaem, já se vê, as universidades. O meu tempo era escasso, mas ainda assim pude visitar algumas das mais famosas: Harvard, Yale, Princeton, Stanford e outras como a de Pensilvânia, a Católica de Washington, a de Chicago, a da Califórnia.

Nos Estados Unidos tudo é feito sem economia de meios nem de espaço, norma que se aplica particularmente às universidades. A universidade americana é quase sempre como uma pequena cidade autônoma, cujos habitantes, os mestres e alunos, se contam, às vezes, por muitos milhares. A da Califórnia, plantada em mais de um ponto do Estado, é uma das maiores, com seus 12.000 professores e

40.000 alunos Poderia parecer que o número de professores é no caso absurdamente excessivo em franca desproporção com a população discente. Convém esclarecer, porém, que um só aluno pode representar tantos outros quantos sejam os cursos simultâneos em que se inscreva. E observe-se ainda que, sendo as grandes universidades americanas notáveis centros de pesquisa, considerável é o número de professores entregues exclusivamente a trabalhos de investigação científica.

As vastas áreas universitárias compreendem grande número de prédios, os quais, reunidos sem a dura simetria dos quartéis, alternam com pátios claros e joviais, que se sucedem uns aos outros formando extensos parques onde reina uma tranquila atmosfera de estudo e recreio. Os mestres vivem na universidade e para a universidade. Verdadeiros instrumentos da instituição. Finda a aula, cada um se recolhe ao seu “office” e ali fica à disposição dos alunos. Ainda que em geral escassamente remunerados em confronto com os salários vigorantes no país, dedicam à tarefa universitária tempo integral.

Impossibilitado de me demorar sobre os diferentes aspectos da rotina universitária, nada me impressionou mais nesses maravilhosos estabelecimentos de formação cultural e profissional que as bibliotecas, não só pela sua riqueza em obras, como pela eficiência de sua organização. Vê-se logo que não são meros depósitos de livros. Como o livro deve acompanhar o estudante, andar atrás dele como o seu melhor amigo, obedecem às bibliotecas, frequentemente, ao critério da descentralização, segundo as múltiplas especializações do ensino.

O culto nas universidades americanas se vota ao livro poderia parecer uma forma de ostentação se houvesse lugar, no caso, para reflexões maliciosas. A biblioteca da universidade de Yale, por exemplo, tem a dignidade, as proporções, o luxo de um templo gótico. O estado de recolhimento é ali uma imposição do próprio estilo nos seus altos muros, nas suas ogivas em ascensão, nos seus vitrais. Todo o conjunto universitário de Yale é dominado pelas linhas góticas, o que lhe empresta aquele ar recolhido e severo das coisas marcadas pelo tempo.

Mas a maior coleção de livros que uma universidade já reuniu em qualquer parte do mundo é a de Harvard com seus cinco milhões de volumes e folhetos!

Correi os olhos pelas suas fabulosas estantes: obras imemoriais, Bíblias impressas por Guttemberg, primeiras edições dos grande autores italianos do Renascimento. Não sei de nenhum clássico português, dos mais remotos, que não figure ali em edições “princeps”. E às vezes há mais de um exemplar dessas raridades. Da 1ª edição dos “Lusíadas”, inclusive a clandestina, Harvard tem o privilégio de possuir nada menos que cinco exemplares.

Dallas Morning News. Texas: 14 nov. 1950.

REPORTAGEM - 'FRIENDLINESS' TO CULTURE IN U. S. ASTONISHES VISITOR

Novo número da "Provincia de S. Pedro"

A "Provincia de São Pedro", uma das principais publicações culturais que possuímos, continua a aparecer regularmente. É motivo de jubilo para todos nós não haver a Editora Globo suprimido esse magazine que não lhe traz vantagens comerciais, tão difícil continua a ser impor-se uma revista dessa ordem ao nosso público. No número 11, que acaba de aparecer figuram entre outras, colaborações de Gasparino Cruz, Roger Bastide, Fadelino Figueiredo, Ribeiro Couto, Godofredo Rangel, Otto Maria Carpeaux, que faz a crônica de livros estrangeiros e Guilherme Cesar, a de livros nacionais.

Thomas Mann e o Brasil

A Manhã - 22.11.49

"Provincia de S. Pedro"

São Paulo, 22 de Novembro de 1949. Esta revista de cultura da Editora Globo, não é o mesmo número, será melhor mesmo sem dizer de quando é de São Paulo, como sempre, com artigos, críticas, peças, de autores de colaboradores de primeira ordem, como Fadelino Figueiredo, Gasparino Cruz, Roger Bastide, Augusto Meyer, Santa Rosa, Ribeiro Couto, Otto Maria Carpeaux, Godofredo Rangel.

Brazilian Author Visits in Dallas

Dr. Moyses de Moraes Vellinho, Brazilian author and journalist, was in Dallas Friday on a tour of the United States under the auspices of the U. S. State Department.

"I particularly wanted to visit Texas," Mr. Vellinho said. "My home is Porto Alegre in the state of Rio Grande do Sul in Southern Brazil, and the country and economy are much the same. Rio Grande do Sul also is a big agricultural and ranching state."

Dr. Vellinho is a contributor to one of Brazil's leading literary magazines, and also is the author of several books of literary essays.

Dallas Morning News November 14 1950

TEXAS MUCH LIKE BRAZIL

'Friendliness' to Culture In U.S. Astonishes Visitor

By WARREN LESLIE

Dr. Moyses de Moraes Vellinho, Brazilian author, editor and president of his state's general accounting office, said he wished his English was better.

"Ah," he sighed, "if I could only speak Portuguese, I would be eloquent."

Nevertheless, his English was good enough for him to record an impression the United States has made on him during the last couple of months.

"Of course," he said in the Dallas offices of Col. Alvin H. Owsley Thursday, "all the world knows the United States by the situation it holds. Yet, now I am here, I meet a world of things which have astonished me.

"I have been to Washington, Bos-

ton, New York, Chicago, San Francisco, Los Angeles and now in Dallas. Everywhere, you have one, two, three museums. And they are well frequented. I've been so pleased . . . ah . . . oh, this English of mine . . . to see the friendliness . . ."

"Kindness and hospitality of our city," suggested Colonel Owsley.

"No," said Dr. Vellinho. "The friendliness of the people towards culture and the background they have in it.

"Oh yes," Colonel Owsley said.

"And I've wanted to visit Texas greatly," the distinguished Latin-American visitor said. "My state, Rio Grande do Sul, has many interests in common with yours.

"Agriculture," Colonel Owsley suggested.

"And ranching," Dr. Vellinho added. He sighed. "Unfortunately, no oil."

"Ah, but you have coffee," Colonel Owsley put in, "and all of us must have coffee."

"No coffee," Dr. Vellinho said. "Not in my state."

Dr. Vellinho and his wife, who speaks no English, were escorted on a tour over Dallas by Harold M. Young, honorary consul here from Brazil. The couple will leave Friday for New Orleans. Once back home, Dr. Vellinho expects to lecture on his impressions of the United States. His visit here is sponsored by the State Department's grant-in-aid program.



Dr. Moyses de Moraes Vellinho. . . . Much to say, but not many words with which to say it.

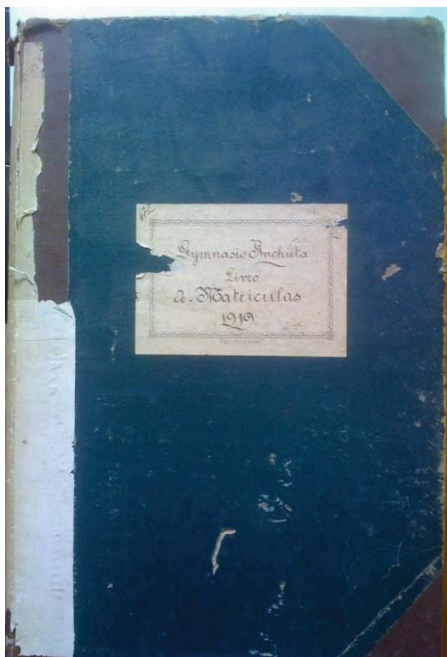
Editor From Brazil Due Here on Visit

Dr. Moyses de Moraes Vellinho, Brazilian editor and official, will arrive in Philadelphia today for a three-day visit during which he will visit educational centers and newspaper offices.

Dr. Vellinho is editor of the Brazilian literary quarterly, Provincia de São Pedro, and president of the General Accounting Office of the state of Rio Grande do Sul. He has served his country as a legislator, as a minister of justice, as a district attorney and as an official of the Department of Interior.

Porto Alegre: 1919

GINÁSIO ANCHIETA – 1919
MATRÍCULA DE MOYSÉS DE MORAES VELLINHO PARA O SEGUNDO ANO
DO ENSINO SECUNDÁRIO

ARQUIVO DO COLÉGIO JÚLIO DE CASTILHOS²⁶. Porto Alegre.

		Anno de 1919	
N.º	Nome e filiação	Idade e naturalidade	Termo de aprovação
19	Roberto Schimidt filho de Roberto Schimidt	Nasceu em 21 de Fevereiro de 1903 Rio Grande do Sul	Matriculou-se no 2º Anno do curso secund. por ter sido promovido com as seguintes notas: Portuguez 7,25; Francês 7,25; Alemão 6; Latim 6,75; Arithm. e Geom. 7,75; Geogr. e Chronogr. 6,75; Hist. Univ. 8,25; Sciencias 8,25; Desenhos 7,25. 1919 Book
20	Alfonso de Barros filho de João de Barros	Nasceu em 14 de Setembro de 1901 Rio Grande do Sul	Matriculou-se no 2º Anno do curso secund. por ter sido promovido com as seguintes notas: Portuguez 7,25; Francês 7,25; Alemão 6; Latim 6,75; Arithm. e Geom. 7,75; Geogr. e Chronogr. 6,75; Hist. Univ. 8,25; Sciencias 8,25; Desenhos 7,25. 1919 Book
21	Francisco Xavier de Castro filho de Francisco Xavier de Castro	Nasceu em 14 de Junho de 1901 Rio Grande do Sul	Matriculou-se no 2º Anno do curso secund. por ter sido promovido com as seguintes notas: Portuguez 7,25; Francês 7,25; Alemão 6; Latim 6,75; Arithm. e Geom. 7,75; Geogr. e Chronogr. 6,75; Hist. Univ. 8,25; Sciencias 8,25; Desenhos 7,25. 1919 Book
22	Francisco Xavier de Castro filho de Francisco Xavier de Castro	Nasceu em 14 de Junho de 1901 Rio Grande do Sul	Matriculou-se no 2º Anno do curso secund. por ter sido promovido com as seguintes notas: Portuguez 7,25; Francês 7,25; Alemão 6; Latim 6,75; Arithm. e Geom. 7,75; Geogr. e Chronogr. 6,75; Hist. Univ. 8,25; Sciencias 8,25; Desenhos 7,25. 1919 Book
23	João Manoel de Castro filho de Manoel de Castro	Nasceu em 14 de Junho de 1901 Rio Grande do Sul	Matriculou-se no 2º Anno do curso secund. por ter sido promovido com as seguintes notas: Portuguez 7,25; Francês 7,25; Alemão 6; Latim 6,75; Arithm. e Geom. 7,75; Geogr. e Chronogr. 6,75; Hist. Univ. 8,25; Sciencias 8,25; Desenhos 7,25. 1919 Book
24	Moyses de Moraes Vellinho filho de João Rodrigues Vellinho	Nasceu em 6 de Janeiro de 1908 Rio Grande do Sul	Matriculou-se no 2º Anno do curso secund. por ter sido promovido com as seguintes notas: Portuguez 9,75; Francês 9,75; Alemão 6; Latim 9,25; Arithm. e Geom. 8; Geogr. e Chronogr. 8,5; Hist. Univ. 9,75; Sciencias 9,75; Desenhos 9,5. 1919 Book
25	Manoel de Castro filho de Manoel de Castro	Nasceu em 14 de Junho de 1901 Rio Grande do Sul	Matriculou-se no 2º Anno do curso secund. por ter sido promovido com as seguintes notas: Portuguez 7,25; Francês 7,25; Alemão 6; Latim 6,75; Arithm. e Geom. 7,75; Geogr. e Chronogr. 6,75; Hist. Univ. 8,25; Sciencias 8,25; Desenhos 7,25. 1919 Book
26	Moyses David de Castro filho de Moyses David de Castro	Nasceu em 14 de Junho de 1901 Rio Grande do Sul	Matriculou-se no 2º Anno do curso secund. por ter sido promovido com as seguintes notas: Portuguez 7,25; Francês 7,25; Alemão 6; Latim 6,75; Arithm. e Geom. 7,75; Geogr. e Chronogr. 6,75; Hist. Univ. 8,25; Sciencias 8,25; Desenhos 7,25. 1919 Book
27	Moyses de Moraes Vellinho filho de João Rodrigues Vellinho	Nasceu em 6 de Janeiro de 1908 Rio Grande do Sul	Matriculou-se no 2º Anno do curso secund. por ter sido promovido com as seguintes notas: Portuguez 9,75; Francês 9,75; Alemão 6; Latim 9,25; Arithm. e Geom. 8; Geogr. e Chronogr. 8,5; Hist. Univ. 9,75; Sciencias 9,75; Desenhos 9,5. 1919 Book
28	Moyses de Moraes Vellinho filho de João Rodrigues Vellinho	Nasceu em 6 de Janeiro de 1908 Rio Grande do Sul	Matriculou-se no 2º Anno do curso secund. por ter sido promovido com as seguintes notas: Portuguez 9,75; Francês 9,75; Alemão 6; Latim 9,25; Arithm. e Geom. 8; Geogr. e Chronogr. 8,5; Hist. Univ. 9,75; Sciencias 9,75; Desenhos 9,5. 1919 Book

24	Moyses de Moraes Vellinho filho de João Rodrigues Vellinho	Nasceu em 6 de Janeiro de 1908 Rio Grande do Sul
28	Moyses de Moraes Vellinho filho de João Rodrigues Vellinho	Nasceu em 6 de Janeiro de 1908 Rio Grande do Sul

1919 Book	Matriculou-se no 2º Anno do curso secund. por ter sido promovido com as seguintes notas: Portuguez 7,25; Francês 7,25; Alemão 6; Latim 6,75; Arithm. e Geom. 7,75; Geogr. e Chronogr. 6,75; Hist. Univ. 8,25; Sciencias 8,25; Desenhos 7,25. 1919 Book
1919 Book	Matriculou-se no 2º Anno do curso secund. por ter sido promovido com as seguintes notas: Portuguez 9,75; Francês 9,75; Alemão 6; Latim 9,25; Arithm. e Geom. 8; Geogr. e Chronogr. 8,5; Hist. Univ. 9,75; Sciencias 9,75; Desenhos 9,5. 1919 Book

²⁶ Levantamento realizado pela pesquisadora no Arquivo do Colégio Júlio de Castilhos em 8 de agosto de 2012, com o auxílio do funcionário Jaime Antônio Sichinel.

A Federação. Porto Alegre: 8 dez. 1919. p. 4.

GINÁSIO ANCHIETA - 1919 EXAME DE BOTÂNICA DO 2º ANO SECUNDÁRIO

ACERVO DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL. Rio de Janeiro.

"A Federação" n.º 8 de dezembro de 1919

Conflagração europeia

O representado pelo presidente do Conselho de Estado...

ESTADUAL

Resultados dos exames efetuados...

NUTROGENOL Granado
RECONSTITUE AS FORÇAS
Energia Intelectual

Exames

Resultados dos exames efetuados...

"A Federação" = 8 de dezembro de 1919

Resultado dos exames parciais realizados neste Instituto.

Francês — Adauto Simões Pinheiro, Arnaldo Pinto, plenamente graças; Arnauy Pereira Lima, simplesmente pelo coroa; membro da idade. grão 5. Portuguese — José Braz, grão 4. Reprovado um candidato.

Gymnasio Anchieta

Resultado do exame de Botânica do 2º ano secundário.

Paulo Krieger, Mem Sá, Moysés M. Vellinho, plenamente, grão 8. Arno F. Arnt, Otilio M. Capra, Walter A. Mineiro, plenamente, grão 7. Armando R. Pereira, Carlos M. Barreto, Petronio Barcellos, Ruben Soares, Zeno M. S. Zielinsky, plenamente, grão 6. Alvaro B. Ferreira, Francisco A. Rosa, simplesmente, grão 5. Bruno Marsial, simplesmente, 4. Inhabilitados 17. Não compareceram dois.

Collegio Militar

Realisaram-se, hoje, os seguintes exames:

Portuguez (1º anno) Prova oral para os alumnos ns. 59, 62, 133, 139, 173, 185, 202, 210, 228, 230, 231 e 236. Supplementes: 232, 233 e 234.

Franciez (2º anno) Prova oral para

Resultado dos exames parciais realizados neste Instituto.

Francês — Adauto Simões Pinheiro, Arnaldo Pinto, plenamente graças; Arnauy Pereira Lima, simplesmente pelo coroa; membro da idade. grão 5. Portuguese — José Braz, grão 4. Reprovado um candidato.

Gymnasio Anchieta

Resultado do exame de Botânica do 2º ano secundário.

Paulo Krieger, Mem Sá, Moysés M. Vellinho, plenamente, grão 8. Arno F. Arnt, Otilio M. Capra, Walter A. Mineiro, plenamente, grão 7. Armando R. Pereira, Carlos M. Barreto, Petronio Barcellos, Ruben Soares, Zeno M. S. Zielinsky, plenamente, grão 6. Alvaro B. Ferreira, Francisco A. Rosa, simplesmente, grão 5. Bruno Marsial, simplesmente, 4. Inhabilitados 17. Não compareceram dois.

Collegio Militar

Realisaram-se, hoje, os seguintes exames:

Portuguez (1º anno) Prova oral para os alumnos ns. 59, 62, 133, 139, 173, 185, 202, 210, 228, 230, 231 e 236. Supplementes: 232, 233 e 234.

Franciez (2º anno) Prova oral para

Elixir de DEPURA -- FORTALECE

Matriculados, 37; ram. 4; faltou a reprovados, 6.

Porto Alegre: 1919.

GINÁSIO ANCHIETA - 1919
MATRÍCULA DO IRMÃO CARLOS DE MORAES VELLINHO PARA O
PRIMEIRO ANO DO ENSINO SECUNDÁRIO

ARQUIVO DO COLÉGIO JÚLIO DE CASTILHOS. Porto Alegre.

		Anno de 1919	
Nome e filiação	Idade e naturalidade	Termo de admissão	
1. <i>Henrico Melard S. Ely</i> <i>filho de Juan Virelos Ely</i>	<i>Nasceu em 14 de Novembro de 1903</i> <i>Rio Grande do Sul</i>	<i>Matriculou-se no 1º Anno do Curso Secund. por ter sido aprovado no exame de admissão com as seguintes notas: Portuguez 5; Francês 5; Ingles 4; Arithm. e Geom. 5; Geogr. e Hist. do Br. 5; Desenho 5.</i> <i>PPBook</i> <i>Henrico Melard S. Ely</i>	
2. <i>Antônio Rosa Corrêa Filho</i> <i>filho de Antônio Corrêa</i>	<i>Nasceu em 1 de Maio de 1905</i> <i>Rio Grande do Sul</i>	<i>Matriculou-se no 1º Anno do Curso Secund. por ter sido aprovado no exame de admissão com as seguintes notas: Portuguez 5; Francês 5; Ingles 4; Arithm. e Geom. 5; Geogr. e Hist. do Br. 5; Ciências 5; Desenho 5.</i> <i>PPBook</i> <i>Antônio Faringi Jr</i>	
3. <i>Carlos Moraes Vellinho</i> <i>filho de João Rodrigues Vellinho</i>	<i>Nasceu em 14 de Março de 1903</i> <i>Rio Grande do Sul</i>	<i>Matriculou-se no 1º Anno do Curso Secund. por ter sido aprovado no exame de admissão com as seguintes notas: Portuguez 5; Francês 5; Ingles 4; Arithm. e Geom. 5; Geogr. e Hist. do Br. 5; Ciências 5; Desenho 5.</i> <i>PPBook</i> <i>Carlos Moraes Vellinho</i>	
4. <i>Dacio Carvalho Bernardes</i> <i>filho de Vitalino L. Bernardes</i>	<i>Nasceu em 14 de Maio de 1903</i> <i>Rio Grande do Sul</i>	<i>Matriculou-se no 1º Anno do Curso Secund. por ter sido aprovado no exame de admissão com as seguintes notas: Portuguez 5; Francês 5; Ingles 4; Arithm. e Geom. 5; Geogr. e Hist. do Br. 5; Ciências 5; Desenho 5.</i> <i>PPBook</i> <i>Dacio Carvalho Bernardes</i>	
5. <i>Henrique B. Mendes</i> <i>filho de Bento Mendes</i>	<i>Nasceu em 14 de Maio de 1905</i> <i>Rio Grande do Sul</i>	<i>Matriculou-se no 1º Anno do Curso Secund. por ter sido aprovado no exame de admissão com as seguintes notas: Portuguez 5; Francês 5; Ingles 4; Arithm. e Geom. 5; Geogr. e Hist. do Br. 5; Ciências 5; Desenho 5.</i> <i>PPBook</i> <i>Henrique B. Mendes</i>	
6. <i>Hermes Rodrigues Correa</i> <i>filho de Hermigildo J. Correa</i>	<i>Nasceu em 14 de Julho de 1904</i> <i>Rio Grande do Sul</i>	<i>Matriculou-se no 1º Anno do Curso Secund. por ter sido aprovado no exame de admissão com as seguintes notas: Portuguez 5; Francês 5; Ingles 4; Arithm. e Geom. 5; Geogr. e Hist. do Br. 5; Ciências 5; Desenho 5.</i> <i>PPBook</i> <i>Hermes Rodrigues Correa</i>	
7. <i>Ulysses Carvalho Bernardes</i> <i>filho de Vitalino L. Bernardes</i>	<i>Nasceu em 14 de Novembro de 1903</i> <i>Rio Grande do Sul</i>	<i>Matriculou-se no 1º Anno do Curso Secund. por ter sido aprovado no exame de admissão com as seguintes notas: Portuguez 5; Francês 5; Ingles 4; Arithm. e Geom. 5; Geogr. e Hist. do Br. 5; Ciências 5; Desenho 5.</i> <i>PPBook</i> <i>Ulysses Carvalho Bernardes</i>	
8. <i>Stelipe Saverat</i> <i>filho de e Francis Saverat</i>	<i>Nasceu em 14 de Setembro de 1903</i> <i>Rio Grande do Sul</i>	<i>Matriculou-se no 1º Anno do Curso Secund. por ter sido aprovado no exame de admissão com as seguintes notas: Portuguez 5; Francês 5; Ingles 4; Arithm. e Geom. 5; Geogr. e Hist. do Br. 5; Ciências 5; Desenho 5.</i> <i>PPBook</i> <i>Stelipe Saverat</i>	

são com as seguintes notas: Portuguez 5; Francês 5; Ingles 4; Arithm. e Geom. 5; Geogr. e Hist. do Br. 5; Ciências 5; Desenho 5.
PPBook *Antônio Faringi Jr*

Matriculou-se no 1º Anno do Curso Secund. por ter sido aprovado no exame de admissão com as seguintes notas: Portuguez 5; Francês 5; Ingles 4; Arithm. e Geom. 5; Geogr. e Hist. do Br. 5; Ciências 5; Desenho 5.
PPBook *Carlos Moraes Vellinho*

A Federação. do Porto Alegre: 19 nov. 1920.

GINÁSIO ANCHIETA - 1920
RESULTADO DOS EXAMES DE PORTUGUÊS DO TERCEIRO SECUNDÁRIO

ACERVO DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL. Rio de Janeiro.

Exames GYMNASIO ANCHIETA
Resultado dos exames de português no 1º ano secundário:
Aprovado com distinção: Eurico Berner, Mario Azevedo Silveira e Victor Schmidt, grau 9; Carlos Guilherme Berner, Decio Soares de Souza, Euclides Guedes Junior, Francisco de Paula da Cunha Rangel, Henrique d'Avila Bertaso, Luthario Pabst, Luiz Carvalho de Aragão e Heitor de Sá Palmeiro da Fontoura, 8; Heitor Müller Pereira, Manoel Postiga e Saverio Zeracid Frota Scaravaglione, 7; Antonio Dias Filho, Eduardo Rodrigues Caravantes, José Leite Pereira da Silva, Pedro Azevedo Pereira, Reyny de Leonardo Truda e Ruben Monza, 6.
Aprovados simplesmente: Arthur Oscar Germany, James Franco Masson e Pedro Americo Rangel Pinto, 5; Alberto de Vasconcellos, Americo Salatino Baldino, Antonio Mostardeiro, Bayard Thomaz Flores Kraemer, Breno Costa Ferreira, Emilio Salatino Baldino, Joaquim Orivelario Difini, Luis Salatino Baldino, Pascoal La Porte Baldino e Sady Lourenço Dani, 4; Carlos da Rocha Moreira, 3 1/2.
Reprovado 1. Inhabilitado 2. Não compareceram 28.
Exame de português do 3º secundário.
Arvo Arnt e Moyses Vellinho 9; Paulo B. Ferreira, Francisco Soares e Mem SA, 8; Paulo Krieger e Carlos menna Barreto, 7; Francisco Perrone, Petronio G. Barcellos, Walter Quadros Mineiro e Ruben Soares, 6; Ayr Pillaes Soares, Bruno Marsal e Alvaro Difini, 5; Ademar Difini, Armando Pereira, Zeno M. Zileinsky, Carlos M. Bins e Lacy Monza, 4.
Inhabilitado 1. Não compareceu 1.

Sports

Foot-Ball
Grêmio vence Uruguayan
No Pôrto, em contendação de equipes...

Exames

Exames de português do 1º ano secundário
Aprovado com distinção: Eurico Berner, Mario Azevedo Silveira e Victor Schmidt, grau 9...

Exames

Exames de português do 3º ano secundário
Aprovado com distinção: Eurico Berner, Mario Azevedo Silveira e Victor Schmidt, grau 9...

Exames

Exames de português do 1º ano secundário
Aprovado com distinção: Eurico Berner, Mario Azevedo Silveira e Victor Schmidt, grau 9...

Exames

Exames de português do 3º ano secundário
Aprovado com distinção: Eurico Berner, Mario Azevedo Silveira e Victor Schmidt, grau 9...

Exames

Exames de português do 1º ano secundário
Aprovado com distinção: Eurico Berner, Mario Azevedo Silveira e Victor Schmidt, grau 9...

Exames

Exames de português do 3º ano secundário
Aprovado com distinção: Eurico Berner, Mario Azevedo Silveira e Victor Schmidt, grau 9...

Exames

Exames de português do 1º ano secundário
Aprovado com distinção: Eurico Berner, Mario Azevedo Silveira e Victor Schmidt, grau 9...

Exames

Exames de português do 3º ano secundário
Aprovado com distinção: Eurico Berner, Mario Azevedo Silveira e Victor Schmidt, grau 9...

Exames

Exames de português do 1º ano secundário
Aprovado com distinção: Eurico Berner, Mario Azevedo Silveira e Victor Schmidt, grau 9...

Exames

Exames de português do 3º ano secundário
Aprovado com distinção: Eurico Berner, Mario Azevedo Silveira e Victor Schmidt, grau 9...

Exames

Exames de português do 1º ano secundário
Aprovado com distinção: Eurico Berner, Mario Azevedo Silveira e Victor Schmidt, grau 9...

Exames

Exames de português do 3º ano secundário
Aprovado com distinção: Eurico Berner, Mario Azevedo Silveira e Victor Schmidt, grau 9...

Exames

Exames de português do 1º ano secundário
Aprovado com distinção: Eurico Berner, Mario Azevedo Silveira e Victor Schmidt, grau 9...

Exames

Exames de português do 3º ano secundário
Aprovado com distinção: Eurico Berner, Mario Azevedo Silveira e Victor Schmidt, grau 9...

Exames

Exames de português do 1º ano secundário
Aprovado com distinção: Eurico Berner, Mario Azevedo Silveira e Victor Schmidt, grau 9...

A Federação. Porto Alegre: 1º. Jan. 1926. p. 38.

FACULDADE DE DIREITO - 1926
APROVAÇÃO NAS CADEIRAS DO 4º ANO DA
FACULDADE DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS

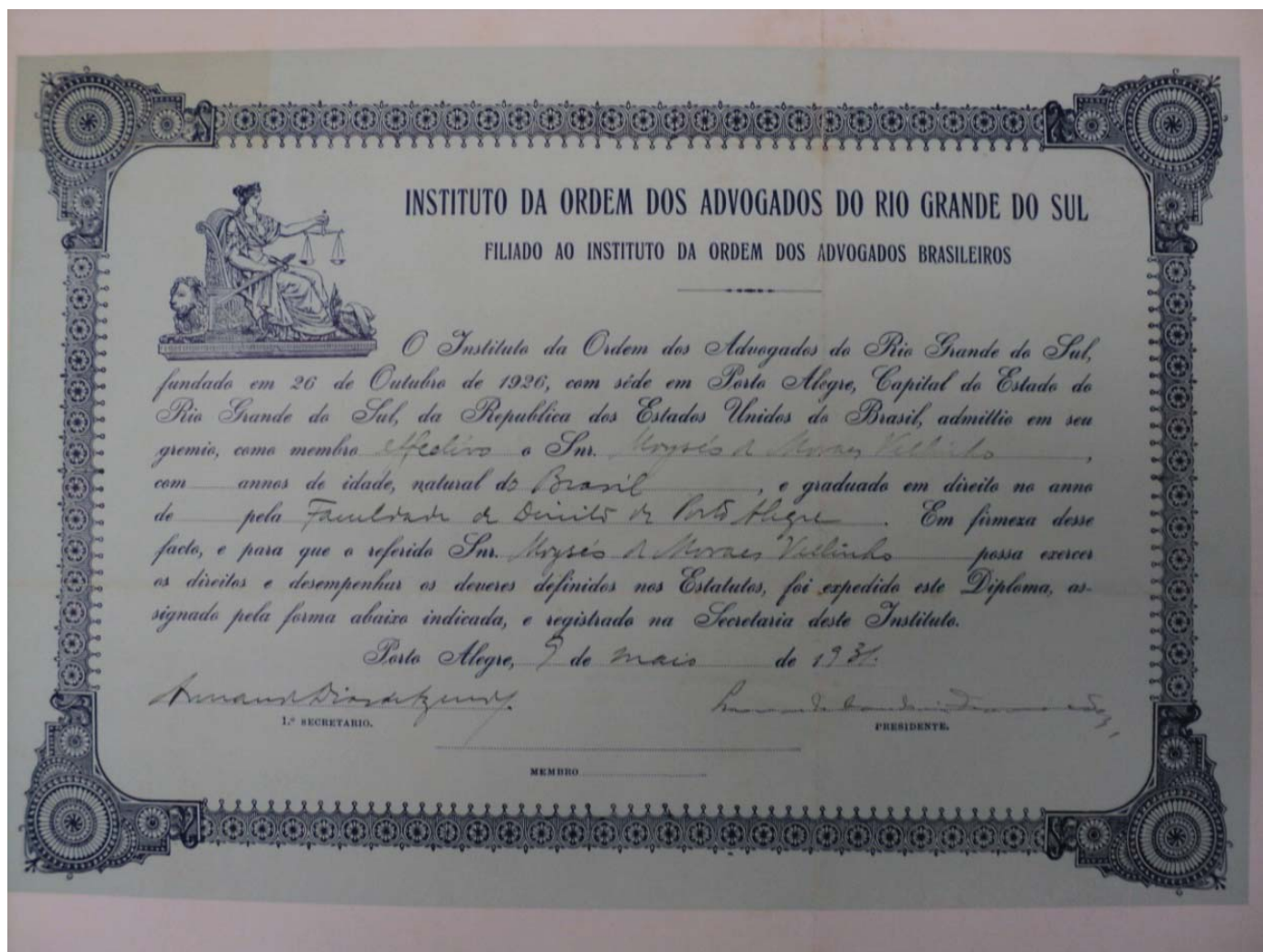
ACERVO DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL. Rio de Janeiro.

Scanned page containing exam results for Law Faculty, 1926. The page is divided into columns for different subjects like 'Direito Civil', 'Direito Penal', 'Direito Commercial', 'Estatística', 'Geometria Analytica', 'Geometria Geometrica', 'Algebra', 'Fisica Geral', 'Botanica Especial', 'Metereologia', 'Machinas Agrarias', 'Estatística', 'Geometria Analytica', 'Geometria Geometrica', 'Algebra', 'Fisica Geral', 'Botanica Especial', 'Metereologia', 'Machinas Agrarias'. It lists names of students and their grades. On the right side, there is an advertisement for 'Costeira' shipping line, listing destinations like Bahia, Recife, Parahyba, Natal, Ceará, Maranhão, and mentioning 'VIAGENS SEMANAIS E SABBADOS'. The advertisement also includes the text 'Itaúba (Com radiographia)' and 'com escálas por Pelotas, Rio Grande, Santos, Rio, Bahia, Recife, Parahyba; Natal, Ceará e Maranhão.' There are also some small notices and dates like '7 DE SETEMBRO N. 32'.

Porto Alegre: 9 mai. 1931.

DIPLOMA DA ORDEM DOS ADVOGADOS DO RIO GRANDE DO SUL – 1931

ACERVO MOYSÉS VELLINHO. DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS.



A Federação. Porto Alegre: 17 fev. 1933.

INSCRIÇÃO NO QUADRO DE ADVOGADOS DA ORDEM - 1933

ACERVO DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL. Rio de Janeiro.

A FEDERAÇÃO DIÁRIO CEBRAL DO GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Orgão do Partido Republicano Liberal. Rua dos Andaraes, 30-31. PORTO ALEGRE.

SERVICO DE IDENTIFICACAO ELEITORAL Os trabalhos do posto instalado na sede do Tribunal Federal.

RESERVISTA PROCURADO Demora comparecer, com a carteira profissional, a 2ª Promotoria de Curitiba, Paraná, a respeito de Antonio Manoel Farias, filho de Antonio de Souza e de Maria de Souza.

SINDICATO DOS COMERCIANTES VAREJISTAS DE PORTO ALEGRE

Reservista procurado Demora comparecer, com a carteira profissional, a 2ª Promotoria de Curitiba, Paraná, a respeito de Antonio Manoel Farias, filho de Antonio de Souza e de Maria de Souza.

NEGOCIOS PASTORIS

Assembleia geral da Igreja Evangélica de Cristo, em Curitiba, Paraná, em 17 de fevereiro de 1933.

Assembleia geral da Igreja Evangélica de Cristo, em Curitiba, Paraná, em 17 de fevereiro de 1933.

Assembleia geral da Igreja Evangélica de Cristo, em Curitiba, Paraná, em 17 de fevereiro de 1933.

Assembleia geral da Igreja Evangélica de Cristo, em Curitiba, Paraná, em 17 de fevereiro de 1933.

Delegacia Fiscal

Delegacia Fiscal

Delegacia Fiscal

Delegacia Fiscal

Delegacia Fiscal

Delegacia Fiscal

Delegacia Fiscal

Delegacia Fiscal

Delegacia Fiscal

Delegacia Fiscal

Delegacia Fiscal

Delegacia Fiscal

Delegacia Fiscal

Delegacia Fiscal

Homenagem à memória do coronel João Correia

Homenagem à memória do coronel João Correia

Homenagem à memória do coronel João Correia

Homenagem à memória do coronel João Correia

Homenagem à memória do coronel João Correia

Homenagem à memória do coronel João Correia

Homenagem à memória do coronel João Correia

Homenagem à memória do coronel João Correia

Homenagem à memória do coronel João Correia

Homenagem à memória do coronel João Correia

Homenagem à memória do coronel João Correia

Homenagem à memória do coronel João Correia

Homenagem à memória do coronel João Correia

Homenagem à memória do coronel João Correia

A justiça estadual em 8.º Sebastião do Cal

A justiça estadual em 8.º Sebastião do Cal

A justiça estadual em 8.º Sebastião do Cal

A justiça estadual em 8.º Sebastião do Cal

A justiça estadual em 8.º Sebastião do Cal

A justiça estadual em 8.º Sebastião do Cal

A justiça estadual em 8.º Sebastião do Cal

A justiça estadual em 8.º Sebastião do Cal

A justiça estadual em 8.º Sebastião do Cal

A justiça estadual em 8.º Sebastião do Cal

A justiça estadual em 8.º Sebastião do Cal

A justiça estadual em 8.º Sebastião do Cal

A justiça estadual em 8.º Sebastião do Cal

A justiça estadual em 8.º Sebastião do Cal

O aniversário do Conselho de Urucubana

O aniversário do Conselho de Urucubana

O aniversário do Conselho de Urucubana

O aniversário do Conselho de Urucubana

O aniversário do Conselho de Urucubana

O aniversário do Conselho de Urucubana

O aniversário do Conselho de Urucubana

O aniversário do Conselho de Urucubana

O aniversário do Conselho de Urucubana

O aniversário do Conselho de Urucubana

O aniversário do Conselho de Urucubana

O aniversário do Conselho de Urucubana

O aniversário do Conselho de Urucubana

O aniversário do Conselho de Urucubana

Delegacia Fiscal neste Estado.

Delegacia Fiscal neste Estado.

Delegacia Fiscal neste Estado.

Delegacia Fiscal neste Estado.

Delegacia Fiscal neste Estado.

Delegacia Fiscal neste Estado.

Delegacia Fiscal neste Estado.

Delegacia Fiscal neste Estado.

Delegacia Fiscal neste Estado.

Delegacia Fiscal neste Estado.

Delegacia Fiscal neste Estado.

Delegacia Fiscal neste Estado.

Delegacia Fiscal neste Estado.

Delegacia Fiscal neste Estado.

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

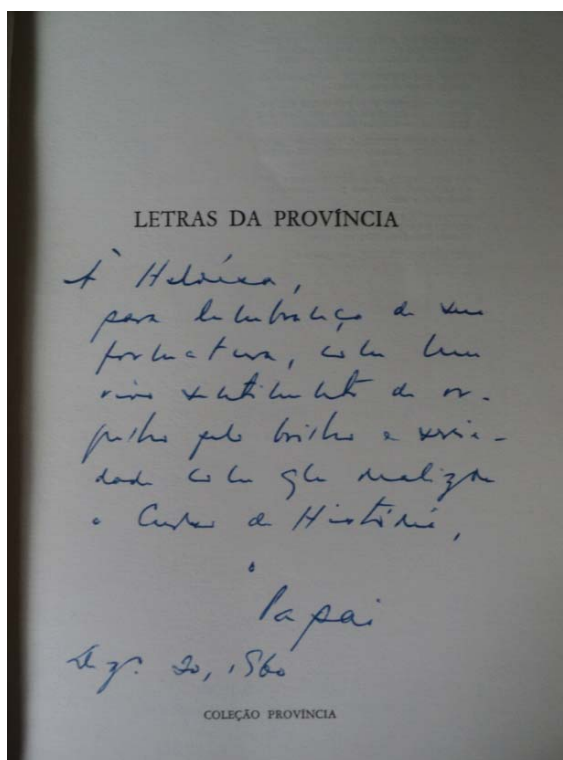
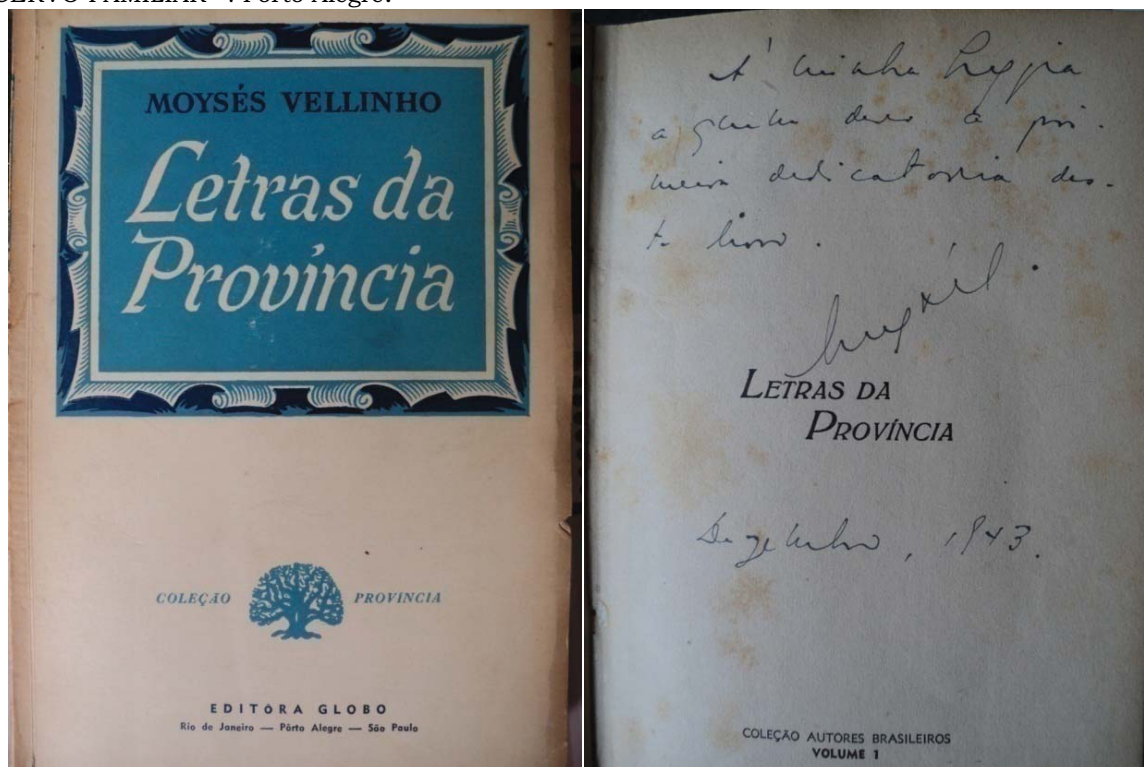
Ordem dos Advogados

Ordem dos Advogados

Porto Alegre: 1960

**DEDICATÓRIAS À ESPOSA LYGIA E À FILHA HELOÍSA NA OBRA
LETRAS DA PROVÍNCIA**

ACERVO FAMILIAR²⁷. Porto Alegre.



²⁷ Material gentilmente cedido à pesquisadora por Heloísa Vellinho Corso, filha de Moysés Vellinho, para compor esta investigação.

Porto Alegre: 25 nov. 1962.

**CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO NO III CONGRESSO DOS TRIBUNAIS
DE CONTAS DO BRASIL NA CONDIÇÃO DE MINISTRO – 1962**

ACERVO MOYSÉS VELLINHO. DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS.



Porto Alegre: 3 dez. 1934.

CARTEIRA DE MOTORISTA - 1934

ACERVO FAMILIAR²⁸. Porto Alegre.



²⁸ Material do Acervo Familiar, doado ao DELFOS, por intermédio da pesquisadora, após ter sido gentilmente cedido por Heloísa Vellinho Corso, filha de Moyses Vellinho, para esta investigação.

Porto Alegre: 12 abr. 1937./24 out. 1947.

**CARTEIRA DA ASSEMBLEIA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
CARTEIRA DE INSCRIÇÃO NO CLUBE DO COMÉRCIO**

ACERVO FAMILIAR²⁹. Porto Alegre.



²⁹ Material do Acervo Familiar, doado ao DELFOS, por intermédio da pesquisadora, após ter sido gentilmente cedido por Heloísa Vellinho Corso, filha de Moyses Vellinho, para esta investigação.

Porto Alegre: 1930/ 1940

MOYSÉS VELLINHO – 1930/1940³⁰

IMAGEM 1 - INTEGRANTE DA OBRA NETO, Lira. *Getúlio: dos anos de formação à conquista do poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

IMAGEM 2 - ACERVO FAMILIAR. Porto Alegre.



A partida do comboio revolucionário de Porto Alegre, em 11 de outubro de 1930.



³⁰ Períodos aproximados dos registros fotográficos.

MOYSÉS VELLINHO – 1906/1940³¹
MOYSÉS VELLINHO COM SUA MÃE ADALGIZA E IRMÃOS
MOYSÉS VELLINHO EM VERANEIO COM SUA FAMÍLIA EM
DESVIO BLAUTH/RS

ACERVO FAMILIAR. Porto Alegre.



³¹ Períodos aproximados dos registros fotográficos.

Porto Alegre: 1956/ 1979.

**MOYSÉS VELLINHO E ESPOSA LYGIA VELLINHO EM VIAGEM DE NAVIO A
BERKELEY, EUA - 1956**

**MOYSÉS VELLINHO E ESPOSA JUNTO AOS FILHOS, GENROS E NORA NA
CELEBRAÇÃO DE SEUS 50 ANOS DE CASAMENTO - BODAS DE OURO
28/12/1979.**

ACERVO FAMILIAR. Porto Alegre.



Porto Alegre: 1956/ 1979.

MOYSÉS VELLINHO E LYGIA VELLINHO NA COMEMORAÇÃO DE SEUS 50 ANOS DE CASAMENTO - BODAS DE OURO - 28/12/1979.

ACERVO FAMILIAR. Porto Alegre.



Porto Alegre: 28 dez. 1979.

**COMEMORAÇÃO DOS 50 ANOS DE CASAMENTO DE MOYSÉS E LYGIA
VELLINHO- BODAS DE OURO -28/12/1979
VELLINHO E SUA FILHA HELOÍSA VELLINHO CORSO³²**

ACERVO FAMILIAR. Porto Alegre.



³² Inseriu-se esse registro fotográfico de pai e filha como resgate histórico e também como forma de agradecimento da pesquisadora à Heloisa Vellino Corso pela atenção e disponibilidade em contribuir para esta pesquisa por meio de depoimentos e documentos do acervo familiar.